Vol. IV Janeiro de 1892 N.º 20

REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

LUIZ DE MAGALHÃES
SUB-DIRECTOR

ROCHA PEIXOTO
SECRETARIO DA REDACÇÃO

Summario

PAG.
125. HONTEM E HOJE..... Alberto Sampaio.
142. A ARTE, A CRITICA E OS ARTISTAS PORTUGUEZES NO SALÃO PARISIENSE DE 1891..... Jayme Batalha Reis.
166. XANÓ-POY..... Antonio Joaquim.
181. ORA MARITIMA..... F. Martins Sarmento.
203. IDÉAS E FACTOS..... J. L.
224. POESIAS DE H. HEINE..... Izabel Leite.
233. POLITICA INTERNA..... Jayme de Magalhães Lima.
244. REVISTA DE CRITICA LITTERARIA.. Theophilo Braga.
252. BIBLIOGRAPHIA.

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Correspondentes

PARIS

AMEDÉE PRINCE & Cie
34, Rue de Provence

Vve EMILE MELLIER
17, Rue Séguier

A **Revista de Portugal** publicará brevemente

UM CONTO DE EÇA DE QUEIROZ

intitulado:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**
(Fr. 40)	**(Fr. 21,10)**

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO

Theophilo Braga

As modernas ideias na litteratura portugueza. 2.º vol.
As lendas christãs. 1 vol.

Eça de Queiroz

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 vol.

Methodo de Ahn

Curso de lingua italiana, adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros pelo professor *H. Brunswick.* Segunda edição correcta e augmentada. 1 vol.

THE J. PAUL GETTY CENTER

HONTEM E HOJE

Não raras vezes acontece que o vicio constitucional d'uma sociedade fica persistente, e se transforma em mal hereditario, transmittindo-se de geração em geração, com a crueldade que a natureza não poupa ás organisações debeis, sempre o mesmo no fundo, apesar de diverso na apparencia, proveniente d'esse estado morbido primitivo. Depois, assim como um individuo póde viver com lesões profundas, enfraquecidamente sim, mas vive — do mesmo modo a sociedade de conformação defeituosa poderá ter tambem uma longa existencia, se causas externas lhe não determinam o desapparecimento. Tal é a lição que nos subministra a historia portugueza.

Sustado no meio do seu desenvolvimento, Portugal nunca pôde na administração publica compensar a receita com a despeza, nem economicamente estabelecer o equilibrio entre a producção e o consumo, de fórma a tornar-se um organismo, satisfazendo-se todas as exigencias da vida social. Por isso succedem-se a miudo as catastrophes que a população expia em silencio; por isso os melhores tempos são sempre d'uma prosperidade apparente, porque dependem de condições fortuitas, fóra da sua acção.

Desde o seculo XII, um ideal politico commum, reunindo sob uma bandeira os homens da marka portugalense para

a conquista dos territorios ao sul do Mondego, déra-lhes uma certa cohesão, como a muitos outros grupos que se formaram por esse tempo na peninsula. Partindo, cheios de energia e fervor religioso, do seu pobre paiz de montanhas, foram descendo gradualmente para as ricas planicies meridionaes, apertados ao occidente pelo oceano e a leste pelas conquistas dos seus irmãos leonezes, ficando por tal fórma demarcada a estreita cinta do solo nacional.

Á medida porém que os rudes e heroicos conquistadores avançavam, iam adquirindo enormes extensões desertas, assoladas por guerras seculares; e as gentes, que comprehendiam na sua conquista, eram d'uma estirpe ethnologica differente da sua. Para quem vinha do norte, esses ermos deviam ferir-lhe immediatamente a attenção: e de facto, a primeira dynastia, que conquistou, principiou desde logo a povoar e a cultivar, attrahindo colonos com insistencia, estrangeiros ou dos proprios districtos de população mais densa. Os reis batalhadores queriam um reino fortemente povoado e cultivado; nem sequer consentiam que ficasse inculto o casal abandonado pelo proprietario. A agricultura desenvolve-se; semelhantemente a industria, e o trabalho do mar — a pesca, a navegação e as construcções maritimas. É a riqueza nas suas fórmas variadas que vai surgindo, ao passo que se adianta a organisação social.

A proficua e sensata administração affonsina, se fosse até ao seu complemento, teria feito do pequeno estado peninsular uma verdadeira nação. A creação da riqueza pelo trabalho dar-lhe-ia a independencia economica, base essencial para a autonomia politica; e o povoamento tornaria a raça homogenea, pois que o maior numero havia de ser dos habitantes ao norte do Vouga, que foi sempre um viveiro de homens. Estes, introduzidos em grandes massas no sul, por força absorveriam os elementos ethnicos extra-europeus, ahi predominantes.

Mas esta construcção estava muito longe de completar-se, quando findou a primeira dynastia. Seria necessario insistir ainda por mais algumas gerações; infelizmente aconteceu o contrario. O novo curso que tomaram as coisas no proprio tem-

po do fundador da segunda dynastia interrompeu para sempre a politica anterior: d'onde resultou permanecerem em paiz tão restricto enormes manchas incultas e duas raças antipathicas, que se não amam, nem se entendem — dois povos juxtapostos, cada qual com a sua indole e a sua particular comprehensão da vida.

Entre os dois levantou-se a capital com uma classe superior comospolita, tendo por fundo a antiga população sarracena, e os escravos africanos importados depois em escala desproporcionada. A grande cidade, se pela situação era adequada á florescencia das expedições maritimas, tambem devia ser, dado o dualismo ethnico, a unica a imperar sobre homens que não podiam formar entre si uma opinião politica commum. A classe dirigente, de procedencias desvairadas, não se prendendo nem a tradições nem á vontade d'um povo, podia lançar-se nas maiores phantasias governativas. Sobre um unico ponto, porém, se entenderam todos — homens do norte e do sul, quando appareceu o novo rumo que abriu a expugnação de Ceuta.

Este brilhante feito d'armas, executado com tanta bravura e não menos fortuna, foi o ponto de partida d'um novo modo de ser da sociedade. A elle foram-se seguindo as explorações do infante D. Henrique. Gradualmente, á medida que avançam até que foi desvendado o caminho da India, vai parando o desenvolvimento do trabalho interno e nascendo em toda a população o espirito de aventura, que nunca mais se extinguirá. As mesmas faculdades intellectuaes atrophiaram-se-lhe para tudo que não fosse viajar e mercadejar. Nem a agricultura, a industria, a sciencia ou as bellas-artes a preoccuparão fundamentalmente. Os seus homens superiores exerceram-se a descrever as terras e gentes que visitaram; mas ainda essa admiravel livraria de viagens cahiu totalmente no esquecimento, e quando uma academia as quiz colleccionar, teve de recorrer a traducções, a manuscriptos ou raros exemplares, esquecidos no fundo das bibliothecas.

Nem sequer estes se liam: ou porque os factos e as coisas interessassem mais que a leitura, ou porque havia um li-

vro que os resumia — o d'um poeta prodigioso, que foi elle mesmo um ousado aventureiro, e soube exprimir incomparavelmente no seu poema immortal esse desejo de vêr e correr mundo, esse estranho sentimento que lançava a todos por paragens e mares desconhecidos. Generalisando-se, elle accenderia cada vez mais o enthusiasmo da partida, e seria companheiro bastante a quem tinha posto o intento n'essas lides longinquas, que podiam dar thesouros n'um golpe de mão, encontrando cada um ahi tambem repassados de saudade as recordações do *ninho seu paterno.*

Excepto Camões, nenhum outro poeta, litterato ou homem de sciencia, teve o favor popular, pois a população nunca mais se preoccupou com trabalhos de espirito; quem não pensava senão em viajar e mercanciar não podia dar-se á contemplação das idéas; por isso os mestres estrangeiros, repetidas vezes chamados, nunca conseguiram despertar verdadeiro interesse para as sciencias que professavam, nem jámais poderam fazer escóla.

De facto, que importava o progresso moral e industrial d'estas oitenta leguas de cinta littoral, se estava aberto o grande mundo, cheio de opulencias nunca vistas? A attenção de uns e outros voltou-se desde logo para essas maravilhosas emprezas maritimas. Embarcaram todos; e os clamores dos que viam n'ellas um impulso ruinoso foram vozes perdidas; ninguem as escutou. A miragem das grandezas cegava os olhos á realidade.

*

* *

Parada a reconstrucção economica, apparecem immediatamente as difficuldades que se têm seguido sempre n'uma longa e triste successão até hoje. A penuria geral sente-se logo no tempo do proprio fundador da nova dynastia. Primeiramente elle teve de prodigalisar os bens da corôa para pagar os serviços dos sectarios que lhe ganharam o throno. Depois Ceuta tornou-se um constante sorvedouro de homens e cabedaes. Se a

expugnação foi facil, a conservação era tão onerosa, que mal podia manter-se. Na ultima quadra da vida, D. João I encontrava-se com o thesouro exhausto. Os bens da corôa haviam passado ao dominio de particulares, e o povo não podia soffrer aggravamento de impostos. Com custo se fazia face ás despezas publicas, e para a mesma expedição de Ceuta foi necessario recorrer a emprestimos e donativos.

Os apuros financeiros augmentam ainda d'uma maneira mais accentuada nos reinados de D. Duarte e D. Affonso V. O primeiro viveu sempre nos maiores apertos pecuniarios. Sem soldados e sem meios, viu-se forçado a deixar morrer o irmão no captiveiro de Fez. O desastre de Tanger custára sacrificios enormes; não era possivel renoval-os, antes do paiz se refazer um pouco. Bem espremido, elle pôde comtudo produzir as expedições africanas do segundo e acompanhal-o na sua phantastica pretensão á corôa da Hespanha, mas com quantos vexames! Nem sequer escapou a prata das igrejas e o dinheiro dos orphãos. A situação era cada vez mais dura, e o pobre rei quasi teve de abdicar.

D. João II, o primeiro dos reis mercadores, adiantando as explorações maritimas, procurou ahi os meios que lhe negava a pobreza do seu reino; enriqueceu com ellas, mas nem por isso cresceu o bem-estar de todos. Por mais d'uma vez importou cereaes, pois nem sempre os campos produziam pão para o alimento do povo. Do mesmo modo o trabalho fabril estava tão atrazado que para as bodas do filho mandou vir da Italia brocados, sêdas e telas de ouro e prata; da Allemanha, Flandres, Irlanda e Inglaterra, as tapeçarias, os pannos finos de lã e outros tecidos; juntamente vieram ourives, douradores e operarios de mais officios. Como não bastassem as importações por elle feitas, abriu os portos ás manufacturas estrangeiras. Todo este luxo, porém, de nada servia ás classes superiores, que não podiam pagal-o. O rei vestiu então uns á sua custa, dando-lhes ainda dinheiro, armas e cavallos, que importou tambem; a outros vendeu fiado por dois annos, e a todos, que fossem ás festas exhibir essas magnificencias de emprestimo, segurou-lhes pelo

mesmo tempo as rendas que empenhassem e concedeu-lhes moratoria d'um anno para as dividas e demandas.

Apesar da profunda miseria que revelam estes factos minuciosamente descriptos pelo chronista, elle teve quasi sempre boas finanças, graças ao tracto da Guiné, que conservou no mais rigoroso segredo. Todavia parece que não era bastante o resgate exclusivo d'essas regiões mysteriosas, nem lhe bastava o ouro que lhe traziam as caravelas; a sua avidez ou precisão não recuou diante do ignobil tributo sobre os judeus refugiados de Hespanha, dos quaes «ouve hua grãde soma». O principe, a que chamaram *perfeito*, se conseguiu, mediante o punhal e o veneno, abater a aristocracia, creada pelo fundador da sua familia, em vez de se desvelar pela restauração das forças vitaes internas, lançou as bases da mercancia official, e elle mesmo fomentou a rapina e a desordem administrativa das colonias, dizendo a Lopo Soares «eu vos mando a Mina, não sejaes tão pêco que venhaes de lá pobre».

Durante este reinado até ao de D. João III, no periodo da maior gloria e expansão maritima, o decrescimento da producção agricola e industrial, e a escassez da população, vão augmentando sempre d'uma maneira que assustaria qualquer observador superficial, não totalmente obcecado. A lavoira definhava, a industria diminuia. A terra d'onde partiam os ousados navegantes não dava ao menos as subsistencias indispensaveis, nem os artigos de troca necessarios para o commercio das regiões recentemente descobertas, nem até todos os homens, porque as esquadras andavam cheias de estrangeiros. Com as especiarias e drogas da India pagavam-se os soldos; compravam-se os cereaes e objectos indispensaveis á vida nacional e ao negocio. Comprava-se tudo; por isso essas riquezas legendarias, mal aportavam, escoavam-se rapidamente, porque faltava uma industria que as fixasse; entravam e sahiam, como em transito pelos armazens d'um negociante. O lucro, que deixavam, passava ao bolso do chefe e dos seus assalariados, que as gastavam á mercê da imaginação, mas não accrescentava o capital da communidade, que em vez de enriquecer, empobrecia.

A peste e a fome vinham a miudo assombrear mais o triste quadro da administração interna. O imperio colonial, não tendo por base o trabalho, era uma phantasmagoria, que a primeira inconstancia da fortuna fazia desapparecer tão depressa como nascera.

Os reis e ministros governaram então como patrões d'uma vasta empreza commercial, tendo a seu serviço a clientela a que chamavam «nação», mas que o não era na realidade. A sua voz não se ouvia, nem expressava uma opinião sobre os negocios do estado. Os portuguezes do norte e sul embarcavam, traficavam por conta dos chefes ou por sua propria, pelejavam, exploravam, mas eram completamente indifferentes ás questões internas.

Despezas publicas e particulares não tinham outra receita senão as drogas e especiarias que desembarcavam periodicamente em Lisboa. Com o producto d'ellas, e não com o trabalho paciente de dia a dia, se sustentava tudo. Os reis impellidos pela febre do mercantilismo, dispondo de valores fabulosos que lhes chegavam, como por encanto, se viam as ulceras profundas que roíam o organismo nacional, se de vez em quando lhes procuravam remedio, não lhes davam o cuidado preciso, nem os povos se interessavam por essas questões. Tal era o definhamento industrial, que na mesma época de D. Manoel foi necessario importar operarios para as construcções de galés.

A aventura era o moto geral. Valia a pena labutar duramente na terra, ou transformar a materia bruta em productos fabris, quando era possivel enriquecer n'uma viagem?

O estado, estabelecido assim sem fundamentos solidos, preclitava desde o principio, e havia de afundir-se fatalmente, logo que cessasse por qualquer motivo a remessa seguida d'esses valores commerciaes, obtidos ao longe, á mão armada, no meio de combates incessantes. Por isso o periodo da opulencia dura apenas um instante. O successor do rei venturoso, D. João III, fallia em Flandres, lançava um imposto de capitação e creava a divida publica — herança que os vindouros centuplicariam com decidido amor. Era tamanho o enfraquecimento da mari-

nha de guerra, que por causa das naus da India, elle curvava-se submisso e vergonhosamente diante d'um corsario francez.

Não havia dinheiro que abundasse a penuria, pela falta da producção industrial. As riquezas do Oriente vinham n'um caudal perenne, mas desappareciam instantaneamente, como gotas d'agua sobre um chão resequido. A emigração levava a gente, e portanto as forças vitaes, dispersadas agora por todo o mundo. Os ermos cresciam; a producção diminuia e a miseria geral era cada vez maior. Por fim a tragica aventura de Alcacer-Quibir veio demonstrar como era vã toda essa grandeza.

O periodo faustuoso da dynastia de Aviz liquidou-se pela annexação á Hespanha. Portugal entra emfim na unificação peninsular; entra n'ella indifferentemente, sem amor nem odio. Este acontecimento pouco podia interessar a quem tinha posto o seu ideal nas viagens e no tracto das regiões ultramarinas.

Ao geral da população devia de facto ser-lhe igual o governo de Madrid ou de Lisboa, uma vez que a deixassem partir e correr aventuras n'essas terras exoticas, pois a sua era sómente o *ninho paterno*, onde cada um vinha ostentar as riquezas que extorquira, ou esmolar a caridade dos patrões. Messianista ou mercadejante, não podia interessar-se por nenhuma das questões que constituem a vida nacional dos povos: incapaz de comprehender o valor da unificação, esperava que D. Sebastião, resurgido, fizesse refluir de novo a onda das opulencias passadas, e no entretanto continuava a emigrar, como d'antes, impellida pela miseria, que tem sido sempre o hospede funebre da sua casa escalabrada.

*

* *

Uma descoberta fortuita na ultima década do seculo XVII, abundando de immensos capitaes a penuria de tantos annos magros, substituiu o caudal antigo com não menor vantagem; vasando riquezas fabulosas sobre o paiz extenuado e quasi sem recursos, deu-lhe de novo a apparencia de vitalidade. Portugal

emprehende então uma nova viagem e embarca para o Brazil, como precedentemente embarcára para a India; com o ouro e os diamantes d'aquella região, vai cobrir o *deficit* da producção nacional e exhibir mais outra vez uma prosperidade ficticia.

Durante o governo de Hespanha, o paiz seguia a sorte commum da peninsula; posto que o regime do ultimo monarcha hespanhol fosse duro para Portugal, não era mais suave para as demais provincias; e se n'este ultimo periodo da unificação a pobreza era grande, ella augmentou todavia depois de 1640. O novo governo, apesar de se dizer «nacional», não cuida da economia interna; tendo de sustentar uma guerra ruinosa, explora unicamente os recursos existentes. Triste guerra da independencia que se dilata por vinte e oito longos annos, apenas illuminada a espaços por fulgores de heroismo, dignos de outra sorte! Antes de Castello-Melhor, sem commando firme, nem plano nitido, oscillava tudo á mercê das intrigas. A população, em vez de se levantar em massa e correr ás armas, assistia sem interesse á mudança do scenario. Era preciso empregar as maiores violencias para fazer as levas de recrutas, e os soldados desertavam aos milhares. As côrtes votavam os creditos, mas por entre as discordias dos tres estados, por entre queixas repetidas de má administração, de vexames e do esgotamento geral. As finanças saldavam-se com *deficit*, e o da balança commercial montava por anno a um milhão e quinhentos mil cruzados. O imperio do Oriente desmoronava-se diante das esquadras dos Hollandezes, das rixas e incapacidade dos governadores, enviados de Lisboa; e o Brazil, se ficou portuguez, deveu-o á energia dos seus proprios habitantes, não poucas vezes contrariados pela má vontade do novo governo. Tanger e Bombaim foram na *corbeille* d'uma noiva.

Quanto era forte o ideal politico d'este movimento, conhecia-o bem o proprio chefe d'elle, que tratava em segredo o casamento do primogenito com a herdeira do throno de Hespanha. Por seu lado, o povo batia-se quasi sempre com bravura, mas sem enthusiasmo, como quem pagava um tributo lançado pela força das circumstancias. Para outras paragens se voltava o

scismar de todos; e no fundo do seu sonho sebastianista estava sem duvida est'outro da aventura, do largo mundo que se tinha ido desenrolando, á medida que proseguiam as navegações.

A conjuração de Lisboa não fez reviver um povo, escreveu sómente de novo um nome na carta politica da Europa; esse nome, apagado durante sessenta annos, servirá agora como mais um tento no jogo da diplomacia europeia. Uma restauração politica que se não fundamentasse na organisação das forças economicas e na illustração intellectual, seria sempre illusoria, podendo servir ás ambições d'este ou d'aquelle, mas nunca ao bem commum.

Uma provincia, por isso que faz parte d'um organismo mais amplo, não precisa para o cumprimento da sua vida social de todo este dispendio de riqueza e intelligencia, como a « nação », que tem de se satisfazer a si propria, de dispôr de alto entendimento governativo, para se poder defrontar com as outras nações, acompanhal-as no seu progresso e resistir a qualquer aggressão; d'estas exigencias fundamentaes nunca porém se preoccuparam os conjurados.

No fim d'esse periodo obscuro da guerra da independencia, Castello-Melhor, dispondo d'uma capacidade excepcional, conseguiu reorganisar as forças militares e ganhar a victoria; mas não logrou comtudo sustentar-se no poder, nem realisar os planos que lhe suggeriam a sua vasta intelligencia e actividade. Cahiu, victima das intrigas da côrte, porque lhe faltou o apoio da população; tivesse ella adoptado com decidido amor a nova ordem de coisas, a politica d'este homem superior por força havia de ser perfilhada pelo grande numero, e a conservação d'elle seria imposta pela vontade de todos. Pelo contrario a plebe, a nobreza da capital acclamaram o irmão de Affonso VI e patearam o grande ministro — um dos maiores espiritos que têm apparecido na scena portugueza. A derrocada não tardou. Se Castello-Melhor venceu em Montes-Claros, D. Pedro II foi derrotado na campanha diplomatica; e para não ficar ahi, aceitou o tratado de Methwen: com os grandes projectos politicos devia afundir-se igualmente o trabalho fabril.

Da renovação intellectual, que se operava n'este seculo na Europa, nem um echo longinquo chegava á consciencia popular. As duas raças continuavam a viver ao sabor da sua espontaneidade, ora n'uma profunda miseria, ora n'uma mediania relativa, segundo os tempos. A educação jesuitica havia-lhes mirrado a intelligencia, como o chimerico plano governativo de tantos seculos deixára inexploradas as fontes da verdadeira prosperidade. Á gente cada vez mais pobre, sem agricultura nem industria, e esgotada a cornucopia do seculo XVI, tendo agora de sustentar os pesados encargos d'uma nação, apresentava-se-lhe um futuro carregado de nuvens negras, quando em 1693 foram descobertas as minas d'ouro e os diamantes do Brazil.

Os aventureiros vão então procurar na America as riquezas que servirão de mercadoria internacional, com as quaes se comprará tudo — o necessario e o superfluo. Este instrumento de troca, que substitue as especiarias da India, é prodigalisado ainda mais loucamente que as outras. Por falta de trabalho que as fixe, os novos valores escoam-se rapidamente para o estrangeiro; a mesma repetição da historia economica da segunda dynastia.

Pouco importa que homens, como Gusmão e D. Luiz da Cunha, protestem contra taes actos e factos; as suas vozes não sahiam d'um circulo estreito de amigos, nem podiam ser comprehendidas pelo publico que ou applaudia ou olhava desinteressado para aquelle inaudito desbarato, como se fosse coisa alheia, de que não dependesse o seu futuro. Bastava-lhe que estivessem abertas as portas da emigração.

Inutilmente, Pombal procurou, aproveitando-se d'esses preciosos recursos americanos, refazer o depauperado organismo nacional. Tentativa perdida, porque não tinha por base a intelligencia e a vontade do povo; a elle pouco lhe importava isto ou aquillo, uma vez que o deixassem correr mundo. Por isso nem violencias, nem sabios e industriaes estrangeiros, nem creações de fabricas e companhias, valeram á decadencia ou pudéram tornar harmonico o velho corpo desequilibrado.

Esse homem foi tão sómente uma individualidade superior, como já tinha sido Castello-Melhor, em desaccordo com as aspirações do meio em que viveu. Da sua acção, supplantada pela indifferença do maior numero e pela incapacidade dos que lhe succederam, restou apenas uma vaga lembrança. A politica d'elle desappareceu sem se enraizar, como já antes succumbira a do sabio e sensato estadista, o infante D. Pedro.

Com o final do seculo XVIII aproxima-se o momento funebre, em que a fraqueza interna, a braços com as complicações internacionaes, produzirá a mais degradante das situações, consequencias accumuladas desde 1640. A mesma familia reinante emigra para o Brazil, o qual por esse facto se transforma de colonia em metropole, caso nunca visto na historia das nações.

O desconjuntamento de todas as forças sociaes apparece então medonho n'este instante de crise. O paiz, sem direcção energica e intelligente, faz-se o campo de batalha, em que se dirimem as questões das grandes potencias. Então, como já anteriormente tinha sido, torna-se um tento para a diplomacia. Colonia do Brazil officialmente, territorio do imperio francez de facto, para se volver depois em dominio da Inglaterra, Portugal recebe tudo com a mesma indifferença — Junot ou Beresford.

N'esta época lugubre, por vezes pareceu tudo terminado, e talvez assim acontecesse, se as condições da politica europeia o permittissem. Á população pouco importava ser governada por uns ou outros; sem uma forte opinião politica commum, indifferente aos successos da sua terra, continuava a emigrar e a procurar na vastidão das regiões ultramarinas os meios de que carecia aqui. Os que ficavam, alheados da realidade, discutiam a serio se Napoleão seria o *encoberto*. Tal era a desnacionalisação secular. Todas essas mutações de scena, desde a primeira invasão franceza até á guerra civil, de que sahiram victoriosos os constitucionaes, passam para ella como um sonho, ficando apenas d'este ou d'aquelle acontecimento mais saliente uma fugitiva memoria.

N'esta época de obscurantismo e negras humilhações, ten-

do-se por fim sustado a onda das riquezas americanas, apresenta-se mais em relevo, a miseria, o desequilibrio economico e o atrazo da civilisação. Em vez d'uma nação, era antes um phantasma que fazia rir os diplomatas e os viajantes estrangeiros. O paiz assolado por guerras successivas, com a população enormemente diminuida, tinha na verdade cahido n'um extremo desfallecimento, quando emfim obteve a victoria o regimen liberal.

*

* *

Poder-se-ia entrar definitivamente na vida moderna, sem se tratar a serio das duas questões fundamentaes em que ella assenta — o trabalho que cria as riquezas nas suas multiplas manifestações, desde a lavoura até ás industrias artisticas, e o ensino que illumina o espirito? Se fosse possivel a affirmativa, Portugal teria sido uma excepção singular em todo o mundo: mas não é, porque, póde affirmar-se sem erro, não ter entrado ainda na vida das nações progressivas, cujas exterioridades tem sómente imitado.

Os novos personagens politicos, derrubando todas as antigas instituições, vestiram-no effectivamente á moderna; deixaram porém persistir nos individuos a rudeza e a indifferença pelos negocios publicos, e na nação o chronico desequilibrio economico, que agora se tornará mais sensivel, pois que, declarada a independencia do Brazil, exhauria-se o caudal copioso que sustentára tudo anteriormente.

As difficuldades augmentariam ainda, visto que o impulso, dado por Pombal, terminára, e os contribuintes, por mais rentes que fossem tosquiados, não poderiam satisfazer os encargos geraes. Depois de tantos annos de guerras devastadoras, depois de acontecimentos cada qual mais desastrado e de tão má politica, não esquecendo o tratado de 1810, a sociedade afundir-se-ia em motins obscuros, e n'uma miseria atroz, se tivesse de viver de si propria; mas a emigração continuava e foi ella ainda uma vez que segurou o novo edificio, construido sem funda-

mentos solidos; só n'este ponto os revolucionarios liberaes observaram a tradição.

Os valores que os emigrantes adquiriam, principalmente no Brazil, transportados para aqui em letras de cambio sobre as praças do norte da Europa, substituiram vantajosamente as especiarias e as drogas da India do seculo XVI, os diamantes e o ouro do XVIII, e permittiram elevar a divida publica á somma inverosimil da actualidade.

Estas letras de cambio, posto que completamente estranhas á actividade nacional, pois representavam sobretudo o trabalho dos portuguezes fóra da sua terra, tornaram-se o ponto de apoio, sobre o qual tudo se assentou. Servindo de instrumento de troca internacional, com ellas comprou-se no estrangeiro quanto era necessario á vida; saldou-se com ellas o *deficit* espantoso da balança commercial; pagaram-se por seu intermedio os juros da divida publica e collocaram-se facilmente os emprestimos; e com ellas emfim adquiriu-se a mesma moeda de circulação — as libras esterlinas.

Com este novo recurso foi possivel apparentar uma riqueza que não existia e sustentar uma independencia illusoria. O dinheiro começou a abundar e portanto a crescer o luxo; o augmento constante dos impostos aduaneiros bastavam a demonstrar, diziam, a crescente prosperidade geral. O papel cambial trazia, é certo, todos os dias sommas enormes, mas como se comprava tudo, a esses valores acontecia o mesmo, que já se observára nos periodos precedentes; não se fixando no paiz, escoavam-se immediatamente para os mercados estrangeiros, restando o saldo que vinha em metal engrossar a circulação.

Como o publico tem o seu ideal na aventura e explorações longinquas, e se não interessa pelas questões internas, os politicos continuaram a governar no meio da indifferença, para não dizer, desprezo geral. Por isso elles nunca viram senão os seus clientes; nunca sentiram a responsabilidade de quem no seu governo tem por norma o bem-estar dos habitantes d'um paiz; por isso n'este longo periodo de paz e de grande abundancia

de capitaes, nunca se importaram senão de complicar cada vez mais o mecanismo governativo, de modo a poderem empregar sempre e successivamente maior numero de clientes. Levantaram o edificio, dando como certa a entrada annual de muitos mil contos em papel cambial. A vida collectiva e particular tornou-se dependente d'elle, repetindo-se o caso da dependencia d'um factor, alheio á actividade social. As letras de cambio, chegando incessantemente, permittiram aos governos e governados lançarem-se em todas as possiveis phantasias e cobrirem os *deficits* variados com que uns e outros têm vivido.

Mas tendo cessado de subito essa corrente caudalosa, apresentaram-se então em toda a sua hediondez as grandes e profundas lesões da economia nacional. A terra, que devia dar com sobras, para uma população escassa, não só os cereaes de panificação, mas tambem o arroz, o assucar, os lacticinios, os gados... não produzia, ella em grande parte inculta, nem sequer os generos de subsistencia, que era força comprar. Não obstante a grande extensão de costa maritima e a grande massa de pescadores, era necessario importar todos os annos sommas enormes de bacalhau, para a alimentação popular, graças ao desleixo, ou antes ao impedimento do governo, para se nacionalisar esta pesca, como provam as exigencias do fisco, impostas em 1884 aos armadores de Vianna. A fraca e debil industria fabril carecia de materias primas, emquanto que muitas d'ellas, taes como a madeira, a lã, o linho, a sêda, o feltro... podiam ser aqui produzidas em sobra. Deixando desaproveitada a força dos rios e ribeiros que a cada passo sulcam o solo, as poucas e raras manufacturas foram concentrar-se principalmente dentro das cidades — n'uma terra carecida totalmente de combustivel barato!

Cessando as remessas do papel cambial, tornaram-se exangues as bolsas dos particulares, as caixas dos bancos e os cofres do estado; tudo teria parado de golpe se não houvesse o recurso das libras esterlinas que tinham vindo nos annos prosperos, como sobras das letras de cambio. Sendo facilmente convertiveis em mercadoria internacional, ao prodigo, para não

morrer de fome, restava-lhe este ultimo expediente. Compradas pelos negociantes e exportadas, deixaram de ser moeda de facto, para se transformarem em unico artigo exportavel de importancia. O desapparecimento repentino da principal moeda, causou logo um desarranjo profundo na circulação monetaria, como era natural, mas que parece ter sido uma surpreza, consoante deixa perceber a burlesca questão dos agiotas que o desvairamento publico tomou a serio.

O papel cambial, que podia ter sido em mãos habeis, durante meio seculo de paz, o propulsor d'uma verdadeira prosperidade, sumiu-se no estrangeiro, como já antes as especiarias, o ouro e os diamantes, e agora se escoarão tambem as libras esterlinas. Se não fossem os exemplos anteriores, a gente ficaria enleada, a considerar em que se gastaram essas quantias immensas, que chegavam todos os dias! onde se afundiram as centenas de milhares de contos da divida publica, addicionados com os rendimentos cobrados no mesmo periodo!

Mas querer que fosse d'outro modo, será talvez exigir mais do que a natureza póde dar. Cada paiz tem o governo que lhe é adequado; e a sociedade portugueza, sustada em meio do desenvolvimento, nunca chegou a ser um organismo collectivo, vivendo do seu trabalho, com ideal politico commum, capaz de se raciocinar e exprimir uma vontade geral. Ella constitue sem duvida uma excepção na Europa. Hontem como hoje, tem sido sempre uma sociedade de aventureiros. Emmudecida sobre as questões referentes ao bem da communidade, só a interessam a emigração e as aventuras d'além-mar. O que cada um deseja é que o deixem sahir; lá fóra será então um homem, e mostrará toda a perseverante energia do seu caracter; emquanto que aqui — na sua terra, deixa-se ir á mercê das ambições dos que tomaram o poder e levantaram o scenario que mais lhes agradava.

Por isso, quando apparecem estas situações de miseria e penuria, constantes na sua historia, a população resigna-se e soffre tudo; ou emigra, acostumada como está, á aventura. Punge-lhe sem duvida o remorso de ter deixado de procurar

nas épocas de abundancia a estabilidade definitiva na mais estricta parcimonia das despezas publicas, no equilibrio da producção e consumo, e na cultura d'esses desertos que serão sempre a vergonha dos habitantes d'este canto do mundo. Nos momentos de crise é tarde; fundas economias na administração geral augmentariam mais o numero dos desempregados, e para a reorganisação do trabalho falta o capital; falta o tempo, porque a fome bate implacavel á porta do pobre. Então a emigração é o unico expediente para elle; silenciosa e resignadamente cada um vai partindo, sem talvez uma palavra de amargura. Os que ficam, acalentam no fundo do coração sobre todas qualquer esperança que não dependa da actividade collectiva, como agora a subida do cambio no Brazil. E todos esperam, no meio de ruinas, que volte a bonança para repetirem mais uma vez a mesma norma de vida do passado.

Alberto Sampaio.

A ARTE, A CRITICA E OS ARTISTAS

PORTUGUEZES

NO SALÃO PARISIENSE DE 1891

Expozeram este anno as suas ultimas obras, no Salão annual de Bellas-Artes dos Campos Elyseos, os pintores portuguezes Columbano Bordallo Pinheiro, José Salgado, Sousa Pinto, José de Brito e os esculptores Albertina Falker, Teixeira Lopes e Thomaz Costa.

Não pretendo referir, nas paginas que seguem, mais do que a impressão que a vista rapida d'essas obras me deu. Desejo porém, naturalmente, que o leitor, ao lêr-me, me comprehenda, e não o julgo possivel se antes não explicar, ainda que muito em resumo, de que pontos de vista eu olho para as obras d'arte.

I

Posta uma estatua, ou exposto um quadro, á observação do publico, importa quasi por igual saber como o artista realisou a sua concepção, e como é por ella impressionado o observador. Tanto para o observador como para o artista, a obra d'arte é uma realisação do que o espirito sente.

Uma obra d'arte deve pois considerar-se como *resultado da commoção* do artista creador, — d'aquelle que pôde realisar em symbolos, elle mesmo, o seu espirito, — e deve considerar-se como *objecto de commoção* para todos os que a observam, para todos os que encontram n'ella, creados por outrem, symbolos dos proprios sentimentos.

Eis por que, depois de mostrar como o artista deve produzir, eu vou dizer como o publico e a critica devem considerar o producto artistico.

Para mim a impressão esthetica não deriva, apenas, do que se chama « a obra d'arte »: deriva de todos os sêres, deriva de todos os phenomenos que podem tornar-se symbolos, exteriorisações, corporisações, representações adequadas, não da intelligencia mas do *sentimento*, não da parte completamente pensavel mas da *intimamente sensivel*, não da *parte* inteiramente determinavel mas da essencialmente *vaga e indefinida* do espirito humano.

Insistirei n'esta distincção:

Póde-se n'um arvoredo reconhecer as especies botanicas, notar a lei do crescimento das arvores, determinar as utilidades que estas representam, — e ter-se-ha feito obra positiva, scientifica e intellectual. Mas póde-se, perante as vegetações da floresta, contemplar as grandes massas de fórmas accidentadas pelo claro escuro; a coloração das verduras tenras ou decadentes; a immobilidade dos altos fustes enramados; o movimento e os rumores das folhagens sonorisadas pelos ventos; os recessos distantes e ennevoados onde se perdem vultos indistinctos; póde-se em tudo isto achar symbolisações para as melancolias, para os enternecimentos, ou para as fortes e épicas concepções da existencia, — para os *vagos sentimentos do espirito* emfim, — e o arvoredo terá produzido uma impressão artistica.

Todas as fórmas, todas as côres, todos os sons, todos os movimentos, prestando-se, como symbolos, á formulação das vibrações mais intimas e vagas do espirito, podem assim causar uma profunda sensação artistica. A commoção não é menos artistica, e é muitas vezes mais intensa, ante uma creatura hu-

mana que perante um retrato, ante o mar que perante uma *marinha*, ouvindo o rumor das aguas, o barulho dos arvoredos ou o canto das aves, do que escutando as symphonias artificialmente concertadas.

É que *todos os homens* susceptiveis de commoção artistica, *são*, elles mesmos, perante o universo, *artistas creadores*, porque todos elles, mais ou menos, por um trabalho imaginativo quasi inconsciente, modificam os symbolos que a natureza lhes offerece fazendo-os representantes dos seus sentimentos. As fórmas das vegetações, dos montes, das nuvens, da projecção dos objectos, os aromas, ou os rumores são diversamente transformados consoante o estado de espirito do contemplativo.

Assim a *commoção esthetica* e o « sentimento da natureza » são, para mim, essencialmente, dois factos identicos.

Perante o desenho, a pintura, a estatua, perante as obras do artista, emfim, as exigencias do observador são essencialmente as mesmas que perante a natureza: o que n'essas obras primeiro impressiona é ellas serem a reproducção, a cópia ou a imitação, mais ou menos exacta, do que se tem visto ou do que poderia vêr-se no universo. Uma photographia a simples claro-escuro, a photographia que um dia reproduza perfeitamente os coloridos naturaes, ou a estatua exactamente moldada sobre um corpo humano, sem serem obras d'arte propriamente ditas, darão sempre verdadeiras impressões artisticas, — as impressões artisticas que sempre derivam das *fórmas* independentemente do seu auctor.

É certo porém ainda que o artista póde haver creado combinações de fórmas, juxtaposições de côres, cambiantes de luz que o observador nunca viu na realidade: basta, para que possa dar-se a impressão artistica, que essas fórmas, côres e illuminações podessem impressionar se fossem fornecidas pela natureza, — basta que essas *creações* sejam possiveis como *causas de commoção artistica*.

Na verdadeira obra d'arte, aos elementos impressivos que o observador encontra na cópia da natureza, taes como os encontraria no original, junta-se a impressão pessoal do artista. A obra

d'arte é sempre uma parte da natureza escolhida, vista por um espirito humano. N'um retrato ou n'uma paizagem, por mais fiel que seja a reproducção, por mais impessoal que seja o artista, encontra-se sempre, além da influencia fatal dos meios de cópia, a acção interpretativa do copista. Mas ainda n'esta parte, — e qualquer que seja a potencia de personalidade do artista, — a commoção esthetica se dá no observador, só porque, nos symbolos descobertos por outrem, esse encontrou symbolos adequados aos vagos sentimentos do seu proprio espirito. (Eu estou, é claro, considerando o observador que meramente se deixa impressionar, e não o critico de officio que, para explicar biographicamente uma obra d'arte, tenta collocar-se por um esforço, no estado de espirito e nos pontos de vista de cada artista especial).

Cada espirito tem, nos diversissimos momentos ou estados da existencia, aspectos naturaes ou manifestações artisticas que lhe são mais naturalmente symbolos dos proprios sentimentos. Por isso, como todos os espectaculos do universo podem ser inspiradores, todas as interpretações da arte são igualmente legitimas e igualmente necessarias. Os temperamentos grupam os homens em escólas. Póde uma escóla, mercê da numerosa classe dos « machinaes imitativos », dominar momentaneamente uma época; mas nenhuma escóla poderá nunca representar, ella só, as aspirações da humanidade. Classicos, renascentes, romanticos, romanescos, medievaes, idealistas, espiritualistas, mysticos, realistas, naturalistas, primitivos, preraphaelitas, phantasticos, satanicos, impressionistas, psychicos, nephelibatas, decadentes, decadistas, symbolistas, romanicos, romanistas..., todos existem legitimamente na vasta realidade da arte, porque cada um d'elles produz symbolos adequados a uma região vibratil do espirito humano. Uma só d'essas escólas ou d'esses processos, que não tivesse existido, deixaria a obra do homem mais pobre e o instincto creador da alma mais insaciavel.

Os artistas considerados extravagantes e incomprehensiveis, são por vezes, justamente, os que mais intimo conseguem crear; os que poderam encontrar symbolos para as mais subtis, para as mais invisiveis, para as mais raras vibrações do espi-

rito, para factos psychicos, reveladores e transcendentes que só as mais morbidas nevroses tornam possiveis. E são sempre os grandes artistas phantasticos, porque criam no contradictorio, no inexplicavel, no impossivel, os que mais profundamente impressionam: É que, como eu já disse, *a arte é a symbolisação da parte vaga e indeterminada do espirito*, a symbolisação de tudo o que se não comprehende, mas *de tudo o que intimamente se sente, n'uma absorpção de transcendencia e religiosidade.*

A essencia da arte não é assim o « Bello », porque a Fealdade e o Horror produzem commoções estheticas; não é a « Realidade », porque o phantastico é talvez a causa das mais intensas vibrações artisticas; e as obras d'arte não podem definir-se apenas como « resumos da natureza feitos pela imaginação » [1], porque não basta resumir imaginariamente a physiologia d'um animal para produzir uma commoção artistica; nem simplesmente como « os symbolismos da natureza » [2], porque tambem uma formula mathematica póde representar a concepção que d'ella tem o espirito; nem como as fórmas de traducção symbolica das intuições imaginativas [3], porque uma representação litteraria ou graphica do systema planetario não é necessariamente uma obra d'arte.

II

Estudemos agora, por um momento, particularmente, algumas das condições especiaes da sensação artistica produzida pelo desenho ou pela pintura, — pois que, em especial, me vou occupar d'estas fórmas d'arte.

Os objectos reaes são diversos, nas suas fórmas apparen-

[1] V. Eça de Queiroz, *Correspondencia de Fradique Mendes.* Revista de Portugal, I.

[2] J. P. Oliveira Martins, *Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal,* pag. 2, 1891.

[3] Idem, ibidem, pag. 17.

tes, nas suas côres, nas suas relações, ás diversas distancias a que podemos examinal-os. Da mesma arvore se póde fazer mil representações differentes, sem que n'ella tenha variado nem a disposição real dos ramos, nem a rugosidade dos troncos, nem a accumulação das folhas, nem, em absoluto, o meio luminoso que a esclarece. A mesma arvore dará assim, a essas mil distancias, mil impressões artisticas igualmente verdadeiras; *mas cada quadro apenas terá, para cada artista, uma só distancia a que póde haver sido feito, e, para cada observador, uma só distancia, porventura differente da primeira, a que póde ser examinado e sentido.*

Eis o primeiro ponto que eu preciso aqui assentar.

Uma segunda observação bastará, por agora, a fazer comprehender os meus pontos de vista criticos:

Quando um quadro reproduz a natureza por fórma a dar a impressão d'uma realidade possivel, tal como ella se revelaria a uma determinada distancia, esse quadro dá, — conforme o assumpto, e o talento do artista, — a maxima sensação esthetica, porque, para a sua comprehensão, ha apenas que abstrahir d'um minimo de convenções. Nas representações de grandeza natural obtem-se facilmente este resultado, — que igualmente se consegue, nas reducções de figuras e nas paizagens, — sempre que os detalhes de fórma são attenuados, fundidos, supprimidos no quadro, de modo a apresental-os taes como elles se mostrariam, se a scena natural fosse observada á distancia necessaria para se vêr de reduzidas dimensões.

Para mim é esta a grande arte, — a unica em que ha apenas que julgar da realidade, ou da possibilidade, da visão, sem antes haver sido obrigado a aceitar convenções e artificios.

Na miniatura minuciosa, detalhada, microscopicamente feita, — em que aliás a realisação artistica póde chegar a ser genial, — a aceitação prévia das convenções é indispensavel, para que possa obter-se uma sensação esthetica: não ha distancia a que podessem ser vistas, taes como nol-as representa Teniers, Van Ostade ou Gerard Dow, as figuras, as mobilias, as construcções de muitos dos seus, aliás, admiraveis quadros. Se essa pos-

sibilidade existisse, não nos sentiriamos diante de sêres, verdadeiros ou phantasticos, mas capazes de produzir sensações artisticas: achar-nos-hiamos em presença de monstrosinhos abonecados e sem interesse.

Por isso para mim, como genero, a miniatura propriamente dita representa uma arte de ordem secundaria.

III

Esboçada assim na sua essencia humana e nas fórmas geraes da sua realisação a impressão artistica e a obra d'arte, estudemos rapidamente o observador tal como a educação o tem feito:

Perante os espectaculos naturaes vive-se de ordinario machinalmente; a muitos respeitos, mesmo, *inconscientemente. A obra d'arte,* pelo contrario, feita para ser observada, *solicita e impõe o exame.* Eis por que os homens observam sempre as obras d'arte, e quasi nunca examinam devidamente a natureza que ellas reproduzem; eis por que os pontos de vista que guiam o publico no exame de quadros e de estatuas provêm, quasi sempre, do exame d'outros quadros e d'outras estatuas. E, como naturalmente, são os maus quadros e as más estatuas que mais abundam, são as más obras d'arte que substituem, no espirito do publico, a visão directa da realidade, e são ellas que fornecem os typos, os criterios que servem ás apreciações. É facil comprehender, ao ouvir, em face d'um quadro, as opiniões sinceras de qualquer amador, que o seu espirito principalmente se nutriu de lithographias coloridas.

Esta deploravel instrucção assenta, além d'isso, de ordinario, sobre principios que, apesar de falsos, parecem incontestaveis ao senso commum:

Um quadro, diz-se, deve representar a realidade, o que existe, o que se sabe existir. É fundada n'este principio que a creança, tentando desenhar uma cabeça de perfil em quanto á posição do nariz, não deixa de lhe indicar sempre dois olhos e duas orelhas.

Só muito mais tarde é que se chega a conhecer pela reflexão (quando se chega), que *é apenas possivel representar na cópia o que é possivel vêr no original.* Esta proposição, evidente e reconhecida por todos, quando simplesmente exposta, é, na pratica, desconhecida, muitas vezes inconscientemente, por a grande maioria dos que emittem opinião sobre obras d'arte. Quando mesmo o publico não exija, como as creanças, que n'uma cabeça sejam visiveis as feições fatalmente occultas pela propria posição que põe as outras em evidencia, exige todavia sempre que se apresentem distinctas e recortadas as feições que a incidencia da luz, ou a distancia da observação, necessariamente indetermina ou apaga.

O numero dos phenomenos é, bem como o campo da imaginação, infinito; e, todavia, cada observador julga possuir o direito de reduzir todos os aspectos possiveis aos poucos que têm tido o condão de o impressionar. Eis por que tão facilmente os criticos acham menos verdadeiras ou de todo falsas, a côr, a expressão das figuras humanas de certos quadros, ou a luz do céo, as aguas, as vegetações de certas paizagens: O que o critico nunca viu, não existe para elle; e não admitte por isso que o artista o tenha visto, não lhe concedendo além d'isso o direito que eu, pela minha parte, amplamente lhe reconheço, de realisar aspectos puramente imaginados, phantasiados, sonhados, creados por inteiro, que são, ás vezes, justamente os mais poderosos e adequados symbolos estheticos para o que o artista sente, e para o que sente, de vago, no espirito, todo o que aliás não é, em absoluto, artisticamente creador.

Páro aqui.

Pude apenas indicar dois ou tres aspectos d'uma grande questão e não tenho a vaidade de suppôr que me fiz inteiramente comprehender. Espero porém, que a exposição de idéas que precede, sirva a dar aos leitores, que ahi as quizerem ir buscar, as razões criticas do modo por que eu vou considerar os artistas portuguezes, que este anno expozeram em Paris as suas ultimas obras.

IV

Na minha opinião o snr. Columbano Bordallo Pinheiro é o maior pintor que Portugal tem tido em todos os tempos e um dos grandes artistas modernos de todos os paizes. Os seus trabalhos são desconhecidos fóra de Portugal e aqui mesmo pouco apreciados. Por isso, não me limitando a mencionar a impressão que me fez o unico quadro que este artista expoz em Paris, eu tentarei indicar os principaes fundamentos da minha immensa admiração pelos seus trabalhos.

Ha mais de vinte annos que, em casa do meu antigo amigo Raphael Bordallo Pinheiro, eu vi, pintado sobre a tampa d'uma caixa de charutos, um pequeno esboço de « natureza morta »: uma bacia de arame posta de lado sobre uma taboa e hortaliças espalhadas em volta. O pequeno pedaço de madeira estava por acaso sobre a mesa junto da qual eu me sentára conversando. Não era um quadro, não era um estudo: fôra uma brincadeira, uma *pochade* do Columbano que ninguem pensára sequer em me mostrar. O snr. Columbano era n'essa época uma creança que eu quasi não conhecia. E todavia nenhum dos mestres que então floresciam em Portugal teria podido pintar o esboceto que eu examinei surprehendido. No canto d'essa taboinha, irregular e gretada, cuja posse me faria hoje mais feliz que a de muitos grandes quadros afamados, o snr. Columbano Bordallo Pinheiro appareceu-me já então, como ainda hoje o vejo, sem mestre e sem precedentes. Aquella natureza morta havia sido copiada, já n'essa primeira tentativa, como que d'uma vez, com uma decisão de toque completa, com uma verdade absoluta de desenho e côr.

Dez ou doze annos se passaram sem que eu tornasse a vêr trabalhos do snr. Columbano Bordallo Pinheiro. N'uma exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa appareceu o *Concerto de Amadores*, pertencente hoje, segundo creio, á snr.ª condessa d'Edla, que havia figurado n'um dos Salões annuaes de Paris, mas que, *em Lisboa, fôra collocado na parede dos re-*

jeitados pelo jury de admissão. E, comtudo, foi por este quadro que eu soube que Portugal tinha emfim, depois de oito seculos de existencia, um grande pintor original.

A primeira condição que caracterisa o talento de Columbano, é que tal como se formou, tal como concebe os seus assumptos e executa os seus processos, não procede de ninguem. Seu pae, o snr. Manoel Maria Bordallo Pinheiro, o chefe illustre da gloriosa familia que deve ser hoje o maior orgulho artistico de todos os portuguezes, seu pae era um miniaturista minucioso. Os artistas estrangeiros com quem Columbano tem mais semelhança de temperamento, com quem, com effeito, n'alguns pontos se encontra, Velasquez e em geral os hespanhoes mais fortes, só elle os conheceu ultimamente, quando a sua maneira estava definitivamente fixada por muitas obras. Esteve em Paris trabalhando, é certo, mas nenhum pintor francez pôde fazer d'elle um discipulo ou um imitador; nem a França, fascinadora para tantos, conseguiu impôr-lhe os seus assumptos, as suas convenções, nem Paris o ananicou com a adopção dos seus *chics.*

Collocado em frente do seu modelo, a uma determinada distancia, sob a incidencia d'uma certa luz, Columbano pinta o que vê, o que essa luz lhe revela, escravo do claro-escuro consequente, tirando d'elle a completa vitalidade, a intensa modelação das suas figuras, conservando todas as indeterminações de detalhes, de planos, de tons, que formam a visão da realidade, com o que n'ella ha, sempre, de indecifração, de enigma e de mysterio.

Para mim o phantastico sae, naturalmente, da profunda comprehensão da realidade: Por isso, nos quadros de Columbano, — mesmo quando, como no *Concerto de Amadores,* o assumpto é moderno, burguez, banal, — o effeito é phantastico e a sua significação parece ir além do que determina a qualidade dos personagens representados e o titulo da obra. Esses personagens são tambem muitas vezes comicos, d'um comico sinistro, d'um comico tragico, á Shakespeare ou á Hugo, mas obtido dos themas burguezes e dos dramas grutescos d'esta ultima parte do seculo XIX.

Quem se recordar do que eu escrevi na introducção a este artigo, da minha definição de arte e dos elementos que, segundo a minha opinião, formam o sentimento artistico, quem pensar que *é da parte vaga e indefinida da alma humana que,* para mim, *deriva a commoção esthetica,* terá comprehendido agora a minha admiração pela obra de Columbano Bordallo Pinheiro, obra variada e extensa que eu não posso agora estudar, ou mesmo, descrever completamente.

No Salão de Bellas-Artes de Paris, Columbano expoz apenas este anno o retrato de seu irmão.

Raphael Bordallo Pinheiro, de lenço branco, de casaca e um largo sobretudo de romeira, está sentado sobre uma othomana baixa. Á esquerda vê-se-lhe o chapéo e as luvas; á direita diversos jornaes confundem-se sobre uma mesa. A luz, pouco viva, concentra-se sobre a frente da figura, sobre a alvura dos papeis que cobrem a mesa, e não permitte bem distinguir as côres da othomana ou das paredes da casa.

O quadro é assim, quasi exclusivamente, um estudo de preto e branco, onde apenas a cara e as mãos entrevêm com o moreno energico, bilioso e queimado, que é na verdade a côr do modelo que todos conhecemos. A illuminação que vem da esquerda do espectador, deixa a face da direita ensombrada pela projecção das feições; o olhar sae, com uma vitalidade profunda, de sob sobrancelhas negrissimas, d'entre palpebras sombrias e indeterminadas. A figura dá, no seu conjuncto, uma impressão composta de ironia, de tristeza, de riso contido, de força e de desanimo. Todo o claro-escuro da cabeça, das mãos, do fato, do amarrotado da camisa na curva do peito, do desarranjo dos jornaes lançados sobre a mesa, é d'uma verdade completa, com todos os accidentes que a luz desvela, com todas as omissões de fórma, sem as quaes não póde dar-se a impressão poderosa da realidade.

Examinado na sua execução technica, o quadro de Columbano revela absolutamente um mestre: Em vez de haver sido pacientemente feito com as fragmentações de processo que favorecem a fraqueza humana e que, quasi sempre, se sentem ain-

da no trabalho completo dos artistas, — desde o desenho dos lineamentos até á gradual coloração das massas, — o quadro de Columbano parece haver sido realisado d'um jacto, em synthese definitiva, como se a natureza fosse surprehendida, sem analyse prévia, tal como ella realmente se apresenta, em grupamentos indecomponiveis, coloridos, luminosos ou ensombrados. As tintas vêem-se no quadro de Columbano postas e fundidas com uma decisão, com uma franqueza, com um poder de realisação incomparaveis na arte moderna.

Se o retrato exposto este anno não é a melhor obra de Columbano, é, na minha opinião, um dos mais notaveis quadros expostos nos cinco ou seis salões que esta primavera offereceram em Paris, ao exame do mundo, cinco ou seis mil paineis.

Nas galerias do Palacio da Industria, o quadro de Columbano estava mal collocado, em demasia alto para que podesse attrahir a attenção dos indifferentes; emquanto que, logo ao lado, mas perfeitamente disposto *sur la cimaise*, o jury havia disposto um quadro de Eugène Buland: era o retrato d'um cavalheiro, brilhante d'uma d'estas carnações leite e rosas agradaveis ás familias, com feições linearmente determinadas, achatado sobre um fundo banal, — e talvez parecido. Collocado ao alcance de todas as vistas, batido de abundante luz, frescamente colorido, o retrato de Eugène Buland chamava, n'uma apotheose de banalidade domestica, a critica e o publico, que passavam inconscientes diante do quadro mysterioso e forte do grande pintor portuguez.

V

O snr. José V. Salgado expoz no Salão dos Campos Elysios o retrato do snr. dr. Luna e um quadro mythologico. O retrato pareceu-me excellente, mas não havendo podido examinal-o com demora, não poderei aqui fallar d'elle.

O quadro mythologico tem por titulo *O Amor e Psyché.*

Não ha assumpto que se não preste, em arte, á producção d'uma obra prima: tudo depende da realisação. Eu possuo excellentes assumptos para quadros, para romances e até para epopeias, e não sou, apesar d'isso, ai de mim!, nem pintor, nem romancista, nem poeta.

As *idéas* são n'um pintor *as fórmas que elle cria com o claro-escuro e com a côr:* é com estas que elle, se tem talento, nos dará, a proposito de qualquer assumpto, obras interessantes.

Observado sob este ponto de vista de arte pura, o quadro do snr. Salgado tem, sem duvida, bastante merito.

Inundados de luz clara, os corpos d'esmalte leitoso, — pela primeira vez expostos ao sol, que os prateia sem ainda os haver crestado, pela primeira vez envoltos de ar, que os refresca antes de haver podido deseccar-lhes a epiderme, — o *Amor* e *Psyché*, um *Sentimento* e um *Espirito,* immateriaes e puros, erguem-se junto de frescas edificações, alvas como o marfim novo da India ou como o calcario saccharoide de Paros. Em volta, um grande vaso relevado, o mosaico do lagedo, dois pombos que, sobre elle arrulham amorosamente, as arvores e os monumentos distantes, mostram-se igualmente primigenios, desenxovalhados, sem a contaminação das poeiras, sem as degradações ou os deseccamentos do tempo.

Esta concepção lavada de antiguidade mythologica e grega, é a que ficou, dos tempos de educação classica, nos espiritos honestamente idealistas, simplistas e maviosos: Tudo n'ella é nitido, definido, livre de mysterio, esculptural, marmoreo. O snr. Salgado adoptou-a, e seguiu, na entoação do seu quadro, na attitude das figuras, na caracterisação dos personagens, uma convenção muito estimada, principalmente, pelos pintores inglezes.

Ao vêr o quadro do snr. Salgado, eu não pude deixar de recordar-me de Apuleio e de pensar no pintor, no colorista maravilhoso, que as suas paginas estão, ha tantos seculos, pedindo em vão:

« Os tectos do palacio onde o *amor* fizera transportar Psy-

ché, — diz o narrador latino [1], — sustentados por columnas de ouro, cobriam-se de talha curiosamente lavrada no marfim e na oliveira. As paredes eram forradas de relevos de prata onde a arte, a um tempo a mais delicada e a mais grandiosa, representava, em vastas superficies, animaes selvagens... Os proprios pavimentos eram cobertos por mosaicos de pedras preciosas, — perolas e diamantes, — formando quadros que deviam dar, aos que os pisassem, um gozo vehemente... Salas, galerias, portas, forradas de massas de ouro, offuscavam, brilhando com luz propria, de tal modo, que bastariam a fazer o dia, se o sol deixasse de existir ».

Molière e Corneille fornecem, entre tantos outros que trataram o assumpto, suggestões aos pintores: [2]

« ... Cour magnifique, ornée de colonnes de lapis, enrichis de figures d'or qui forment un palais pompeux et brillant... quatre gros vases d'argent... vases d'or qui doivent être de nouveaux ornements du palais de l'amour. Jardins superbes décorés de plusieurs vases d'orangers et d'arbres chargés de toutes sortes de fruits... berceaux de verdure soutenus par des Termes d'or ».

« Flore qui s'attache a ses pas
Répand à pleines mains autour de sa personne
Ce qu'elle a de plus doux appas ».

E Psyché exclama:

« Je ne vois sous mes pas que de l'or ou des fleurs » [3].

Não vou comparar a nova interpretação da antiga lenda com as suas numerosas predecessoras, desde os frescos de Raphael e discipulos na Farnezina, em Roma, até á Psyché-mariposa de Fortuny que eu vi, ha desazete ou dezoito annos

[1] *Metamorphosa.* Liber v.
[2] *Psyché,* Intermèdes.
[3] *Psyché,* actes iv e iii.

em Madrid e depois na galeria americana do snr. W. H. Vanderbilt.

Ha para mim hoje apenas tres processos de fazer, com os assumptos da mythologia classica, quadros originaes: ou reproduzir sem attenuação as descripções dos poetas, e revelal-as pelos meios modernos de realisação; ou dar fórma e côr á Grecia archaica e rude, tal como as escavações e os estudos recentes do symbolismo e da philologia a têm feito; ou tomar apenas como ponto de partida as antigas lendas, inventando por completo uma antiguidade mythica, na mais absoluta ignorancia das convenções academicas e das descobertas scientificas, e creando um monstro pessoal e sublime.

O snr. Salgado não se me apresenta por ora capaz do esforço comprehensivo, erudito ou genial, que estes tres processos respectivamente exigem. O molde dentro do qual elle encerrou a sua composição mythologica, é da ultima moda sem duvida (moda principalmente ingleza, como já disse), mas é, por isso mesmo, um molde, uma formula préviamente inventada por outros artistas e préviamente aceite por numeroso publico.

Tudo ou quasi tudo, n'essa composição, é bem desenhado e bem pintado, no sentido artificialmente analytico, na accepção tradicionalmente convencional, com que estas expressões correm entre quasi todos os observadores e criticos. O snr. Salgado tem já, sem duvida, na determinação das fórmas, na collocação das manchas e na postura dos toques, decisão e firmeza correcta. Reproduz porém, em muitos casos, não o que elle pôde vêr, mas o que elle sabia existir, e, não obedecendo escrupulosamente á lei absoluta das distancias que eu indiquei no começo d'este artigo, não fundindo, não attenuando, não velando, não omittindo sufficientemente os detalhes, não pôde dar ao seu quadro a poderosa e profunda visão da realidade possivel, a vaga evocação do claro-escuro, sem a qual se não cria a sensação completa da vida.

Á entrada d'um palacio encantado o Amor attrae, com o canto da sua lyra, Psyché que apparece, com os olhos afogados em extasi doloroso, segurando na dextra um lyrio branco. Aos

seus pés, sobre as corôas e as geometrias dos mosaicos, dois pombos arrulham sensualmente.

Nos limites symbolicos que esta curta descripção indica, a idéa do quadro é muito boa e muito completa.

A figura de Psyché, — Apuleio chama-lhe *Puella,* Corneille dá-lhe quinze annos e denomina-a:

«Une chétive mortelle», —

é porém, apesar da infantilidade evidente das suas fórmas, mais o prenuncio d'uma matrona flamenga, que a esbelta rival da Venus *victoriosa.* A cabeça, inclinada e um tanto de escorço, parece arredondada, sensual, grosseira, com uma expressão apatetada, onde nada indica, mesmo virtualmente, a curiosidade feminina, a ambição idealista, por cuja satisfação, n'esta lenda, como em mil outras, a mulher troca facilmente a propria felicidade.

A figura mascula e elegante do *amor* tem, na sua aliás bella attitude, o quer que seja do pretencioso *chic* particularmente inventado em Paris, cuja affectação e ridiculo os criticos francezes são já agora incapazes de sentir.

VI

Todos os quadros que eu conheço do snr. Sousa Pinto são *miniaturas convencionaes,* no sentido que eu dei a este nome de genero, ao escrever as reflexões que servem de introducção ao presente artigo.

O snr. Sousa Pinto é um artista que concebe miudamente os assumptos, que estuda miudamente a natureza e que se não commove.

Nas suas obras sente-se a busca teimosa da perfeição objectiva do detalhe, a procura meticulosa da exactidão dos accessorios, o esforço para encontrar e possuir todos os segredos d'um processo, mas a tendencia para se immobilisar nas

receitas, uma vez possuidas, repetindo os effeitos considerados seguros e definitivos por haverem uma vez agradado.

Os quadros anteriores aos d'este anno que eu conheço do snr. Sousa Pinto são cheios de qualidades amaveis: os seus aldeões pobres e modestos são sempre pessoas lavadas, cujos fatos, de côres bem escolhidas, parece haverem sido remendados, quando ainda novos, por mero amor do pittoresco, n'um guarda-roupa de theatro.

As casas d'aldeia onde as suas scenas se passam, são sempre tambem um primor de arranjo e desenxovalho; e as proprias paredes, os madeiramentos, as mobilias, os utensilios que, em obediencia á idéa do quadro, mostram signaes caracteristicos de decadencia e de velhice, parece haverem sido fingidos velhos de momento e de proposito, para produzir um effeito e dar uma sensação. Dir-se-hia que o pintor fez lavar os seus modelos, remendar e ensaboar-lhes os fatos, repintar os moveis e restaurar especialmente as habitações para depois se pôr a copial-as.

Por isso os quadros do snr. Sousa Pinto dão muito a impressão de bonitas operas-comicas francezas, e pouco o sentimento intimo da realidade domestica e popular que em geral se espera e se deseja, legitimamente, na pintura de genero.

Para o exame das miniaturas do snr. Sousa Pinto, — como para o exame das obras de numerosos miniaturistas que são hoje muito admirados e que não valem mais do que o pintor portuguez, — não ha distancia possivel de producção e de observação, mesmo quando se hajam préviamente admittido todas as convenções a que o tamanho das figuras condemna fatalmente o artista e o observador: A todas as distancias é falsa a minuciosidade dos detalhes, inconcebivel o destacado das fórmas sobrepostas e a nitidez linear dos encontros. Nenhuma possibilidade de vida sae d'essas obras; nenhuma mancha, nenhuma fórma póde n'ellas asylar os vagos sentimentos que pedem á obra d'arte aquella capacidade de symbolisação que elles só encontram no *indefinido da realidade.*

Tudo o que deixo dito se refere porém especialmente aos quadros mais antigos do snr. Sousa Pinto. Por isso eu lhes prefiro, como interpretação directa da realidade, os dois quadros que elle este anno expoz no Salão dos Campos Elysios, onde me parece reconhecer um decidido progresso.

N'um d'elles, dos dois o que eu talvez mais estimo, o que mais se aproxima de certos mestres flamengos do genero, — um ferreiro trabalha na sua officina, onde o fumo, as escorias metallicas, e os detritos do trabalho empoeiram o ar e a casa, onde, na luz escassa e intermittente, os detalhes se indeterminam.

No outro quadro um grupo, sobre uma praia, procura descobrir, ao longe, os barcos dos pescadores que faltam. N'esse grupo, uma rapariga com o braço estendido, a pelle crestada pelo marejo, dá a impressão viva d'um corpo agil, popular, habituado a correr e a trabalhar; sente-se que ella falla alto, para dominar o ruido do mar que estrondeia na costa. Uma velha ao centro, com a cara sulcada de rugas abundantes, minuciosamente abundantes, minuciosamente estudadas, escuta, com a passividade dolorosa dos sêres resignados ás luctas e ás desgraças irremediaveis.

Oxalá que estes dois quadros — que são por agora mais symptomas esperançosos, que provas d'um estylo assente, — signifiquem com effeito que a natureza, directamente observada por olhos sem lunetas de convenção, tomou posse emfim d'um artista que esteve em risco imminente de se perder, victima das admirações das pessoas moderadas, de sentimentos ternos e commedidos, e de aspirações regradas e estimaveis, nutridas abundantemente, desde a infancia, pela oleographia e os vaudevilles, as quaes eu ouvi por muitas vezes gabar, com phrases ponderadas, muitas das obras artisticamente indifferentes do snr. Sousa Pinto.

D'um outro pintor portuguez, o snr. José de Brito, que este anno apresentou tambem uma miniatura no Salão dos Campos Elyseos, pouco posso dizer. Não me recordo de nenhum dos seus trabalhos anteriores, apesar de me dizerem que elle os tem já numerosos.

*

O quadro d'este anno (*Où est-tu, Lili?*) parece-me indicar que o artista se acha n'um excellente caminho, sem me permittir avaliar, suffieientemente, quanto n'elle tem já avançado.

As duas mulheres que examinam, curiosamente, a tela deixada por um pintor sobre o seu cavallete de trabalho, á esquina d'uma rua d'aldeia, são exeellentes de expressão, de attitude e de desenho. A eôr revela estudo eonscieneioso da natureza. Pareceu-me comtudo que as figuras e os aceessorios do quadro se espalmam talvez, um tanto, uns sobre os outros, sem suffieiente relevo estereoseopieo.

VII

Fallarei agora dos esculptores.

O anno passado o Salão de Bellas-Artes dos Campos Elysios apresentava, entre outros, dois notabilissimos trabalhos portuguezes — uma estatua extraordinaria denominada *Caim* e um grupo excellente intitulado a *Viuva*, — ambos do snr. A. Teixeira Lopes. Na segunda d'estas duas obras o artista provava saber do seu offieio; na primeira provava ser eapaz de notavel ereação original.

Este anno o snr. Teixeira Lopes apenas expoz o busto em gesso d'uma *Rapariga napolitana*, — eabeça eneantadora d'expressão popular, a um tempo malieiosa e ingenua, eom a curiosidade interrogadora d'uns olhos em que ha muito de ereança e alguma eoisa de gato, sobre um fundo estranho de feminilidade instinetiva e talvez má, tudo isto expresso eom immensa simplieidade e franqueza, sem a menor reeordação da eonveneional «formosa italiana» que a banalidade esculptural tem imposto aos artistas de todos os paizes.

Um outro busto, em bronze, d'uma senhora portugueza, me chamou partieularmente a attenção. A sua auctora, a snr.ª D. Albertina Falker, é a heroina d'um romanee heroico: um dia, ha eerea de quatro annos, esta senhora, eom poueo mais de vinte annos de idade, arrastada por uma voeação louca, resolveu vir a Paris estudar desenho. E desde então, e hoje ainda, a lueta

com a miseria, com a doença, com todos os obstaculos da immensa concorrencia de Paris, prosegue terrivel.

Hoje a snr.ª D. Albertina Falker, — Mademoiselle Falker, como diz o catalogo dos Campos Elyseos, — desenha, pinta, esculpe e dá lições de piano e harpa. O trabalho que ella apresentou no Salão d'este anno justifica sem duvida os sacrificios feitos á sua real vocação: é o busto d'uma creança gorda, de cabeça arredondada, com uma expressão particular e que, mesmo no escuro do bronze, consegue ter um olhar claro e transparente.

VIII

Mas a obra portugueza importante de esculptura, era, este anno, a *Eva*, em marmore, do snr. Thomaz F. d'Araujo Costa:

Com o pé esquerdo collocado sobre uma pedra, a perna do mesmo lado erguida e em angulo reintrante, o braço esquerdo *coquettemente* arredondado, a parte anterior do tronco muito inclinada para a frente, e a posterior, larga, dilatada e proeminente, *Eva* offerece, com a mão direita, a maçã significativa.

O catalogo diz-nos, escusadamente, que o snr. Costa é discipulo do esculptor francez Falguière, como se a sua obra o não proclamasse em demasia. Á influencia do seu mestre e ás influencias de Paris deve o snr. Costa, visto como é fraco demais para lhes resistir, os defeitos de concepção, a meu vêr gravissimos, da sua aliás notavel estatua.

O que caracterisa a litteratura e a arte franceza é a *realisação do perfeito no pequeno*. De modo que, para muitos assumptos, a influencia artistica de Paris, amesquinha, ananica, reduz a graça á gracilidade e põe o *chic*, convencional e transitorio, onde devia impôr-se a dignidade elegante e eterna.

As *Deusas* que ultimamente tem esculpido Falguière — mestre do snr. Thomaz Costa e um dos grandes favoritos actuaes da critica e do publico de França, — sendo inteiramente francezas e

intensamente parisienses, são das mais evidentes provas do que deixo dito. Essas deusas, — a *Juno* de 1890, as duas *Dianas* de 1888 e 1891, — não são fortes, são *dodues*, redondinhas, d'esse gordo tenro que protege ossos reduzidos, d'essa nutrição que resulta dos Figados de Strasburgo, que se abriga e medra, fragilmente, sob os fatos e as pellissas, nunca da robustez que assenta sobre um forte esqueleto, creada, ao ar, na nudez sublime dos Olympos.

Todas essas Deusas conservam, núas, os movimentos *coquettes* que a *toilette* impoz aos gestos: elevam o peito para fazer valer os seios, arredondam os braços para destacar o busto, dilatam os quadris sob a cinta habitualmente apertada que tambem as obriga a erguer os hombros, encolhem uma das pernas para modificar o hirto da attitude. São, emfim, Venus sahindo da espuma das officinas de Redfern, divindades que ignoram a virgindade da nudez absoluta, *Deusas* que *fazem*, em Paris, o *seu trottoir*.

A *Eva* do snr. Thomaz Costa é uma cópia bem feita, mas absoluta, d'esta pequenina, e quebradiça, e chlorotica realisação da mulher antiga. A sua cabeça é, como a cabeça das Deusas de Falguière, feia, d'um feio insignificante e pequenino, com a fronte mesquinha, a face amarrotadinha e o nariz garoto dos modelos mais naturaes d'este meio artistico, — as Filhas das Porteiras de Paris. Por isso eu não posso vêr, na nova estatua do snr. Thomaz Costa, a *Eva* lendaria, a mulher primitiva, forte, tentada pela maternidade dolorosa, capaz de conceber e de abrigar nos seus quadris poderosos, capaz de crear aos seus seios robustos e fartos como fontes, a vasta e conquistadora humanidade.

IX

Numerosos artistas portuguezes residem em Paris, e quasi todos os que hoje trabalham em Portugal vieram educar-se a esta cidade. Um estudo critico completo dos modernos ateliers-escólas de Bellas-Artes e dos artistas que os dirigem; uma analyse das

idéas estheticas, das tendencias da arte e da critica, na França actual, sob o ponto de vista da educação dos artistas estrangeiros que aqui vêm estudar ou produzir, é pois d'uma evidente urgencia. Não posso agora escrever nem esse estudo, nem essa analyse; mas lembrarei desde já que é um trabalho a fazer. Uma Revista das Exposições de Bellas-Artes de Paris, — feita sob esse mesmo ponto de vista e, por consequencia, omittindo muito do que interessaria os leitores francezes, — poderá tambem ser extremamente util.

Paris é, sem duvida, um instructivo centro de trabalho artistico: inferior hoje, como sempre, para a musica, elle é, para as artes da fórma, o primeiro de todos. Mas que falta de solidez nas theorias d'arte, que incertezas na analyse dos criticos que deviam guiar os artistas, que pequenos symbolos e que pequenissimos sentimentos a symbolisar nas obras d'arte, que banalidade convencional, que falta de observação intelligente nos amadores e no publico! N'esta grande aldeia de Paris, quantas criticas, quantas medalhas, quantos ostracismos, quantas glorias e quantas miserias, que só a intriga e os interesses podem explicar!

A medalha de honra foi conferida, comtudo, na secção de Esculptura do Salão d'este anno, a uma estatua de A. Boucher, *A la Terre*, que mais faz lembrar as obras da grande Renascença italiana do que as concepções francezas actuaes. É verdade que o vigor extraordinario da figura premiada, não devendo attribuir-se ao simples desejo no artista de mostrar a forte anatomia d'um corpo humano, não é sufficientemente justificado pelo assumpto: um colosso contrae toda a poderosa musculatura dos seus membros herculeos para remover, em uma pá de cabo grossissimo e recurvado pelo esforço, — um punhadinho de terra.

Mas era a *Diana* de Falguière, collocado no logar de honra da Exposição, com o seu corpo desengonçado de *grisette* viciosa, que evidentemente satisfazia o gosto do publico, representava o ideal dos criticos e dava a caracteristica da nação. O Salão dos Campos Elyseos e o do Campo de Marte estavam

cheios de imitações, de traducções, algumas litteraes (como a estatua de L. Savine), do archiparisianismo d'esta obra d'arte, emquanto outras obras mais fortes, mais bellas, mais suggestivas, haviam sido postas de parte e passaram quasi despercebidas.

Citarei um exemplo:

Cyprien Godebski expoz este anno um grupo a que chamou *Rêve de gloire:* Uma mulher reclinada sobre o dorso d'uma chimera e abraçando-lhe o pescoço, eleva ao ar, bem alto, n'um gesto triumphante, palmas e flôres. A chimera tem duas grandes e fortes azas, mas arrasta-as, pesadas, pelo chão; o corpo é grosso e poderoso, os membros musculosos, de garras massiças e grosseiras, mais feitas para se segurarem á terra do que para se agitarem, idealmente, pelos ares. N'aquella chimera ha uma força de estabilidade, que lhe deve embaraçar os vôos, e uma faculdade de voar que deve separal-a perigosamente da terra. Sobre aquella chimera poder-se-ha talvez atravessar o espaço infinito e attingir a estrella idealisada, mas mais provavelmente ficar-se-ha, a pouca distancia do sólo, n'um arranque de sonho sem realisação. A cabeça da chimera, um momento submettida pela mão da formosa mulher que a monta e que ella não parece disposta a levar muito longe, tem uma expressão de ferocidade estranha e ironica. E a mulher, quasi a resvalar do dorso do monstro, segurando a cabeça que vai talvez devoral-a, olha, sorrindo esperançada para o céo, e vai, quasi, quasi, n'um ultimo arrebatamento, attingir o seu astro... E de tudo isto sae uma impressão verdadeiramente chimerica de idealisação impotente, de força ideal, heroica, grande e antiga, apesar da cabeça e das fórmas da mulher núa mostrarem uma quente expressão moderna, sem precisarem para isso ter um corpo anemico, com marcas parisienses de espartilho.

Esta bella obra, a mais bella talvez de todo o Salão, estava porém a um canto, espalmada sobre uma parede, e o publico e a critica abandonaram-na indifferentes, para irem lubricidar-se diante das deusas *chic,* que offereciam, mesquinhamente, os corpos doentios.

O *pequeno,* a *pose,* o *chic* são os grandes perigos estheticos de Paris. Aos artistas que não têm uma forte individualidade, a França e Paris impõem facilmente os seus ideaes, os seus modelos, os seus costumes, as suas modas. Ora é necessario que o artista se conserve da sua raça, que trabalhe dentro dos elementos tradicionaes d'ella, se esses existem distinctos e visiveis, ou que tenha talento bastante para os crear, para os inventar elle proprio, fazendo datar de si, a arte original do seu paiz.

Emquanto um artista segue as fórmulas do paiz onde aprendeu, ou imita o seu mestre, não é *um artista,* é *um discipulo.* Uma vez de posse dos meios technicos, o verdadeiro artista deve procurar a originalidade, a personalidade, *a realisação do novo.* Ha tanto ainda na alma humana por exprimir, tanto infinitamente profundo, e grande, e vago, que não foi dito, nem cantado, nem formulado, que nunca encontrou até hoje nem symbolos, nem evocação, e que todos nós, os menos bem dotados, os mais incapazes, sentimos nos recessos indeterminados do espirito a pedir-nos fórmas, sonoridades, paizagens, figuras, estatuas, symphonias, mais complexas, mais expressivas, mais maravilhosas, do que todas as que a natureza offerece, ou o genio humano tem creado!

Paris — Agosto de 1891.

Jayme Batalha Reis.

XANÓ-POY

(CONTO GENTILICO)

Dias antes das festas de Jaggernaut, Xanó-Poy-Pallondicar recebeu um telegrama com estes dizeres: — Aden 12 — Chegamos 18 Bombay, seguimos Jaggernaut festas — H. Jim. —

Sir Hevo Brevoster M. P. [1] e James Mac-Intosh, um dos mais fidalgos lords da Escossia, resolveram ir á India.

A *season*, em Londres, estava monotona; a velha Europa vista e revista. Precisavam de uma larga viagem; viviam enfastiados. O organismo exigia-lhes, como um tonico, as grandes travessias a bordo de um paquete, através da vastidão dos mares, sob um céo azul, limpido, da côr das saphiras...

E depois, que excellente occasião para uma surpreza adoravel ao seu querido Xanó-Poy, ao alegre companheiro que, havia dois mezes, os tinha deixado, coagido por uma questão de negocios a trocar o *confort* dos seus *clubs* pelos quentes palmares do novo Imperio de Sua Graciosa Magestade...

Resolveram partir e foram.

*

* *

Devo dizer como se estabeleceu a intimidade entre os dois inglezes e o gentio.

[1] Member of Parliament.

Foi na universidade de Cambridge: encontraram-se, ahi, collegas nos bancos das aulas, e na *crew* da celebre guiga *Star*, que tão brilhantemente ganhou a disputada *Mortlake race* em 87.

Xanó-Poy era a prova mais provada, a manifestação mais decisiva de quanto o indio é capaz de assimilar a civilisação europeia. Este bello rapaz era a refutação mais elegante á theoria das distincções das raças: era o desmentido mais solemne a todos aquelles que pretendem vêr no *hindú* um cego fanatico dos mysticos principios da religião brahmanica, esses principios que vão passando de geração em geração inalteraveis, cheios de pureza e de ideal...

Aos dez annos fôra para Inglaterra, levado pelo *collector* do Kandesh Hugh Doily C. S. [1], um dos predecessores de lord Mayo, esse grande apostolo e infeliz martyr da emancipação intellectual dos nativos.

A ida para Londres do pequeno Pallondicar custou a conseguir. Seu pae, um dos membros mais considerados da casta *Chitpavane*, oppozera resistencias sérias á intenção do *collector*, produzindo argumentos fortes, baseados na antiguidade da casta, no dever sagrado de manter a tradição, nas casuisticas distincções theologicas, e, se por fim cedeu, foi por vêr garantida a successão da sua casa no *maioral* Xanó-Sinay-Pallondicar-Dessae.

O facto, porém, é que, aos dezesete annos, Xanó-Poy dava a sua entrada em Cambridge, depois de ter recebido em Eton a educação *sportive* de um futuro gentleman. A sua opulencia, a grande agilidade de raça e uma fina perspicacia natural, *lançaram-no* em pouco tempo, fazendo d'elle um dos mais *lionised*, entre todos os estrangeiros que frequentavam a Universidade.

Profundamente penetrado pela educação que recebera, encontrou-se em plena Europa um verdadeiro europeu, elegante, rico, intelligente, dissipador.

Perdeu e ganhou sommas colossaes nas apostas de Epsom

[1] Civil service.

e nas roletas de Monte-Carlo: bateu-se ao *cricket* com lord Harris, e ao *foot-ball* com o celebre australiano Jim Brooker.

Em Paris investigava-se o modo como elle dava o nó na sua gravata branca de baile, e admiravam-se as parelhas magestosas que atrellava aos seus carros de uma requintada simplicidade; as ceias que dava eram notaveis pelo fino espirito de salão, que se despendia, e pelos milhares de francos de *champagne* que espumavam nas taças de crystal de Bohemia; achára-se mettido no celebre processo de divorcio de Sarah Cumbertold, e fôra ferido pelo general marquez de G... n'um duello, cujos motivos ficaram sempre velados n'um segredo discreto, mas que se suppunha envolverem o nome de uma senhora n'um mysterio de ternura e de desgraça.

Este bello europeu de adopção apenas era trahido pela pallidez baça, caracteristica de uma antiga casta de brahmanes ricos, respeitados, cheios de serenas aspirações felizes...

*
* *

A alta recente na prata tendo abalado um pouco o credito do seu *agent d'affaires* Jehanguir-Rustamji, foi uma carta d'este, narrando o facto, que obrigou Xanó-Poy a voltar ao Hindoustan, para fazer a liquidação da sua fortuna.

A carta irritára-o: seccava-o a idéa de voltar á sua terra, terra de que se achava desligado ha muito e onde nem sequer o prendiam os tranquillos affectos de familia. O pae morrera e do irmão, Xanó-Sinay, havia-se quasi esquecido... «Que vivesse feliz na contemplação de uma vida futura, etherea, côr de rosa, rescendendo ás doçuras ineffaveis do perdão, ás mysticas aspirações», — *amortalhado*, como elle dizia, nos ricos pannos de sêda bordados a ouro, de que o gentleman Xanó-Poy mal se lembrava já.

Quando recebeu o telegramma expedido de Aden, estava já na India havia quinze dias, e esses quinze dias, vividos n'um

meio differente d'aquelle em que fôra educado e que era hoje o seu meio — haviam-no tornado nervoso, preoccupado; tinha a grande nostalgia da vida que interrompera.

Comprehende-se, agora, qual o effeito benefico das palavras ligeiras e caras d'aquelle telegramma, no espirito do gentio, hoje tão *depaysé* no seu proprio paiz natal.

*

* *

Foi no ultimo dia das festas que chegaram os inglezes acompanhados por Xanó-Poy.

Era o dia de sensação, o dia em que o pequeno idolo recamado de pedras preciosas, no alto do seu carro monumental, se permitte passar por entre a multidão palpitante de fé.

Nos dias anteriores já se haviam celebrado, com todo o ritual dos preceitos liturgicos, as festas preliminares a que esses dias são consagrados.

Haviam-se narrado as batalhas do setimo exodo e a passagem sobre a Ponte maravilhosa. Alludira-se aos carros celestes, esses carros que outr'ora passavam por entre as nuvens brancas como o arminho deixando trilhos luminosos no azul purissimo do céo quando vinham annunciar as victorias do Marajah terrivel, terrivel como os raios que só elle tinha direito a brandir. Tinham sido declamadas cento e noventa e uma *çlokas* do Mahabarata e os trezentos e cincoenta e sete versiculos guerreiros que celebram as glorias dos Mil Combates. A barca votiva fizera as tres voltas no Tanque em presença de Varuna, «o sol sombrio que passa invisivel através da obscuridade», e vinha illuminada pela luz dos archotes e pelas côres alegres dos fogos de Bengala.

Seguindo sempre o ritual, lá dentro da barca, nos quatro rithmos dos canticos sagrados, fallára-se na virtude do brahmane sapiente, «unico que ouve a palavra divina, sua esposa»; exaltára-se o poder arrogante do kchatriá guerreiro; cantára-se

a elegia ternamente amorosa de Yamâ e Yami; e affirmaram-se os immutaveis preceitos de Manú.

Agora, estava chegada a occasião mais solemne do ultimo dia das festas: era a hora prescripta para a sahida do cortejo mystico. Savitri ia-se encaminhando para o abysmo onde tinha de ceder a sua vez luminosa ao sombrio Varuna: um troço de cypaes musulmanos já abria caminho, e a multidão, com o recolhimento que sómente dá uma fé inabalavel, afastava-se commovida e submissa.

Por entre os portaes do recinto sagrado, abertos de par em par, via-se o monstruoso pagode de Jaggernaut, ostentando obscenamente, nas suas paredes ennegrecidas, os baixos relevos horrivelmente symbolicos e lascivos, denunciando uma imaginação desvairada com o desequilibrio que se affirma pelas sensualidades eroticas e pelo mysticismo da crença.

O som dos *mordangos* redobrava agora de intensidade, percutidos com uma energia furiosa, produzindo um ruido de trovões successivos; e o estridor das businas sagradas, que os *servidores* sopravam nervosamente, lembrava o desencadear das torrentes impellidas, nos valles profundos do Hymalaia, pelos *Marutis* enfurecidos...

A este ruido extraordinario seguiu-se um silencio solemne, estacado, que permittia ouvir as notas agudas do *serigui* preludiando um canto sacro, e o ranger das sandalias dos retardatarios que, do *bazar*, corriam apressados para vêr a sagrada procissão. Era o cortejo que ia começando a desfilar, respeitavel, brilhante, symbolicamente religioso.

Vinham primeiro as *bayaderas* precedidas por *fakirs* esqueleticos e *joguis* convulsionados: eram quatro, e das mais afamadas do Deccan. Caminhavam a passos curtos e rythmados, de olhos baixos, cheios de uncção, com o braço direito erguido hieraticamente, exhibindo as sêdas ricas dos seus pannos de côres allucinantes, cahidos em prégas regradas, direitas, a prumo como a crueldade de um destino. Vinham envolvidas nas fluctuações leves dos seus véos, feitos de uma cassa indiscreta, recamados de ouro, lembrando as azas brancas dos companhei-

ros de Sudas. As joias e pedrarias punham scintillações kaleidoscopicas na fina elegancia d'aquelles corpos tão gentis, destinados, pela fatalidade da casta, ás caricias quentes do amor carnal, insaciavel, cheio de desejos lubricos...

Uma d'ellas começou o canto por uma nota grave, prolongada, em trilo, crescendo sempre: era o *pandit* dedicado á festividade do dia, eram *çlokas* narrando a victoria do Arya «puro no corpo e na casta», que os seus inimigos implacaveis nunca poderam abater — «o amarello e perfido Dasyù e o negro lubrico que cubiçava as virgens de Sapta-Sindhú», tão puras na sua innocencia tranquilla, tão desejadas pela sua appetecivel belleza.

«Malditas as gerações de Kusch — continuava o canto — malditas as gerações de Kusch, sempre auxiliadas pelos *Dévas!*» E seguia, em volatas, invocando os deuses do primeiro exodo, Indra, Agni, Soma; a Triade omnipotente — Brahma, Siva, Vishnoú; as encarnações bemfazejas, Sávitri o creador, Surya o resplandecente, Mitra o amigo dos homens, Bhaga o afortunado, Aryaman o poderoso; a série das séries das divindades protectoras; as Triades das Triades dos vencedores de Rhadru, os Marutis cuja marcha não pára nunca...

«Só a oração, só a penitencia do que cinge o cordão sagrado — ia dizendo o canto — poderá aplacar a colera dos espiritos malfazejos, obter a clemencia das divindades propicias!»

E exhausta, a *bayadera* deixou pender os braços nús, fazendo ouvir o *cliquétis* das manilhas de ouro, que escorregavam docemente n'aquella carnação correcta de estatua, palpitante de vida, e soltou ao mesmo tempo uma nota aguda, sêcca, vibrante, como se fôra um derradeiro appello á piedade dos homens. O concerto dos tamborins e das businas rompeu novamente, e os fakirs em descomposta vozearia começaram a prédica: «Maldito o impuro sudra que pisou a sombra do brahmane! Maldito aquelle que pôde esquecer Manú e os seus preceitos salutares! Penitencia! Penitencia, ó vós todos que temeis a ira divina! Orae! Orae sempre, ó vós que cingis o cordão sagrado! Orae e fugi ao contacto infamante do homem sem casta...» N'esta occasião, n'uma eminencia proxima, onde alvejavam as

tendas do commissario imperial e do destacamento dos *riflemen*, soaram as notas claras e terminantes dos *bucks* tocando a reunir.

*

* *

Em baixo, no recinto reservado aos europeus, á sombra de uma *marquise* de lona com listas escarlates, estava Xanó-Poy com os dois inglezes. Lord James, de monoculo fincado para as *bayaderas*, lamentava que já não fossem permittidas as *balanças* que levantavam penitentes suspensos por ganchos de ferro enterrados nas carnes, e muito principalmente lastimava que se houvesse impedido o suicidio dos fakirs, que se deixavam esmagar pelo carro do deus.

« *Nonsense* », disse sir Hevo; e aprumado, com dignidade parlamentar, expôz que lord Cross assegurára no banquete de *Picadilly club* que o fanatismo hindú decrescia á medida que augmentava a exportação do trigo, a importação do oleo de kerosine e a distribuição de Biblias. Elle, nos seus apontamentos, julgava dever corroborar esta asserção, accrescentando apenas que o augmento no imposto do abkary e a alta natural no preço dos cornos de bufalo deviam ter uma influencia decisiva em tão momentosa questão, que reputava capital para consolidar o dominio britannico nas Indias. « Não pensa isto, Xanó? »

O gentio sorriu-se com uma condescendencia contrafeita, mostrando um ar fatigado: porventura o effeito de uma noite passada em wagon, n'aquelle clima deprimente que produz os cansaços lentos. O seu olhar tinha uma expressão que não era a habitual, uma fixidez concentrada, a fixidez de quem tem o espirito avassallado por uma idéa.

Parecia que o bater incessante dos *mordangos* o havia atordoado. Os sons estridentes das businas excitar-lhe-iam os nervos, um tanto excitados já pela noite passada sem dormir? Ou enternecel-o-ia a melopêa plangente e mystica da *bayadera?* A oração do *fakir*, tão cruel, prégando a penitencia, e tão desgraça-

da implorando a misericordia para o reprobo, tel-o-ia enchido de terror, a elle, um espirito educado tão positivamente?... Quem sabe?!...

Ora, durante a viagem, proximo a Allahabad, Xanó-Poy olhou por acaso pela portinhola do wagon, e, affirmando-se immediatamente, com um interesse forte, sentiu a impressão dos effluvios mornos e penetrantes de um nevoeiro acinzentado, transparente, e viu os raios purissimos do luar pondo reflexos de prata lá em baixo na agua côr das perolas pretas. Iam passando o Djumna, o rio harmonioso que corre para o Ganges na aspiração de um desejo, n'um espreguiçamento dôce — « como a mulher amante aos braços do bem amado ». Sir Hevo, com a curiosidade do bom inglez que aproveita sempre a occasião de registar um facto, de tomar um apontamento, desfechou n'uma serie de perguntas onde se presentia o furor das estatisticas, e procurou informar-se do nome do rio, da sua nascente, navegabilidade, do aproveitamento industrial da corrente, ao que Xanó respondeu referindo apenas o nome do rio, mas com um ar seccado, quasi desabrido, cortante... E porquê?!...

*

* *

Cessára o ruido atroador dos tamborins, e as businas caladas deixavam ouvir outra vez o *serigui* gemendo o preludio do canto da *bayadera*, tão docemente religioso, tão penetrado do perfume de caridade, d'onde se evolam promessas de recompensa.

« É para aquelle que cinge o cordão symbolico » — dizia o canto — « que os Marutis, pastores celestes, ordenham o leite sagrado dos inexhauriveis rebanhos de Indra; sómente para elle corre o vento fertilisador — aguilhoando os cavallos vermelhos do seu carro de ouro luzente ». E agora, na singeleza mystica dos versiculos, predominava o temor dos deuses. « Não irriteis a ira celeste desprezando os preceitos de Manú; conserve-se o

brahmane piedoso e sabio » — continuava o canto no seu rythmo soluçado, exhortando á pratica do bem — « seja sempre o kchatriá forte e dadivoso; mantenha-se pura a casta do que cinge o cordão sagrado, e os deuses ser-lhe-hão propicios, a terra productiva, a agua refrigerante; desposará a mulher formosa como Secta, submissa como Parvarti, fecunda como Amrú, que lhe dará dez filhos, dos quaes elle, o senhor, será o undecimo... »

E a *bayadera*, nas ondulações lubricas dos seus gestos requebrados, vagarosos, com preguiças tentadoras, exprimia a volupia do amor feliz, e ao mesmo tempo um som de guisos, agudo e afinado, fazia-se ouvir nos movimentos breves dos seus pés pequeninos e tenros, com os artelhos cobertos de aljofares; era que a *bayadera* começava a esboçar os primeiros passos da dança liturgica. O canto continuava dôce, rythmado, acompanhando a dança cadenciada.

*

* *

O olhar de Xanó-Poy n'este momento tornou-se mais fixo, mais febril; era o olhar de um fascinado. Os musculos do rosto, na contracção de um spasmo, davam-lhe um aspecto de terror — o terror do sobrenatural. Os cantos dos labios, descahidos, punham-lhe na face a expressão compadecida da amargura triste do desprezado. A sua physionomia tinha alguma coisa da resignação dolorosa dos que se sentem ao abandono; era uma expressão de tristeza infinita e de pusilanimidade cobarde. Sentia uns movimentos nervosos, imperceptiveis e fortes; os braços do portentoso *cricketer* tinham tentações de se erguer n'uma prece que fosse uma supplica, e ao mesmo tempo recusavam-se, frouxos, com o receio indigno de quem não tem a coragem do seu proprio crime...

Ora Xanó-Poy alli era um criminoso: era — o Renegado. — E sempre o cordão! Sempre aquella referencia fatal, que o fulminava como um anathema, porque era elle, talvez, o unico

da sua casta, que o não cingia; um Chitpavane, tão alto, tão cheio de tradições!... E agora? Estava mais baixo que o Vaycia cubiçoso, mais abjecto que o insignificante Sudra: era o filho amaldiçoado de Purú. Estava reduzido a ser um Pariah... a viver na vileza dos que não têm casta, abandonado como um leproso, apedrejado como um mastim. E tudo, porque só elle não tinha o cordão symbolico! E para isto — pensava o gentio — centos e centos de antepassados haviam mantido por seculos e seculos a pureza da casta; haviam conservado com todos os desvelos esse delgado fio de sêda, haviam-no cingido com a uncção beatifica dos illuminados pela luz divina, tinham-no defendido com a coragem da fé contra as perseguições mais esmagadoras, contra as tyrannias mais crueis, porque esse fio, tão simplesmente tecido, é o brazão de gloria de uma raça, é uma reliquia santa, é a dadiva celeste que Brahma só concede aos filhos dilectos da sua essencia mais sublime...

Depois, acudiam-lhe em turbilhão as recordações de um tempo que ha muito havia passado, e essas recordações inundavam-lhe o espirito n'uma torrente de sentimentalismo. Não era a saudade consoladora, a dôce saudade, o que lhe alagava a alma: o que elle sentia, era a amargura subjugadora do irremediavelmente perdido... Pobre renegado inconsciente!

O seu passado de creança apparecia-lhe agora n'uma massa nebulosa, confusa, d'onde pouco a pouco se destacava uma saudade, e onde se affirmava uma lembrança, saudade e lembrança que o perseguiam como remorsos. — E via a *Zenana*, n'aquelle socego da sua paz calma, onde se respirava uma atmosphera benefica, penetrada da dedicação submissa da Mulher, da mulher carinhosa, cheia de virtudes simples e placidas. Lembrava-lhe a mãe, tão orgulhosa dos seus sentimentos maternaes, com o ar de paz de consciencia que dá um dever bem cumprido, o dever que tem a mulher hindú de gerar no seu seio a creança, que mais tarde ha de ser o homem, o continuador d'aquella casta tão abençoada pelos deuses. E afigurava-se-lhe vêr a humildade grandiosa, com que ella vinha receber, debaixo da abobada adornada de coruchéus, aquelle Chitpavane, que fôra o

pae d'elle... E como lhe parecia agora um justo esse bello homem, envolvido nos seus pannos de sêda! E como achava levantada a humildade da mãe! Como julgava digna aquella escravidão da mulher, com o seu ideal de sacrificio!... E tudo, tudo irremediavelmente perdido!... Ah! que se podesse viver outra vez n'aquella tranquillidade feliz — e sentia a alma a transbordar-lhe de sentimentos bons — como elle saberia contribuir com uma infinita doçura para aquella união da familia, onde tantas almas boas viviam ligadas pela esperança de um futuro de descanço, n'uma contemplação socegada...

Na sua imaginação escandecida via o *Pimplió* sagrado, tão simples na sua fórma de arbusto, tão complexo na sua alta significação religiosa, e o alegrete de pedra lavrada! Fôra alli, ao pé d'essa pedra tão cheia de rendilhados, que viera aquelle inglez de barba loura para o levar; e lembrava-lhe um fato azul de marinheiro, que o inglez lhe déra em Londres. Maldito inglez que o tratava por *boy!* Se elle podesse esquecer tudo e voltar áquella uniformidade de vida, tão simples, como elle seria bom! E parecia-lhe sentir a frescura dos arecaes e o mysterioso refugio d'aquellas sombras de verdura! Mas tudo, tudo irremediavelmente perdido!

*

* *

Agora, toda palpitante de enthusiasmo fanatico, a multidão agitava-se em oscillações curtas, em movimentos apressados, violentos, despoticos, manifestando um desejo, exprimindo uma curiosidade. Ouvia-se um sussurro de exclamações anciosas. Os tamborins vibravam desesperadamente, e as businas produziam uns sons irritantes, ruidosos, sem musica.

Uma floresta movediça de centenares de bastões prateados com as insignias liturgicas precedia as *jampanas* e os palanquins dos *suamis* que, reclinados em almofadas ricas de bordaduras caras, atiravam punhados de arroz sobre o povo extatico, exhi-

bindo os troncos nús, de uma pallidez baça. Por entre fileiras de cypaes, postados junto ao portal do recinto sagrado, viam-se as cordas compridissimas do carro, e a multidão, dominada pelo mysticismo, disputava, como um premio, a gloria supina de auxiliar o movimento d'aquella massa enorme e monumental que conduzia o pequeno Idolo.

Puxado por duas mil pessoas, avançava vagarosamente, oscillante, ás arrancadas, com um ruido soturno de terramoto, com um aspecto sinistro de tumulo e um ar grandioso de carro triumphal.

Cada vez se aproximava mais; já se distinguia a ornamentação monstruosa, consagrando o principio creador, n'uma obscenidade repugnante, entre baixos relevos talhados na madeira preta, representando, n'uma promiscuidade animal, n'uma promiscuidade confusa das especies, o mysterio da geração. E, apesar de tudo, n'aquellas obscenidades tão sordidas, havia alguma coisa de respeitavel: aquelles baixos relevos representavam, com uma grosseria brutal, uma aspiração digna — a glorificação do amor aos filhos, a constituição da familia...

Os fakirs, incendidos na fé ardentissima, redobravam de vehemencia na prédica, amaldiçoando os renegados, fallando das dôres que rasgam a alma e exigindo os cilicios que retalham as carnes. Um d'elles, esqueletico, com escoriações purulentas de chagas no corpo franzino, pintado ás listas brancas, referia-se á miseria e á desgraça, exclamando em gritos desesperados, n'uma exaltação febril: «Miseria! Miseria! Miseria! Tres vezes miseria a opulencia do impio... Desgraça! Desgraça! Desgraça! Tres vezes desgraça a todos os seus prazeres!...» E não desfitava os olhos de Xanó-Poy, que parecia preso á insistencia d'aquelle olhar, tão scintillante de tyrannia.

A multidão, apinhada em volta do deus, avançava acompanhando-o n'um recolhimento de peregrinação, e o carro, cada vez maior e mais sinistro, parecia movido por uma força mysteriosa, irresistivel, fatal, illuminado pelos tons ensanguentados que o ouro fulvo do idolo despedia, reflectindo os raios obliquos de um rubro sol poente. Xanó-Poy, influenciado pelos effluvios

mysticos que o cercavam, aniquilado pelo pavor fanatico que lhe invadira a alma, sentia-se agora trespassado pelas irradiações dardejantes dos dois rubis que formavam os olhos da imagem veneranda e terrivel.

De subito, junto a elle, o velho fakir gritou em voz estridente: «Vós todos que guardaes intacta a fé dos antepassados, sabei que o meu nome é Siridorá-Sinay Chitpavane; e se algum da minha casta se conspurcou com o Sudra desprezivel, com o circumcidado estrangeiro, ou com os homens sahidos do mar que comem as immundas carnes do animal sem nome, possa o sacrificio de um irmão aplacar a colera dos deuses...»

No mesmo instante rangiam as rodas do carro sobre os ossos triturados do penitente!...

Assombrada de mystico terror, a multidão agitou-se em tumulto; e por toda aquella gente fraca, humilde, timida e submissa, correu o fremito de revolta, precursor das grandes convulsões.

Pallido e nervoso, o commissario britannico deu umas ordens breves aos cypaes que o rodeavam, e ouviu-se o bater sêcco e simultaneo das carabinas que os *riflemen* escorvavam. Então, uma voz clara, vibrante, dominadora, proclamou a victoria da fé, exclamando:

«Eleva a voz, povo fiel, eleva a voz e regosija-te: Mitra ha vencido Rhadru, e o poder de Kaisar-i-Hind não pôde obstar a que a expiação se cumprisse...»

Todo o povo se recolheu n'um sentimento de gratidão pelos deuses que, em tão calamitosos tempos de barbara impiedade, permittiam que semelhantes milagres corroborassem tão fervorosas crenças. Recomeçou o avançar fatidico do Idolo, e a voz de uma *bayadera*, melodiosa como o gorgeio do bulbule, psalmeou as bemaventuranças promettidas ao brahma piedoso e sabio, ao kchatriá forte e dadivoso, ao Arya «puro no corpo e na casta»; e, n'um arrobo de extasis, paraphraseou os passos sensuaes da dança liturgica, acolythada pelas mais servidoras do deus, suas irmãs na casta.

O côro das *bayaderas*, em seguida, celebrava em cadencias

suaves, repassadas de harmonias ternas, os dôces amores de Rama e de Seeta...

No meio do borborinho desapparecera Xanó-Poy, e os dois inglezes nunca mais souberam d'elle.

*
* *

Sete são os rios que banham Aryavartha, e por sete fórmas differentes póde o brahmane quebrar irremediavelmente os preceitos de Manú; por isso, em sete dos grandes pagodes de Benares, se construiam albergues para dois mil cento e oitenta e sete peregrinos, pois tantas são as encarnações na setima deducção da triade brahmanica. O doador de tão piedoso legado fôra um nobre Chitpavane, que ia a caminho das nascentes do Ganges, para, com a grande peregrinação, por sete vezes repetida, redimir algum horrendo peccado que aos homens não fôra dado conhecer...

*
* *

Nas noites claras da India, penetradas dos perfumes sùbtis das fortes essencias vegetaes, junto ás margens do Ganges, vêem-se ás vezes, boiando no rio milagroso, uns pontos luminosos que parecem a imagem das riquezas do céo nas escuras aguas, purificadoras do peccado. São cadaveres com uma luz apertada nas maxillas rigidas e inertes, são os involucros terrenos das almas purificadas, que foram buscar ás origens do rio santo os philtros expurgadores do mal, as beneficas panacêas da pureza...

E emquanto esses despojos humanos, quasi putrefactos, vão lentamente descendo, impellidos pela agua sempre redemptora, quem sabe se alguma estrella estará brilhando mais, por se lhe

ter aggregado a parcella luminosa de uma alma já sem macula, com todas as scintillações da virtude!...

Pobre Xanó-Poy!...

*

* *

Bemditas as tuas aguas, ó Ganges, que, no teu correr eterno, encerram sempre, nas perolas de crystal, sublimadas, as particulas do perdão — dôce conforto do peccado arrependido, recompensa suavissima dos que sabem soffrer bem...

Antonio Joaquim.

ORA MARITIMA [1]

POEMA

DE

R. FESTUS AVIENUS

ESTUDO DA PARTE RESPECTIVA Á GALLIZA E PORTUGAL

(Fragmento)

PREFACIO

Quando, ha annos, publicamos com o mesmo titulo d'este livro, um trabalho, de que o actual é a completa refundição, ainda não tinhamos estudado attentamente as velhas legendas maritimas, relativas ao occidente, supposto previssemos que não pouca luz deviam derramar sobre a geographia antiga d'esta parte da terra [2].

Não imaginavamos ainda assim, que o conhecimento d'aquellas narrativas fosse um preparatorio pouco menos de indispensavel para a decifração dos enigmas, que Avieno accumula logo no principio da sua descripção, e de que depende

[1] O illustre escriptor e archeologo, o snr. Francisco Martins Sarmento, instado a honrar as paginas da Revista de Portugal com a sua collaboração, enviou-nos este valioso fragmento da segunda edição do seu livro sobre o poema de Avieno. Absolutamente ineditas, porquanto a nova edição ainda não entrou no prélo, as paginas que seguem constituem uma *primeur*, cheia de interesse, que a Revista se ufana de offerecer aos seus leitores.

(*Nota da Redacção*).

[2] Para não tomar muito logar n'esta Revista, só copiamos do nosso manuscripto as notas indispensaveis á intelligencia do texto.

(*Nota do Auctor*).

não só a exacta comprehensão d'esta parte do seu poema, mas ainda a de todas as outras.

Limitemo-nos por agora a justificar a primeira affirmativa. Avieno abre a sua obra com a seguinte embrulhada: Depois de nos dizer que a terra é toda cercada por mar e que se chama Golpho Atlantico a reintrancia, por onde o oceano se insinúa no Mediterraneo, accrescenta que n'aquelle golpho se encontravam as Columnas de Hercules, Abyla e Calpe, batidas pelo *aspero septentrião*, e um promontorio Œstrymnis, dando começo a um Golpho Œstrymnico, onde se viam as Ilhas Œstrymnicas, a Ilha dos Albiões, que se tem hoje pela Inglaterra, e a Ilha dos Hiernos, inquestionavelmente a Irlanda.

Aqui temos as Columnas de Hercules, Abyla e Calpe, no Golpho Atlantico, o que é perfeitamente exacto; mas já não é pouco singular dizer-se d'estas Columnas que são batidas pelo *aspero septentrião;* dizer-se agora que no mesmo golpho se encontrava um segundo, o Œstrymnico, onde se viam as ilhas do estanho ou Œstrymnicas, a Inglaterra e a Irlanda, é uma geographia tão phantastica, que já tem sido equiparada á de Pantagruel.

D'entre as tentativas feitas para explicar estes enigmas ha a mencionar principalmente a de Karl Müllenhoff. Suppunha este sabio que o texto actual de Avieno estava incompleto, faltando-nos alguns versos, nos quaes o poeta justificaria as causas por que se remontou das Columnas de Gibraltar a umas Columnas Septentrionaes. Avieno tomaria por ponto de partida do seu trabalho o Golpho Atlantico, mas n'uma especie de digressão transportava-se ás regiões do norte, e, depois de indicar-nos o que por lá havia de notavel, descia ao longo da costa occidental da Europa, voltando ao seu ponto de partida, para proseguir ao longo das costas mediterraneas, que era a sua principal tarefa.

Não podemos conformar-nos com a explicação do sabio allemão. A hypothese d'uma lacuna no poema era inteiramente arbitraria, e, como tal, o ultimo recurso permittido a um interprete; mas peor era que esta explicação deixava subsistir o

principal enigma. As Columnas Septentrionaes eram-nos reveladas por Avieno, mas na mesma passagem, em que manifestamente as confundia com a Abyla e Calpe de Gibraltar. Ora esta confusão é que a hypothese de Müllenhoff não explicava de modo algum, e admittida ella, como não podia deixar de ser admittida, ou, o que vale o mesmo, admittida a existencia d'umas Columnas Septentrionaes, muito distinctas das de Gibraltar, amalgamadas com estas pelo poeta, força era admittir: 1.º um documento que mencionava as primeiras; 2.º o desconhecimento que d'ellas tinha Avieno e a cega persuasão de não haver outras Columnas de Hercules senão as de Gibraltar. Quanto ao documento que era necessario subentender para fundamentar esta conclusão, Müllenhoff melhor que ninguem demonstrára que Avieno forrageou largamente n'um periplo phenicio de respeitavel antiguidade. Porque não admittir então que o poeta tinha diante de si um periplo phenicio, que tomava por ponto de partida umas Columnas Septentrionaes, mas que não conhecendo outras Columnas senão as de Gibraltar, nem imaginando que as podesse haver, engenhára a confusão que nos embaraça e todas as outras que são d'ella uma consequencia necessaria?

Foi esta a opinião que adoptamos e em que persistimos hoje mais que nunca.

Com respeito á localisação das Columnas do norte, tambem não podemos subscrever ás idéas do illustre sabio, que as fixava no *Finisterræ* da Bretanha. Nenhuma noticia, nenhuma allusão dos antigos favorecia tal identificação. Ao contrario, Paulo Osorio fallava-nos n'um famoso monumento, que ainda hoje subsiste na Corunha com o nome de Torre de Hercules, um pharol que, diz o historiador, servia de guia aos mareantes, que da Britannia demandavam a Hispanha. Ahi localisamos as Columnas Septentrionaes do periplo e o seu ponto de partida, acreditando que a falsa comprehensão do seu original, junta ás idéas não menos falsas que formavam os antigos da configuração das costas hispanicas, tão falsas que para alguns d'elles o Golpho da Gasconha principiava no Cabo da Roca, desorienta-

riam de tal sorte o nosso poeta, que o levaram a amontoar confusões sobre confusões na primeira parte do seu poema.

Já sobre a localisação das mysteriosas Columnas, o estudo das legendas, a que no principio alludimos, nos obrigou a mudar inteiramente de idéas. Resulta de tal estudo, e com a maxima evidencia, que as Columnas de Hercules eram factos positivos da antiga geographia phenicia, que não tinham nada de commum com o Estreito de Gibraltar. Estas phantasticas Columnas symbolisavam o *nec plus ultra* da navegação dos Phenicios, precisamente para fóra de Gibraltar, e, porque estas navegações tanto eram para o Mar Austral ao longo da costa africana, como para o Mar do Norte ao longo da costa da Europa, assim havia uma supposta Columna libyca, outra europeia; mas a primeira ficava pelas immediações de Atlas, era provavelmente o *mar innavegavel* de Scylax, que os Tyrios nunca se atreveram a ultrapassar, segundo parece certo; a segunda era nas immediações de Erythia (a Inglaterra), á entrada do Mar do Norte, o Passo de Calais [1].

A sua localisação nas duas margens de Gibraltar foi obra dos Gregos, quando se julgaram no caso de fazer identificações geographicas; mas com tal ingenuidade as fizeram, que, por exemplo, os mythographos, que já seguiam este prejuizo, se é que o não crearam, repetindo com a tradição phenicia, que no 11.º trabalho Hercules chegára ás Hesperides, proximas de Atlas, deixando vêr que o *nec plus ultra* d'esta navegação ou a Columna libyca, devia ser procurada nas immediações do Atlas e não n'outra parte, vinham todavia localisal-a em Gibraltar, no 10.º, escrevendo que, para ir de Tartesso a Erythia, o semi-deus teve de *atravessar o oceano* e de arrostar com grandes perigos maritimos, o que mostra que Erythia ficava a uma enorme distancia do Tartesso, identificavam Erythia com Gades, que fica a dois passos do Tartesso, e localisavam igualmente a Columna europeia em Gibraltar, isto é, antes mesmo

[1] Esta doutrina é largamente desenvolvida no livro que publicámos com o titulo *Os Argonautas*.

do ponto de partida, pois, como se sabe, Tartesso na foz do actual Gualdaquivir já fica para áquem do Estreito.

Nenhuma duvida póde restar portanto que as verdadeiras Columnas de Hercules da geographia phenicia nada tinham a vêr com Gibraltar; mas que a libyca ou austral ficava perto do Atlas, a europeia ou septentrional, á entrada do Mar do Norte. E que a esta ultima se referia o auctor do periplo, quando fallava d'umas Columnas de Hercules, batidas pelo aspero septentrião, menos duvida póde haver ainda, não só porque esta indicação topographica, innegavelmente sua, chega a ser intuitiva, mas porque, vistos a esta luz, os factos que Avieno tornou tão cahoticos, se desenham com uma clareza e exactidão summa, até nas suas minucias. Com effeito, fixadas as Columnas Septentrionaes no Passo de Calais, é claro como o sol que o golpho, onde ellas ficavam, e a que dava começo o Promontorio Œstrymnis, só póde ser o Mar da Mancha, como o promontorio só póde ser o Finisterræ da Bretanha; e tão rigorosas são as indicações topographicas, quer as relativas ás Columnas — de serem expostas aos asperos ventos do norte — quer as relativas ao Œstrymnis — de virar quasi todo para o tepido sul — que tambem não póde deixar de vêr-se n'ellas uma cópia do natural.

D'aqui se segue que Avieno copiou fielmente esta nitida geographia; e, se fez d'ella um cahos, foi simplesmente por addicionar ás Columnas Septentrionaes o nome d'Abyla e Calpe, ao Golpho Œstrymnico o nome de Golpho Atlantico, certamente na boa intenção de tornar mais clara a descripção original, mas conseguindo apenas entenebrecel-a, por obrigar os seus leitores a procurar no seu Golpho Atlantico e em Gibraltar o que sómente podia ser encontrado no Mar da Mancha e no Passo de Calais.

Como, eliminadas aquellas addições, todas as obscuridades se dissipam, conforme entrevimos já e será plenamente demonstrado no decurso d'este escripto, a decifração dos enigmas d'esta parte da *Ora Maritima* está fatalmente indicada n'um sentido absolutamente differente do que tinhamos adoptado an-

tes da descoberta d'estas verdades, tão occultas para nós, como para todos os interpretes, seja dito de passagem. Tivemos portanto de refazer quasi toda a parte d'esta secção.

Restava ainda um problema não menos importante que os anteriores: de que modo e até que ponto se aproveitou Avieno do antigo periplo? Müllenhoff, segundo já fizemos vêr, suppunha que o poeta se utilisára d'elle apenas subsidiariamente, podendo por isso escolher á sua vontade o Golpho Atlantico por ponto de partida, remontar-se d'ahi ao Mar da Mancha, etc., e podendo além d'isso intercalar na narrativa quantas noticias lhe parecesse, colhidas em quaesquer outras fontes.

Combatemos vivamente esta doutrina, que, além de tudo, tirava a esta parte da *Ora Maritima* a quasi totalidade do seu valor, e sustentamos que Avieno pouco mais fizera do que reproduzir o texto do periplo, que era para elle uma especie de livro de sete sellos. Concediamos ainda assim, que o nosso poeta pôde perceber vagamente que o anonymo chegára com a sua descripção ás costas occidentaes da Hispanha.

Esta mesma concessão era um erro grave, que nos levou ao exame de problemas inteiramente imaginarios; e hoje, comparando a interpretação que Avieno deu á geographia do periplo phenicio com a interpretação que á geographia da Heraclea phenicia deram os antigos mythographos gregos, temos como um dogma que o periplo, na parte que nos occupa, não era para Avieno uma especie de livro de sete sellos, era um verdadeiro livro de sete sellos. No seu entender, o horisonte geographico do anonymo não ultrapassava o Golpho Atlantico; era d'ahi que elle tomava o ponto de partida; ahi que localisava as Columnas Septentrionaes, o Golpho Œstrymnico e quanto n'elle se continha. Exactamente como os mythographos gregos concebiam a geographia do 10.º trabalho de Hercules; pois, conforme se viu, tambem elles translocaram para o Golpho Atlantico os factos geographicos, que a legenda originaria collocava pelo Mar da Mancha.

Se a flagrante coincidencia d'estes factos ainda deixasse algumas duvidas de que Avieno foi victima das mesmas illu-

sões que os seus predecessores, a ingenuidade das revelações, com que um e outros as denunciam, dissipava-as até á ultima. Effectivamente seria preciso estar tão cego como aquelles crendeiros, para não descobrir que a obcecação e insciencia, que levou os mythographos a identificar Erythia com Gades, dizendo-nos ao mesmo tempo que, para ir de Tartesso a Gades, Hercules teve de atravessar o oceano e de arrostar enormes perigos, foi a mesma que levou Avieno a fixar em Gibraltar as Columnas de Hercules, dizendo-nos ao mesmo tempo que eram batidas pelo septentrião, a localisar no Golpho Atlantico as ilhas do estanho, etc.

De resto, a demonstração completa d'estas verdades irá surdindo a cada passo nas paginas que vão seguir-se. Deviamos porém releval-as, para mostrar que, á luz que ellas derramaram no nosso espirito, as interpretações, influenciadas pela idéa de que Avieno percebera, embora vagamente, que o periplo se estendera até ás costas occidentaes da Hispanha, não podiam ser mantidas. Tivemos por isso de as eliminar.

É de vêr que todas estas revelações nos impozeram um criterio muito mais absoluto e intransigente, que o adoptado no nosso primeiro trabalho, e que se havia de fazer sentir n'outras questões secundarias, que nos parece inutil especificar n'este logar.

Vêr-se-ha, no emtanto, que não era isso razão bastante para refundirmos o nosso livro, tão completamente como o fizemos. Pareceu-nos porém conveniente tornal-o uma especie de continuação dos *Argonautas*, e d'ahi a nova fórma que lhe demos.

Vamos esboçar a idéa que formamos hoje do poema de Avieno e indicar o processo critico que seguiremos inalteravelmente na sua interpretação. O poeta tinha diante de si um periplo phenicio, que tomava por ponto de partida o Golpho Œstrymnico ou Mar da Mancha, onde ficava o *nec plus ultra* da navegação dos Phenicios para o norte, as Columnas Septentrionaes. Avieno, que não conhece outras Columnas de Hercules senão as de Gibraltar, no Golpho Atlantico, entende que é

d'aqui que parte o anonymo, e vem conglobar n'este golpho não só os factos geographicos que elle adaptava ao Mar da Mancha, mas todos os que enumerava desde o Mar da Mancha até o Cabo de S. Vicente. Este acervo de deturpações só póde admirar a quem não reflectir que todas ellas são uma consequencia fatal e necessaria da desastrada localisação das Columnas no Golpho Atlantico; admittida ella, por força que toda a geographia do periplo havia de ser encerrada n'este golpho.

A desorientação de Avieno não póde ser mais completa; e é de vêr que toda esta parte do documento original se tornou para elle um verdadeiro livro de sete sellos, não lhe restando outro expediente senão deixar-se guiar, como um cego, pela mão do velho phenicio.

Dir-se-ha que n'esse caso, a exceptuar as confusões já apontadas, toda a descripção deve ser clara e muito bem coordenada. Não succede assim; obscuridades, incongruencias e mesmo absurdos geographicos não faltam no nosso poema; e descobrir as causas que os motivaram, restabelecendo, em vista d'ellas, a lição provavel do original, é uma tarefa longa e difficil, á qual todavia nos abalançamos. Para isso partiremos do principio de que o periplo, se não foi escripto por uma testemunha ocular dos factos que narra, foi escripto em face de documentos fornecidos por testemunhas oculares, o que para o nosso caso vale o mesmo, e que portanto o seu auctor não podia violar a geographia positiva e real.

Se encontrarmos d'essas violações flagrantes no trabalho de Avieno, concluiremos logo que são ellas outros tantos erros de interpretação, commettidos pelo poeta; e, restaurando o facto deturpado conforme as exigencias da geographia exacta, se encontrarmos a explicação satisfatoria aos equivocos do deturpador, ficaremos na convicção de haver atinado com a verdade.

PARTE GEOGRAPHICA

Dividiremos esta parte do nosso trabalho em quatro secções: 1.ª Golpho Œstrymnico, comprehendendo o Mar da Mancha e as Ilhas Britannicas; 2.ª o Golpho Grande, formado pelos dois lados do Mar Cantabrico; 3.ª *Ophiusœ frons*, começando no Finisterræ da Hispanha e terminando na bahia do Sado; 4.ª Paiz dos Cynetos, desde a bahia do Sado até á foz do rio Ana.

PRIMEIRA SECÇÃO

Golpho Œstrymnico

Observações preliminares. — A introducção da *Ora Maritima*, que nós hoje possuimos, foi innegavelmente redigida por Avieno no intuito de aclarar a falsa concepção geographica, que lhe entrára no espirito, e segundo a qual, como vimos, o ponto de partida do periplo era o Golpho Atlantico. Vimos tambem quantas obscuridades elle logrou amontoar com as suas desastradas elucidações, e como todas as obscuridades se dissipavam pela suppressão simples do nome de Abyla e Calpe, dado ás Columnas Septentrionaes, e do nome de Golpho Atlantico, amalgamado com o Golpho Œstrymnico.

Isto prova que a introducção actual do poema é já a cópia da introducção do periplo, apenas alterada nos pontos em que Avieno a julgou pouco comprehensivel para os seus leitores.

Assim o anonymo diria, conforme se lê no texto de hoje, que o mar cercava toda a terra, introduzindo-nos logo em seguida no Golpho Œstrymnico, pouco mais ou menos como o poeta nos introduz no Golpho Atlantico.

Os traços d'este incidente geographico não podem ser restaurados em todas as suas minudencias, mas suppomos que

Avieno ainda reproduziu o principal d'elles, quando nos mostra o oceano insinuando-se pelas falsas Columnas, visto succeder isso mesmo com relação ás verdadeiras.

Quanto ao ponto de partida, escolhido pelo anonymo, póde offerecer-se uma duvida, que nos apressamos a dissipar. A escolha do Mar da Mancha para ponto de partida d'uma viagem, historiada por um carthaginez (veremos que o nosso phenicio era carthaginez), parecerá coisa estranha, porque como ponto de chegada é que elle está naturalmente indicado, quer o mareante sahisse de Carthago, quer de Tartesso ou Gades.

Esta duvida teria realmente peso, se podesse provar-se que o nosso documento era um roteiro de viagem para as celebres ilhas do estanho, como lembra ao primeiro relance. O que se prova porém é que o anonymo não nos descrevia apenas as costas da Europa desde o Mar da Mancha até Gibraltar, mas desde o Mar da Mancha até Marselha, pelo menos; e, attenta a feição que Avieno sem duvida alguma conservou á narrativa original, principalmente na parte que temos de estudar, póde affirmar-se que estamos em face d'um documento, que os Gregos chamavam uma *periegesis*, destinado a satisfazer a curiosidade scientifica dos seus leitores, e só indirectamente os interesses da marinha mercante.

Posto isto, bem se vê que partir do Golpho Atlantico, para subir ao Mar da Mancha; descer d'ahi áquelle golpho, para proseguir até Marselha, como Müllenhoff suppunha que fizera Avieno, era começar pelo meio d'esta longa peregrinação, creando difficuldades e repetições inuteis, emquanto que principiar por uma das suas extremidades, que tal era o Golpho Œstrymnico, além de as evitar, obedecia ás indicações do methodo mais elementar.

A escolha do Mar da Mancha como ponto de partida da descripção, nada tem pois de estranhavel; pelo contrario. E, aclarada esta duvida e em vista das considerações antecedentes, atrevemo-nos a fazer a seguinte restituição do texto, concernente á secção do Golpho Œstrymnico e á introducção, que o precedia, excluindo, por prudencia, as minucias que já disse-

mos não passarem de conjecturaes, e eliminando as informações ethnographicas:

80. Terræ patentis orbis effuse jacet,
Orbique rursus unda circumfunditur.
Sed qua profundum semet insinuat salum
Oceano ab usque, ut...
85. ... est Œstrymnicus sinus.
Hic sunt columnæ pertinacis Herculis.
88. Duro perstrepunt.
Septentrione; sed locó certæ tenent
Et prominentis hic jugi surgit caput
(Œstrymnin istud dixit œvum antiquius),
Molesque celsa saxei fastigii
Tota in tepentem maxime vergit Notum.
Sub hujus autem prominentis vertice
Sinus dehiscit incolis Œstrymnicus,
In quo insulæ sese exerunt Œstrymnides,
Laxe jacentes, et metallo divites
Stanni atque plumbi;...
108. Ast hinc duobus in Sacram (sic insulam
Dixere prisci) solibus cursus rati est.
Hæc inter undas multa cespitem jacet,
Eamque late gens Hiernorum colit.
Propinqua rursus insula Albionum patet.

Estudemos agora os factos geographicos d'esta secção.

Golpho Œstrymnico; Columnas de Hercules; Promontorio Œstrymnis. — Nada mais temos a accrescentar ao que está dito e redito: — que, fixadas as Columnas nas duas margens de Calais, basta lançar os olhos a um mappa da Europa occidental, para reconhecer que o Golpho Œstrymnico, onde ellas ficavam, não póde ser senão o Mar da Mancha; o promontorio Œstrymnis, que dava começo ao golpho, o Finisterræ da Bretanha.

As indicações topographicas, relativas ás Columnas e ao Promontorio, de serem aquellas expostas aos rijos ventos do norte, e o vertice do Œstrymnis virar quasi todo para o tepido sul, são caracteristicas e copiadas do natural, já o disse-

mos. Accrescentaremos agora que ellas obrigam a percorrer toda a costa da Bretanha, desde uma extremidade á outra, isto é, um dos lados do Golpho Œstrymnico, e talvez com isso contasse o anonymo, pois que em seguida nos vai fazer percorrer o outro.

Ilhas Œstrymnicas; Ilha dos Hiernos; Ilha dos Albiões. — No mesmo golpho viam-se umas vastas ilhas, *laxe jacentes,* chamadas tambem Œstrymnicas, ricas em estanho e chumbo. A particularidade de serem ricas em estanho, e fóco d'um mercado activo, a que os Tartessios e colonos de Carthago concorriam (v. 113-16), diz-nos manifestamente que se trata das Cassiterides dos Gregos.

As Cassiterides têm sido identificadas com as Sorlengas, mas Müllenhoff censura um pouco rudemente os que seguem ainda esta rotineira opinião, depois de estar provado que as Sorlengas não produzem estanho; e, advertindo que as Œstrymnicas são qualificadas de *laxe jacentes* e que pelo Mar da Mancha só ás Ilhas Britannicas póde ser applicada uma tal qualificação, concluia que as Ilhas Œstrymnicas não eram outra coisa senão a Inglaterra e a Irlanda, ou a Ilha dos Hiernos e a Ilha dos Albiões do periplo, o que valia o mesmo.

Esta opinião é porém insustentavel em face dos textos, que distinguem formalmente entre a Ilha dos Hiernos e dos Albiões e as Œstrymnicas: a Ilha dos Hiernos, dizem elles muito terminantemente, distava dois dias de navegação das Œstrymnicas, a Ilha dos Albiões pegava com ellas. Uma coisa pois são para o anonymo as Œstrymnicas, outra a Ilha dos Hiernos e a Ilha dos Albiões.

Por outro lado, a não ser a Inglaterra e a Irlanda, nenhumas ilhas ha pelo Mar da Mancha, a que possa applicar-se a indicação não menos terminante de *laxe jacentes.* De sorte que a difficuldade parece insoluvel, muito mais dentro dos principios que estabelecemos, segundo os quaes nem um observador pratico como o anonymo podia dar-nos uma informação tão absurdamente falsa, nem Avieno, que se deixava guiar cegamente por elle, podia escrever por sua conta uma phrase tão dis-

paratada, disparatada por qualquer face que a olhemos, porque admittindo mesmo o inadmissivel, isto é, que elle reconhecesse nas Œstrymnicas as Çassiterides dos geographos gregos e romanos (o que toda a sua *Ora Maritima* desmente), havia de vêr n'ellas, como todos elles viram, um grupo de muito pequenas ilhas, das quaes só por antiphrase se podia escrever — *laxe jacentes.*

O enigma portanto parece indecifravel, repetimos, e impotente o nosso processo de explicar as obscuridades da obra de Avieno pela falsa interpretação, que deu ao seu original. Todavia nada d'isto acontece; e é já muito significativo, sob mais d'um aspecto, que só um documento phenicio, como era o nosso, possa offerecer uma solução satisfatoria e completa do escuro problema.

Sabe-se que os Phenicios, do mesmo modo que os Hebreus, intimamente aparentados com elles pela raça e pela lingua, tinham uma mesma palavra para designar as ilhas, as peninsulas, as costas maritimas, e mesmo uma região em geral. D'aqui vem que os traductores dos livros biblicos attribuem por vezes aos seus auctores o absurdo de darem o nome de ilhas a paizes que nem sombra d'isso têm, á Capadocia, por exemplo, quando o absurdo provém unicamente da má intelligencia, dada pelos interpretes áquella palavra equivoca [1].

Foi n'um equivoco identico que cahiu o nosso poeta? Crêmos que ninguem o porá em duvida, mal se desengane que com a simples substituição da palavra *ilha* pela de *regio*, *plaga*, não só se dissipa, como por encanto, a difficuldade que parecia insoluvel, mas todo o quadro topographico, que ella escurecia, se torna, além de claro, notavel pelos mesmos traços rapidos e caracteristicos, que já notamos no esboço das Columnas e do Promontorio Œstrymnis. Substituamos pois a denominação de *Ilhas* Œstrymnicas pela de *Regiões* Œstrymnicas; n'estas re-

[1] Vêr sobre este ponto F. Lenormand, *Les origines de l'histoire*, II, pag. 23 e seg.; e principalmente, Gesenius, *Thesaurus phil. crit. linguæ hebraicæ et chaldaicæ*, I, pag. 38.

giões *laxe jacentes*, ricas de estanho e lavadas pelo Mar da Mancha, é impossivel deixar de reconhecer a parte meridional da Inglaterra, desenvolvendo as suas vastas costas desde o Passo de Calais até á ponta da Cornwall.

Entre as Œstrymnicas e a Ilha dos Hiernos (Irlanda) havia dois dias de navegação, continúa o texto. Estes dois dias de navegação são contados, é intuitivo, desde a costa occidental da Cornwall; se contamos da extremidade sul, achamos entre este ponto e a Irlanda 1:300 stadios, ou 650 por cada dia de navegação; se contamos da sua extremidade norte, que termina no Canal de Bristol, encontramos 950 stadios, ou 475 por dia [1]; e qualquer d'estes dados está tanto em harmonia com outros, especificados no nosso documento [2], que tambem é impossivel desconhecer, que a informação provém do anonymo e foi copiada ás cegas por Avieno.

Mas succede que, se a navegação de dois dias é exacta entre a Irlanda e qualquer ponto da costa da Inglaterra desde a margem esquerda do Canal de Bristol para sul, da margem direita do Canal para o norte a distancia é apenas de metade, ou menos.

N'um informador tão impeccavel como o nosso já esta circumstancia faz suspeitar que as Œstrymnicas não ultrapassavam, pelo poente, o Canal de Bristol; e n'estas alturas salta aos olhos a decifração d'um outro enigma, até agora indecifrado, — o da *Ilha* dos Albiões, *propinqua* ás Œstrymnicas. Substituamos ainda a palavra *ilha* pela de região, terra; a terra dos Albiões, *propinqua* ás Œstrymnicas, não é evidentemente senão a parte da Inglaterra, estendendo-se pelo poente, desde o Canal de Bristol até á sua extremidade norte.

Nós havemos de vêr mais tarde que, além dos Œstrymnidos, os occupantes das regiões do estanho propriamente ditas,

[1] Na Irlanda tomamos como ponto de chegada de qualquer das navegações o Promontorium Sacrum.

[2] Nomeadamente os que marcam a navegação entre o rio Tartesso e o rio Ana, e entre o rio Ana e a bahia de Lagos. Ambas as navegações são d'um dia, a primeira equivalendo a 500 stadios, a segunda a 650.

habitavam n'ellas uns Ligures, que temos de localisar no sudeste da Inglaterra, sobre o Passo de Calais. Por isso crêmos não errar, affirmando que as Œstrymnicas do anonymo eram a parte meridional da Inglaterra, comprehendida entre o Mar da Mancha e uma linha tirada do Canal de Bristol para o Canal do Tamisa; a terra dos Albiões era então toda a Inglaterra desde essa linha para o norte; e nada mais exacta n'este caso do que a affirmativa de ser a terra dos Albiões *propinqua* ás Œstrymnicas.

É da ultima evidencia, nos parece, que com a substituição pura e simples da palavra *ilha*, todas as obscuridades desapparecem, para dar logar a um esboço geographico d'uma nitidez e rigor inexcediveis, e revelando o mesmo processo descriptivo, que já relevamos atraz e que encontraremos invariavelmente seguido. Isto não póde ser milagre do acaso; e ha só a concluir que Avieno, cahindo no mesmo equivoco que os traductores biblicos, entenebreceu ainda uma vez o que no original estava extremamente claro.

E tanta certeza temos de que o leitor, reflectindo pouco que seja nas provas que lhe exhibimos, as ha de achar irrefragaveis, que julgamos tempo perdido insistir em tal assumpto.

*
* *

Aqui temos pois o Golpho Œstrymnico descripto com uma verdade e uma côr local, de que só podia dispôr um pratico intimamente familiarisado com estas regiões. Na secção seguinte vai elle tomar por ponto de partida o Promontorio Œstrymnis, seguindo com a sua descripção ininterruptamente pelas costas da Europa. Não ha portanto a menor duvida que o ponto inicial de partida era o Golpho Œstrymnico — um ponto de partida puramente ideal, devemos accentuar esta particularidade, que aliás não tem nada de estranho n'um documento como o nosso; mas com relação ao ponto de partida, póde occorrer aos leitores uma duvida, como nos occorreu a nós: porque começar

no Mar da Mancha e não de mais longe? Para além d'elle, para além das Columnas de Calais, havia o Mar do Norte, celebre, entre outras coisas, pelo ambar que se recolhia nas suas margens e constituiu um artigo importante do antigo commercio phenicio, um mar, em summa, que os navios tyrios percorreram certamente por mais d'uma vez; e, visto isso, seria extraordinario que um velho periplo carthaginez nem sequer alludisse a elle.

Deve o anonymo ser accusado por uma omissão, a que quadra bem o epitheto de extraordinaria? É o que vamos examinar detidamente, porque o problema implica outras questões de consideravel importancia.

Principiemos por commentar as passagens de v. 375-7 e 381-86, enigmaticas e suspeitas, sobretudo por causa da sua associação. Diz-se na primeira que, além das Columnas, *propter Europæ latus*, não tinham faltado colonias phenicias; diz-se na segunda que, além das Columnas, n'uma *occidua plaga*, havia um mar nevoento e morto, como asseverava Himilcon, que o conhecera por experiencia propria. A primeira noticia pouco nos interessa agora: refere-se evidentemente ao trato da costa entre Gibraltar e o Cabo de S. Vicente. A segunda está em caso muito diverso. D'onde foi ella extrahida? Do periplo de Himilcon, diz expressamente Avieno. Mas, por ninguem poder acreditar que Avieno pozesse a vista no periplo de Himilcon, cujo texto nenhum escriptor grego ou romano logrou conhecer, a affirmativa do poeta tem sido considerada como uma banalidade abaixo de toda a critica. Se porém é pouco menos de certo que Avieno nunca viu o periplo de Himilcon, é muito mais que provavel que o tivesse visto o anonymo; e resta saber se n'este ponto, como em todos os outros da descripção do ultimo occidente, Avieno não reproduziu textualmente o seu original.

É d'esta hypothese que vamos partir. Se a informação era dada pelo anonymo, não podia elle pôr na bôca de Himilcon a affirmativa de ter explorado um mar defronte de Gibraltar, n'uma *occidua plaga*. Defronte de Gibraltar havia apenas a

solidão do Atlantico, de que os Phenicios tinham horror, e onde Himilcon nada tinha que ir fazer; mas, afóra isso, sabe-se positivamente que a missão de Himilcon consistiu em reconhecer as costas occidentaes da Europa na direcção do Mar do Norte, como a de seu irmão Hannon, de reconhecer as da Africa na direcção do Mar Austral. De Hannon sabemos nós mais pelo seu proprio relatorio que passou muito além da Columna libyca, e, a crêl-o, sem o receio da falta de mantimentos seria capaz de fazer a circumnavegação da Africa.

Não é de suppôr que Himilcon se mostrasse menos arrojado que o seu emulo e estacasse diante das Columnas de Calais, muito mais devendo saber que já antes d'elle os navios tyrios tinham avançado para além d'ellas. É portanto quasi certo que Himilcon explorou o mar além das Columnas de Calais, o famoso mar de nevoeiros, e o que desde já se vê é que a nossa noticia, applicada áquellas Columnas e áquelle mar, tem um caracter accentuado de verdade historica. E ha de notar-se tambem que a pintura d'esse mar nevoento e quasi innavegavel, attribuida a Himilcon, se ajusta excellentemente ao muito celebre Mar Cronio, e de modo algum ao oceano fronteiro a Gibraltar.

Estas coincidencias são significativas; mas vamos analysar outras que ainda o são mais. A v. 116-29, torna Avieno a responsabilisar Himilcon pela affirmativa de ter percorrido o sinistro mar de nevoeiros, e agora accrescentaria o almirante punico que não tinha gasto menos de quatro mezes na sua exploração.

Esta passagem tem sido capitulada como a repetição fastidiosa da precedente; mas está muito longe d'isso. A informação é-nos dada d'esta vez a proposito das *ilhas* Œstrymnicas, d'essas Œstrymnicas que Avieno imaginava n'uma *occidua plaga,* defronte de Gibraltar, mas nas quaes, por ter copiado o periplo, nos forçou a vêr as costas meridionaes da Inglaterra e nomeadamente a Cornwall. Não era pois ao mar d'além das Columnas de Calais, ao Mar do Norte propriamente dito, que se referia a supposta repetição da noticia; era ao mar que se-

para a Inglaterra da Irlanda; e se, pelo que sabemos da missão de Himilcon, é extremamente provavel que elle explorasse o Mar do Norte, póde ter-se como certo que explorou o mar que separava a Inglaterra da Irlanda, mal se repàre em que este mar lavava as famosas regiões do estanho, cujo exame minucioso o governo de Carthago não podia deixar de recommendar-lhe.

As duas noticias, attribuidas a Himilcon, são portanto absolutamente diversas; referem-se a paragens differentes; se a primeira tinha todos os visos d'uma verdade historica, a segunda ainda os tem maiores; emfim, se a primeira podia deixar alguma duvida sobre ser ou não copiada do periplo, a segunda tão intuitivamente o é, que já mostramos como d'essa cópia inconsciente resaltou a rigorosa pintura das verdadeiras Œstrymnicas, que o nosso poeta phantasiava defronte de Gibraltar. Ora a authenticidade d'uma afiança a authenticidade da outra; e escusado é accentuar que ambas ellas se tornam absurdas e disparatadas, unicamente por serem applicadas ás falsas Columnas e ás falsas Œstrymnicas. Não podia isso deixar de succeder, attendendo ás illusões que obcecavam Avieno.

Em face de provas tão claras, parece-nos cegueira não acreditar que as duas preciosas informações as extrahiu Avieno do anonymo e este do periplo de Himilcon. Mas pergunta-se além d'isso se ambas ellas se não completam, e nos não deixam inferir com soffrivel segurança qual foi a tarefa do explorador por esses mares que tão sinistra impressão lhe causaram; pensamos na circumnavegação das Ilhas Britannicas, para reconhecimento das suas costas.

Já em si a empreza nada tem de surprehendente n'um emulo de Hannon, que devia levar, como este, as mais instantes recommendações para proseguir até onde podesse no descobrimento dos paizes, que o governo de Carthago anciava conhecer; e se, pelo que acima expozemos, é pouco menos de certo que elle percorreu o mar além de Calais e o mar que separava a Inglaterra da Irlanda, bem se vê que circumnavegar as Ilhas

Britannicas [1], pelo menos a Inglaterra, não era empreza mais difficil e perigosa, do que entrar pelas Columnas e sahir por ellas depois de percorrer as costas do Mar do Norte, para costear a Inglaterra pelo sul e ir em seguida percorrer o mar que a cercava pelo poente.

Mas ha uma particularidade que nos parece dar uma base positiva á nossa hypothese. É na segunda informação e a proposito de Cornwall, já o dissemos, que Himilcon declarava não ter gasto menos de quatro mezes na sua exploração. Não é licito suppôr que o almirante via na Cornwall o ponto de chegada da sua audaciosa empreza, como via nas Columnas, mencionadas na informação precedente, o seu ponto de partida? E não é isto dizer-nos quasi claramente que torneou as ilhas pelo norte?

Seguindo da Cornwall para o Calais ao longo da costa meridional da Inglaterra, Himilcon completava a sua circumnavegação, vindo fechal-a no ponto em que a começára, e podendo voltar a Carthago com a consciencia segura de ter desempenhado plenamente o seu penivel encargo.

Valha o que valer esta parte da nossa interpretação, do que não póde duvidar-se, crêmos nós, é que as duas noticias discutidas não são uma banalidade, conforme se tem sustentado, mas copiadas por Avieno do texto do periplo — noticias historicas, documentadas no relatorio de Himilcon, e que o anonymo tinha obrigação de conhecer.

[1] Tão exacta nos parece em geral a observação seguinte de F. Rougemont, *L'âge du bronze,* pag. 122, que não podemos deixar de a especificar: « L'importance du commerce que les Tyriens de Cadix faisaient non seulement avec la Cornouailles, mais avec toutes les iles Britanniques, resulte d'une manière frappante de la géographie de Ptolémée. Ce savant d'Alexandrie copiait son predecesseur immédiat, Marin de Tyr, qui avait tiré sa description de la terre et sa mappemonde de sources pheniciennes. Or la carte que Ptolémée nous trace de l'Irlande, est plus exacte que celles de toutes les autres contrées; les grandes anfractuosités des côtes y sont marquées avec une précision surprenante, et la cité plus importante de ile est un port de mer situé vers le *nord-ouest.* L'Irlande était au contraire, pour Strabon, Pline, Tacite, une terre presque complètement inconnue».

Não faltavam pois da parte d'este allusões aos mares do norte — era este o ponto que provocou esta discussão — justificando com ellas o motivo por que só do Mar da Mancha começava o seu trabalho; é que além d'ellas nada havia de notavel, como expressamente asseverava Himilcon, o paciente explorador d'aquellas mal afamadas paragens.

Tem de concluir-se que Avieno deturpou duas vezes a geographia do anonymo, já apropriando ás Columnas de Gibraltar o que tinha sido escripto para as Columnas de Calais, já inserindo no logar, em que o periplo fallava do Estreito de Gibraltar, uma noticia que elle inseria a proposito de Calais, e portanto no principio da narrativa. A primeira deturpação dispensa qualquer commentario, conhecida a idéa fixa do poeta ácerca da identidade das suas Columnas e das do anonymo. A segunda é originada deçerto pela mesma idéa, e secundariamente pelas conveniencias do nosso erudito. Nós vêmos com effeito a noticia enfeixada com quantas outras elle pôde colher nos seus queridos auctores gregos sobre o Estreito de Gibraltar; e, como não distinguia entre o Calais e Gibraltar, e não podia deixar de parecer-lhe indifferente inserir no principio da narrativa, ou mais tarde, uma informação concernente ao que suppunha uma unica localidade, a alteração que nos occupa tem mesmo uma certa razão de ser, attento o proposito de querer reunir todos os dados que lhe fornecia a sua erudição e habilitar d'este modo o leitor a conhecer a fundo o celeberrimo estreito.

Não conseguiu porém senão mostrar mais uma vez que não podia impunemente deslisar do trilho, por onde o guiava o anonymo. Da deslocação, que lhe parecia indifferente, nasceu com certeza um absurdo tão flagrante, que tratou de remediar como pôde, sem reparar que cahia n'outro maior. O leitor talvez já o entrevisse, quando lhe fallámos da suspeita associação das duas passagens (v. 375-7 e 381-86). Como é que além das Columnas não tinham faltado colonias phenicias, segundo se lia na primeira, se na segunda se affirmava que além d'estas mesmas Columnas só havia o mar nevoento e morto tão lugubremente pintado por Himilcon?

Vê-se que a contradicção era flagrante demais, e sem duvida, para a desfazer, inventou o nosso poeta a sua *occidua plaga*, que, contraposta á phrase — *propter Europæ latus* — conciliava tudo dentro da sua concepção geographica: além das Columnas não tinham faltado colonias punicas, mas era *propter Europæ latus;* lá para longe, n'uma *occidua plaga*, é que se encontrava o mar quasi innavegavel de Himilcon. D'este modo a contradicção parecia salva; parecia, porque a verdade era que, se as coisas se compunham por um lado, descompunham-se por outro. Sendo quasi innavegavel o mar descripto por Himilcon, e imaginado pelo poeta n'uma *occidua plaga*, fronteira a Gibraltar, como é que se encontravam ahi as Ilhas Œstrymnicas, occupadas, segundo os v. 112-16, por uma população activa e laboriosa, com a qual costumavam commerciar os colonos carthaginezes, nomeados linhas antes, um mar que os Œstrymnidos percorriam habitualmente (v. 101-2)?

Inutil advertir que na geographia do anonymo é tudo d'uma limpidez extrema; o mar quasi innavegavel de Himilcon ficava para norte, e provavelmente muito para norte das Columnas de Calais; os mares percorridos audaciosamente pelos Œstrymnidos eram o Mar da Mancha e o que se interpunha ás Œstrymnicas e Irlanda. Em summa, os mares da tetrica pintura de Himilcon não eram senão o mar polar — uma nova prova em favor da circumnavegação das Ilhas Britannicas, que suggerimos ainda ha pouco. Avieno, vindo amalgamar tudo isto n'uma *occidua plaga* em frente de Gibraltar, é apanhado em flagrante delicto de ter inventado aquella phrase, já sabemos por que razão, dando-nos ao mesmo tempo a inteira certeza de que, no seu entender, o horisonte geographico do anonymo não ultrapassava o parallelo do Cabo de S. Vicente.

Em vista das considerações expendidas, não hesitamos em completar a restauração do texto, relativo ao Golpho Œstrymnico, inserindo logo depois do v. 89 a celebre passagem do v. 381-86, na intima convicção que foi ahi, onde o nosso poeta a encontrou:

Ab his columnis gurgitem esse interminum,
Late patere pelagus, extendi salsum,
Himilcon tradit: nullus hæc adiit freta;
Nullus carinas æquor illud intulit,
Desint quod alto flabra propellentia.
Nullusque puppim spiritus cæli juvet:
Dehinc quod ætheram quodam amictu vestiat
Caligo, semper nebula condat gurgitem
Et crassiorem nubilum perstet die.

Podemos agora resumir d'um modo mais completo os factos que compõem a secção do Golpho Œstrymnico. Desde o Promontorio Œstrymnis, cujo vertice volta quasi todo ao tepido sul, até ás Columnas de Hercules, expostas aos rijos ventos do norte, estende-se um dos lados do Golpho Œstrymnico. Para além das Columnas fica um mar sem fim, coberto por espessos nevoeiros, e em parte quasi morto, consoante o testemunho de Himilcon, que o viu com os proprios olhos. Das Columnas e na direcção da Irlanda estende-se o outro lado do golpho, formado pelas vastas costas Œstrymnicas, ricas de estanho e de chumbo, e centro d'um commercio activo, a que, entre outros, concorrem habitualmente os Tartessios e os colonos de Carthago. Pegada com estas regiões está a terra dos Albiões, e a dois dias de navegação para poente a Irlanda.

Os traços, com que é esboçado este quadro, não podem ser mais nitidos, nem mais exuberantes de verdade, ha de confessar-se; e não foi decerto por culpa do anonymo que o original da sua cópia não tem sido reconhecido ao primeiro relance; ha de porém confessar-se igualmente que se não póde ser mais sobrio, nem mais laconico.

Nós chamamos toda a attenção do leitor para este processo descriptivo tão caracteristico, e ainda para a fidelidade, com que Avieno, forçado a ser um simples copista, teve de o reproduzir na grande maioria dos casos, porque ambos os factos têm verdadeira importancia, como a cada passo havemos de verificar.

Guimarães, 2 de dezembro de 1891.

F. Martins Sarmento.

IDÉAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario: *As idéas moraes do tempo presente,* por E. Rod — *A litteratura nos Estados-Unidos da America,* por G. Parsons Lathrop — *As doenças da instrucção,* por Antoine Albalat.

As idéas moraes do tempo presente, por E. Rod.

(*Les idées morales du temps présent,* par Edouard Rod. Perrin & Cie, Paris, 1891)

Eduardo Rod, n'um livro que merece uma versão completa para a nossa lingua, procura determinar as opiniões que certos guias do pensamento moderno, em França, têm professado sobre os problemas essenciaes da moral. A Renan, Zola, Bourget, Julio Lemaitre, E. Scherer, Dumas, Brunetière e o visconde do Vogüe juntou dois estrangeiros, Schopenhauer e Leão Tolstoï, pela influencia consideravel que estes dois ultimos exerceram no movimento dos espiritos no Occidente; excluiu todavia dos seus estudos os philosophos e moralistas de profissão (Schopenhauer foi mais um escriptor que um philosopho) que não tiveram no publico uma acção directa. A cada um dos nomes apontados consagra o auctor um capitulo especial. Na impossibilidade de os reproduzirmos mesmo summariamente, limitamo-nos a dar conta das conclusões finaes d'este balanço moral da litteratura franceza contemporanea. Abrimos uma excepção para duas paginas sobre Paulo Bourget, já porque os seus romances são largamente conhecidos entre nós, já tambem e principalmente porque n'essas paginas melhor do que quaesquer outras poderão revelar ao leitor as tendencias criticas de Eduardo Rod. Todavia, só uma traducção integral de todo o livro nos satisfaria para mostrarmos o superior preço em que o temos, pois trata magistralmente a mais alta das questões contemporaneas, inspirando-se nos mais sãos e vivificantes sentimentos.

Os peccados de Paulo Bourget. — Parece que um escriptor inclinado pelo seu temperamento a procurar o bem, tendo che-

gado a comprehender pela reflexão as condições em que o encontramos, devia sem mais hesitações descobrir o seu caminho definitivo; penetrado da alta importancia que tem para as sociedades modernas o repudio dos habitos de espirito que, brilhantes, especiosos, distinctos, são todavia perniciosos, romperia francamente com elles, e, violentando se necessario fosse a sua intelligencia obstinada, estabeleceria o equilibrio do seu pensamento sobre uma base de fé voluntaria. Será talvez o termo ultimo da evolução de Bourget, mas n'este momento prendem-n'o ainda dois obstaculos, que precisamos explicar.

O primeiro d'estes obstaculos é o amor da elegancia mundana, que é n'elle tão natural como o amor do bem. Já no prefacio de *Edel,* o poema ideal do futuro parecia-lhe ser um poema «de sapatos de polimento e de casaca preta». Ora, se em outros pontos mudou muito, conservou-se fiel a este ideal da mocidade. Os seus romances passam-se quasi todos entre fidalgos, nos arredores do parque Monceau, com incursões no bairro de Saint-Germain. Bourget não se contenta em descrever com admiração objectos innumeraveis e graciosos, cuja posse faz o luxo e cujo uso faz a elegancia, impregna-se d'este luxo e d'esta elegancia, deixa-a invadir todo o seu sêr, e é seduzido por ella até ao ponto de esquecer o bem pelo bello e talvez mesmo pelo lindo. Dir-se-ia que está sempre prompto a perdoar ás suas heroinas os maiores peccados a troco da finura das suas roupas. Nos deliciosos salões em que o encerra, o mal conserva-se excessivamente seductor para não ser perdoavel: as suas mulheres mais culpadas desatam nos seus *rendez-vous* tão encantadores espartilhos que nos sentimos cheios de indulgencia para a perversidade do seu coração. Cria aos seus personagens uma atmosphera voluptuosa, que se reflecte no auctor e nos leitores, e em que as sensações dôces, sabiamente multiplicadas, amollecem a vontade, embalam a consciencia n'um meio somno pouco favoravel ás reacções salutares. É que o amor do luxo e da elegancia concilia-se mal com o da virtude. A virtude, tal qual a concebe o mundo moderno desde a vinda do christianismo, é humilde, pobre, *popular*. Desde que Jesus o disse, é diffi-

cil a um rico entrar no reino dos céos. E isto explica-se: como haveis de dar á vossa alma os cuidados que ella reclama, se consagraes tanto tempo a cuidar de joias, de rendas, ou mesmo de lapis com uma perola na extremidade e das orchideas que ricamente vos enfeitam a mesa? Este luxo refinado que daes á vossa carne, não a leva a cahir? A carne — segundo o pensamento christão e moderno — é a fonte de todo o mal, a sua belleza perde-a, o que se faz por ella é peccado. Só a alma importa, e a alma é mais bella n'um corpo emaciado vestido de burel, que n'um corpo pomposo vestido de sêda. De resto, a perfeição moral implica o desprendimento do mundo, ao qual pelo contrario nos ligam os mil laços da vida elegante, de tal fórma que Bourget encontra a descrevel-a alegrias ineffaveis e que nada têm de philosophico.

O segundo obstaculo — mais grave — que fecha a Bourget o caminho da redempção, é a qualidade dominante do seu espirito, a que dá sabor a todas as suas obras, aquella a quem deve o melhor do seu triumpho: a sua intelligencia. Com effeito, através dos seus livros Bourget apparece promptamente como uma das intelligencias mais completas e mais largas do seu tempo. Nenhuma manifestação do pensamento lhe escapa: com uma maravilhosa facilidade que faz pensar no «proteismo» de Amiel, sahiu de si, penetrou a camada dos prejuizos que a educação devia ter deixado dentro d'elle, e, sem perder coisa alguma do que devia á sua cultura, comprehendeu os poetas reprovados como Baudelaire, os romancistas fóra de toda a tradição como Stendhal, os escriptores estrangeiros mais afastados do genio francez. Disse que os *comprehendeu*, no sentido mais largo da palavra, isto é, que se identificou com elles tanto quanto devia para o seu desenvolvimento, que se enriqueceu com as suas idéas assimilando-as, que se multiplicou pelo seu poder, que se lançou em todas as correntes creadas por elles, que as seguiu sem se abandonar ao seu impeto, sempre com a cabeça fóra da agua e pondo-se a pé antes da cascata. Uma tal faculdade é admiravel. Mas é precisamente a que Bourget admirava nos decadentes e nos dilettantes, e quando a deixamos funccionar livremen-

te, quando a levamos ao grau de acuidade a que elle a levou, ficamos perpetuamente improprios para a acção e, deve dizer-se, incapazes de assentar o pensamento n'um equilibrio estavel. Ainda mais que os refinamentos da elegancia, os refinamentos da intelligencia são incompativeis com a virtude. Todas as riquezas, as riquezas immateriaes como as outras, encerram interiormente o seu germen de ruina, a punição das alegrias que dão: o reino dos céos só se abre aos pobres de espirito. Como havia de ser d'outro modo? O rico prende-se excessivamente ás suas terras, ao seu ouro, aos seus palacios; o homem intelligente está excessivamente preso ás idéas para que as possua em logar de pertencer-lhes. Da mesma maneira que a fortuna não se faz senão com ruinas, a intelligencia não adquire senão destruindo. Lançada através do terrivel problema do bem e do mal, por pouco que se perca até ao fim dos seus postulados, supprime-o. É que viu demasiadamente bem, que tudo se prende, na machina complicada da moral e da religião, é que sabe muito bem que a ausencia d'uma só pedra faz desabar todo o edificio, é que precisamente não póde desenvolver-se senão arrancando, para vêl-as de mais perto, algumas d'estas pedras preciosas, que é incapaz de repôr no seu logar.

A intelligencia é negativa: eis o facto brutal cuja certeza é preciso lealmente reconhecer. É por ter sacrificado demasiadamente ás suas exigencias que Bourget, como os mais distinctos entre os homens da sua geração, está condemnado a fluctuar entre experiencias e contradicções, sem nunca achar a harmonia entre as aspirações da sua razão pratica e o seu incuravel scepticismo.

É certo que, considerados relativamente ao espirito pratico da gente convencida, os livros de Bourget não são bons livros. Mas ao lado da moral que quer guiar os actos, ha a que quer guiar o pensamento; e este não pede ao escriptor que exerça uma acção que se confundiria com a do philanthropo. Que elle attraia sobre os problemas complicados da vida a attenção dos homens tantas vezes distrahida por futilidades, que discuta com elles, que os leve ao aperfeiçoamento da sua intelligencia, que

lhes purifique o pensamento, que os arranque ao materialismo dos interesses, ás tyrannias dos factos exteriores, aos desvairamentos da irreflexão, que os torne conscientes das forças mysteriosas que a sua incuria deixa dormir no fundo d'elles mesmos, e será elle tambem, segundo as suas forças, a seu modo, um valente operario, um bom lavrador. Os que têm o mais nobre cuidado das coisas da alma, apesar de tudo, não condemnarão os romances de Bourget, e, para esses, os seus livros serão bons livros.

Balanço moral da litteratura contemporanea. — Á primeira vista as idéas moraes dos contemporaneos parecem uma confusão. O caracter essencial de toda a moral é com effeito, ser geral o mais possivel, isto é, poder servir a um grande numero de sêres; a moral individualista é um absurdo. Além d'isso, é necessario que as suas regras sejam fixas, sob pena de se prestar a compromissos, e, por conseguinte, de se tornar impotente. Ora a maior parte dos nossos contemporaneos parecem ter esquecido estas duas leis elementares: levados pela corrente individualista que arrastou este seculo e á qual, em certas materias, este seculo deve a sua grandeza, introduziram o individualismo onde mesmo elle não podia ser mais que um fermento de corrupção. Em logar do sacrificio do *eu*, sobre o qual assenta toda a concepção um pouco elevada do bem, procuraram e alcançaram o triumpho do *eu*. A sua razão impertinente, de insaciaveis exigencias, a sua intelligencia, subtil até á perversidade, a sua viva curiosidade, indiscreta, invasora, a pretexto de revel-os, destruiram os codigos instituidos e sanccionados pelas tradições. As suas bazes eram talvez frageis, mas sustentavam-se pela sua massa: e não resistiram ao alvião que lhes cortava as bases mal assentes. E sobre as ruinas da imponente cathedral, cujas flechas vistas de baixo pareciam tocar o céo, elevou-se uma multidão de pequenas capellas; as melhores não vão muito alto; as suas portas estreitas só se abrem a um pequeno numero de fieis. Por outras palavras, fabricamos correntemente a nossa pequena moral pessoal, boa para nós e para os nossos, adaptada ás necessidades particulares da nossa consciencia, com as attenuações e as excepções ne-

cessarias. É esta, creio, a impressão que nos deixa a leitura dos nossos principaes escriptores, considerados relativamente ao ponto que tratamos.

Mas nas obras que examinamos, mesmo nas mais complexas, as mais confusas, as mais ricas em contradicções, pudémos todavia distinguir certos traços communs, que nos permittiram ligar a idéas geraes os escriptos diversos d'um mesmo escriptor. Do mesmo modo, examinando bem, acabamos por distinguir traços communs entre obras muito diversas, assignadas com nomes muito differentes. É assim que vemos logo formarem-se dois grupos, que se confundem algumas vezes mas que todavia se tornam distinctos: os negativos e os positivos, se quizerem aceitar estas expressões, quer dizer, os que tendem a destruir e os que tendem a reconstruir. Depois, tratando a chronologia das obras com aquella liberdade que a propria confusão da nossa época auctorisa, poderemos verificar que a classificação que acabamos de indicar não é artificial e que, da mesma maneira que assenta em caracteres certos, corresponde aproximadamente a datas e factos. Quando tivermos indicado summariamente esses caracteres, essas datas e esses factos, teremos terminado a nossa tarefa, porque para ir mais longe seria necessario sahir do dominio da critica e entrar no das prophecias.

Á frente do grupo dos negativos, que fundou e dirige, vai Renan, com os seus modos de grande sacerdote do Nada, admiravel de resto, d'uma tão maravilhosa intelligencia, d'um talento tão maleavel, d'uma seducção tão irresistivel, que reuniu á volta de si os espiritos mais brilhantes da geração que o segue e que elle continúa a dominar. Representa o scepticismo absoluto e satisfeito: o scepticismo dogmatico, se me é permittido juntar estas duas palavras que pareem contradizer-se e que na realidade, tomando cada uma no seu sentido mais rigoroso, bastam apenas, assim reunidas, para exprimir o meu pensamento. A doutrina devia ser tanto mais contagiosa quanto, accommodando-se a todas as coisas, não exclue um vago e delicioso mysticismo, quanto mais se envolve em formulas delicadas, quanto mais agradavelmente adoptou a terminologia das dou-

trinas tradicionaes e brinca com palavras, como Deus, Infinito, etc., depois de as ter despojado da sua significação classica, e quanto, emfim, offerece aos seus adeptos volupias d'uma essencia superior, quasi paradisiacas. Assim foi feliz: tornou-se a religião dos espiritos cultivados, aos quaes repugna absolutamente o materialismo do genero conselho municipal; foi talvez a corrente mais poderosa d'este ultimo meio seculo.

A esta corrente veio juntar-se uma outra: o pessimismo, cuja lei foi prégada por Schopenhauer, e que, deformado, exaggerado, e, é preciso dizel-o, vilipendiado pelos discipulos e commentadores, forneceu dogmas aceitaveis para certos espiritos que o scepticismo renaneano não contentava. Estes exaggeros e estas deformações, que deviam perdel-o, fizeram o seu triumpho momentaneo, assim como fizeram o seu perigo. Em si, com effeito, o pessimismo é mais uma doutrina sã e forte que outra coisa: Brunetière demonstrou-o algures com uma rara superioridade. Mas, por pouco que nos desviemos ou que simplesmente cedamos ás suggestões da sua phrascologia, conduz á misanthropia, ao egoismo, á seccura do coração. Desenvolve principalmente um defeito deploravel, o defeito por excellencia dos escriptores, eterno escolho das mais bellas intelligencias: o orgulho. — A este rio juntou-se um terceiro affluente: Renan partiu d'uma fé cega na sciencia; a mesma fé, que não devia satisfazel-o por muito tempo, produziu tambem o naturalismo: uma doutrina mal sazonada, feita d'uma grande necessidade de certeza e d'uma grande ingenuidade, ao mesmo tempo affirmativa e destructiva, peremptoria e limitada. Graças ao talento dos seus mestres mais brilhantes, o naturalismo prestou incontestaveis serviços á causa das letras puras; mas assentando n'uma falsa concepção da sciencia e sobre conhecimentos scientificos de resto excessivamente rudimentares, em breve mostrou a sua insufficiencia, principalmente quando espiritos sem ponderação se lembraram de leval-o até ás suas ultimas consequencias. Estas tres correntes, de forças e de qualidades diversas, reuniram-se n'uma só, que circulou com um poder irresistivel desde 1848 (*L'Avenir de la Science*) até 1886 (*Le*

Roman Russe), se as idéas podem encerrar-se em datas precisas. Seria injusto e excessivo dizer que arrastaram tudo; mas arrastaram quasi tudo. Conscientemente ou inconscientemente, sem cuidar do que os espera ou com rapidas visões dos perigos a que se sujeitam, Lemaitre, Bourget, Scherer e tantos outros, todos se abandonaram á corrente. Para sermos completos, seria necessário ainda medir a acção das doutrinas negativas na consciencia publica, porque penetraram n'ella profundamente; podemos verifical-o, relembrando o que se lia á vinte annos, a violencia, a pressa e a irreverencia com que n'um dia, depois d'essas leituras, nos livravamos das crenças da nossa mocidade, e melhor ainda relendo os processos de certas coisas celebres.

Por certo, os escriptores que reunimos n'este primeiro grupo differem muito uns dos outros: de Zola a Renan vai longa distancia. Mas têm todavia traços communs, que permittem ao critico aproximal-os como permittiram ás suas doutrinas exercerem conjunctamente uma acção parallela. Primeiro, são indifferentes ás questões de moral, ou, quando as examinam, é apenas pelo seu interesse esthetico ou para tirar d'ellas interesse litterario. Por outras palavras, o *Bem* não os interessa, ou só os interessa com a condição de ser *Bello*, e bello d'uma certa belleza, adornado com o brilho facticio que a arte póde dar-lhe. — Esta indifferença leva-os naturalmente á doutrina da arte pela arte, que aceitam e professam mais ou menos francamente: ás vezes, como Bourget, procuram fugir-lhe, condemnam-na, combatem-na; mas, por mais que façam, sob uma ou outra fórma conservam-se seus adeptos; entrou-lhes no sangue. O seu esforço principal não vai além d'uma bella disposição das palavras e das idéas, e a maior parte das suas concepções oscillam entre estas duas proposições, a primeira das quaes serve de programma aos realistas e a segunda aos idealistas: «O escriptor não é um medico: mostra o mal e deixa aos outros o cuidado de cural-o»; — «o pensador não é pastor d'almas: pensa como a planta floresce, goza com o seu pensamento e, se póde, faz que os outros gozem d'elle tambem». Tratam a religião como a moral: desprezam-na ou riem-se d'ella, ne-

gam-na ou convertem-na em brinquedo. Os de temperamento sentimental declaram suspirando que os antepassados eram muito felizes entrevendo Deus, o Paraiso, a Eternidade no fim das cerimonias do culto, e que estas convicções davam á vida um encanto e simultaneamente uma solidez que ella já não tem. — Muitas vezes pedem á sciencia o que já não esperam da religião. Mais ou menos ingenuos, mais ou menos obstinados, aceitam voluntariamente as suas hypotheses como certezas: o proprio Renan não tem na historia uma confiança quasi tocante?... Zola sóbe a uma tripeça cada vez que falla das grandes leis da sciencia, e Bourget prima em descobrir leis psychologicas em todas as saias das suas heroinas. — Estes traços, repito, são communs ao grupo dos negativos. Sem duvida, cada um dos que o compõem, não os possue todos, mas cada um possue pelo menos alguns d'elles. Reconhecer-se-ha pois, que este grupo, apesar das apparencias, é bastante homogeneo. É diversificado, tanto quanto o exige a infinita variedade do pensamento moderno e a infinita variedade dos temperamentos, e não obstante apresenta uma incontestavel unidade.

Todavia, mesmo na maior vida do periodo negativo, alguns espiritos investigadores, d'aquelles que têm o raro poder de isolar-se e de resistir ás correntes em que se lançam as maiorias, comprehenderam ou presentiram os perigos sociaes das doutrinas que triumphavam. Procuraram então reagir e conjural-os. Talvez na origem não vissem tão longe como mais tarde quizeram dizer, e apenas se contentassem em obedecer aos seus temperamentos particulares; mas, seja como fôr, ao lado do grupo negativo formou-se pouco a pouco um grupo positivo. N'este encontramos primeiro os independentes Dumas, filho; em geral, a sua reacção tem por inicio uma impressão profunda produzida pelos espectaculos da injustiça ou da miseria. No desejo de luctar contra o mal, pedem remedios á sua imaginação que, mais ou menos fecunda, lh'os fornecerá sob a fórma de revisão dos codigos, leis novas, decretos do governo. Não irão além do empirismo. — Ao lado d'estes vieram collocar-se espiritos talvez menos originaes, menos creadores, mas mais philosophicos. Igual-

mente convencidos da necessidade d'uma reforma dos costumes, comprehendem além d'isso que uma tal reforma não póde sahir do cerebro d'um homem, que tem necessidade d'uma experiencia mais larga que a experiencia individual; que necessita, emfim, uma sancção. Esta sancção vão procural-a na tradição que é, como Taine tão bem o disse, a experiencia dos povos; Brunetière é o mais completo e o mais auctorisado representante d'este grupo. — Todavia, espiritos mais philosophicos ainda e mais rigorosos não podem furtar-se a observar que a tradição não é uma auctoridade sufficiente; é mobil, modifica-se de seculo para seculo, de paiz para paiz, presta-se a muitas interpretações differentes, é apenas um guia incerto e o seu dominio fica em todo o caso muito limitado. Só a religião póde ao mesmo tempo regular o pensamento e a acção. É pois a ella que precisamos dirigir-nos, pedindo-lhe, como fez Tolstoï, não agouros problematicos sobre a vida futura ou sobre os problemas da metaphysica, mas ordens formaes sobre a conducta da vida presente. Para estarmos certos de interpretar exactamente as suas ordens, é preciso entrar na religião pratica, á qual a Egreja deu a sua fórma definitiva, determinada, immutavel, n'esta religião catholica, que é ao mesmo tempo uma politica e uma moral. É este pelo menos o termo a que devem chegar necessariamente as deducções de M. de Vogüe ou de Desjardins, cuja acção, ha dois ou tres annos, cresce continuamente.

Se agora procurarmos os traços que podem caracterisar este grupo e marcar a sua homogeneidade, acharemos que são precisamente os mesmos que os do primeiro grupo, mas em sentido inverso. Todo o interesse que os primeiros ligam ás questões estheticas ou litterarias, transferem-no os segundos para as questões moraes, que de bom grado põem no primeiro plano e cuja grandeza, utilidade e importancia gostam de mostrar. — Do mesmo modo romperam com o culto que os negativos tinham votado á sciencia: respeitam-na, mas não aceitam sem reservas as suas deducções, e principalmente procuram verdades que a sciencia não tem a pretensão nem o poder de nos dar. Em duas palavras: trabalham fóra da sciencia, recusando-lhe o

imperio universal que os outros tentaram dar-lhe. — Em compensação, não estão longe de dar á religião o que recusam á sciencia; posto que alguns d'elles se conservem fóra da Egreja, posto que talvez na maior parte (não sei, supponho-o) sejam mediocres fieis, pouco assiduos no culto, recusando-se á confissão; se, n'um canto do seu coração ainda mundano ou do seu cerebro, que é a final um cerebro de homens de letras, conservam talvez duvidas gravissimas sobre os mais importantes dos artigos de fé, esforçam-se todavia pela submissão, fazem quanto podem para vergar o orgulho do seu espirito; alguns até, á força de vontade, chegam a ter a illusão de fé. Quem sabe se não chegarão até á fé? Quem sabe principalmente se o seu esforço não aproveitará a outros? Se, graças a elles, os mais simples não acabarão por aceitar inteiras as «verdades» perante as quaes se revoltam ainda? Tambem formam pois um grupo ao mesmo tempo homogeneo, um grupo cujos elementos, sem paridade á primeira vista, mantêm-se todavia juntos e estão como cimentados por uma argamassa de idéas communs e de caracteres communs.

Não é necessaria grande intelligencia para reconhecer que esta corrente positiva augmentava em volume e em força com quanto perdia a corrente negativa. Começou frouxamente; ha dez annos, mal se via, e a gente sagaz, que gosta mais de lêr no futuro que no presente, predizia, não sem apparencia de razão, a proximidade d'uma éra nova, em que, abandonadas as duas velhas muletas da humanidade, a moral e a religião caminhariam na via do livre pensamento, debaixo do sol da sciencia. E eis que os factos estão dispostos a desmentir estes agouros. A humanidade novamente se apoia nas velhas muletas, que talvez valham pouco, mas que, bem ou mal, emquanto não lh'as dão melhores, asseguram o seu tremulo caminhar: uma moral irracional, incompleta, insufficiente, é verdade, mas simples, fixa, solida; uma religião que não é certa, que não é *provada*, mas que se adapta á consciencia do maior numero e que a razão, com um pouco de boa vontade, acaba sempre por aceitar. De fórma que muitas idéas e crenças, que poderiamos julgar defini-

tivamente cahidas em desgraça, quasi no ridiculo, voltam ao seu antigo logar; e os moços de hoje recomeçam a celebrar a moral e a religião com o mesmo enthusiasmo que os rapazes de 1848 votavam á celebração da sciencia e do livre pensamento.

Póde perguntar-se se este movimento é devido á iniciativa e ao esforço das pessoas que nomeamos (Dumas, Brunetière, Vogüe, Tolstoï e muitos outros) e que não são de resto senão chefes da fileira, cercados ou seguidos d'um estado maior cujo numero e brilho augmenta d'anno para anno. Por certo lhe cabe uma parte d'esse movimento, mas quanto mais decisiva parece a sua influencia, com mais segurança podemos affirmar que ella é apenas um dos factores do movimento. Ha sempre, com effeito, uma correspondencia entre a acção que um escriptor exerce sobre o seu tempo e aquella que reciprocamente este ultimo exerce sobre o primeiro. Ás vezes parece que o escriptor vem com idéas novas, mas podemos estar certos de que as encontrou em volta de si, dispersas, correndo no ar como uma finissima poeira, que escapa aos olhos ordinarios; deu-lhes a formula esperada, a imagem clara e justa, o vestido que as abriga e as poupa á morte. As grandes correntes intellectuaes não são produzidas senão pela collaboração tacita dos que recebem e dos que dão, dos ignorantes e dos sabios, do mesmo modo que nas grandes emprezas, que cortam os isthmos e as montanhas, ha as economias do pobre e os capitaes do rico.

Ora existe uma perfeita harmonia entre as aspirações dos escriptores que chamamos positivos e as do mundo contemporaneo: porque os acontecimentos d'estes ultimos annos são quasi outros tantos symptomas d'uma reacção muito geral. É primeiro a Egreja que, graças ao genio d'um dos seus mais illustres pontifices, mas graças tambem ás experiencias que os seus adversarios fizeram, rapidamente restaurou a sua auctoridade e o seu prestigio que perseguições momentaneas tinham compromettido e que espiritos superficiaes podiam julgar abatida. Ao mesmo tempo o Estado, arruinado pelo triumpho prolongado dos partidos extremos, rehavia, graças aos proprios excessos d'esses partidos, o seu equilibrio ameaçado. A Egreja e o Esta-

do, as duas forças conservadoras por excellencia, que se tinham combatido durante a crise, reconciliam-se. Nada podemos ainda conjecturar sobre o resultado das tentativas de socialismo do Estado e de socialismo religioso que se emprehendem em toda a Europa; não podemos saber se conseguirão estabelecer uma paz duravel entre as diversas forças do organismo social, se, pelo contrario, apressarão a sua conflagração: mas, em todo o caso, essas tentativas, a que se consagram com ardor um imperador joven e um pontifice octogenario, mostram que os elementos defensores da ordem social estabelecida viram o perigo, comprehenderam-no, e procuram combatel-o dando uma parte ás reclamações que o justificavam e aggravavam. De fórma que o mundo, que parecia caminhar com uma rapidez vertiginosa para o materialismo e para a negação, para o radicalismo e para a anarchia, parou na sua marcha e, depois d'um breve abalo, parece começar um movimento em sentido inverso. Esta reacção, cujos primeiros passos são recentes, e que a historia datará talvez do reinado de Alexandre III que a lançou no Oriente, ou do de Guilherme II que a representa no Occidente, esta reacção foi tão rapida que já ameaça levar, com as doutrinas corruptoras que encontrou no seu caminho, algumas das mais bellas conquistas do liberalismo. É assim que os paizes se apressam a fechar as suas fronteiras com o mesmo zelo que outr'ora tinham em abril-as; que os povos se armam sem trégoas como se já não inspirassem uns aos outros senão odio e desconfiança; que sorrimos da palavra fraternidade e que a guerra, se chega a rebentar, vai transportar-nos a épocas que hão de lembrar as dos Hunos e dos Sarracenos. Por toda a parte, em S. Petersburgo como em Roma e como em Berlim, tomando em conta a differença das instituições e dos caracteres nacionaes, repetem-se os mesmos symptomas. A França, que tinha ido mais longe que os outros paizes na direcção precedente, resistiu por mais tempo á nova corrente: e todavia parou tambem, ninguem desconhecerá que as ultimas eleições legislativas, com as agitações que as precederam, fixam a data em que um movimento parou e em que um outro começa.

Estes traços, que basta indicar summariamente porque estão no espirito de todos, revelam-nos o caracter da nossa época. Justa ou injustamente voltamos ao caminho andado pelas gerações precedentes, estamos em reacção; e a reacção moral e religiosa, que particularmente examinámos, por mais importante que seja, é apenas um episodio d'esta reacção geral. Ora este movimento é devido a circumstancias fortuitas e passageiras com as quaes desapparecerá, e d'elle não ficará senão uma pagina quasi insignificante na historia do pensamento moderno? Ou, pelo contrario, ir-se-ha accentuando e conduzir-nos-ha, a nós ou aos nossos filhos, a um d'esses periodos de ordem solida, que assentam e se prolongam sobre doutrinas vivazes, sobre caracteres estaveis, como foi, por exemplo, o seculo XVII em França? É o segredo de ámanhã e é n'esta interrogação que agora terminaremos.

A litteratura nos Estados-Unidos da America, por G. Parsons Lathrop

(New Review)

Um ensaio por um publicista americano, que Parsons Lathrop ouviu lêr publicamente, declarava que a litteratura nos Estados-Unidos gozava differentes vantagens relativamente á litteratura em outros paizes não republicanos, e entre estas o respeito proprio cada vez maior entre os auctores americanos, uma certa «fluidez de relações» entre as classes na sociedade, maior liberdade de iniciativa, superioridade de thema, e uma maior frescura e vigor no desenvolvimento da linguagem. Tudo isso é contestado pela *New Review* no artigo de que vamos transcrever alguns periodos mais caracteristicos e que melhor nos revelam o que se passa além-mar. De resto, valem apenas como confirmação d'uma velhissima verdade; isto é, de que os paizes novos, quasi inteiramente votados ao desenvolvimento da riqueza não são os mais proprios para acclamar os homens de letras. *Prius vivere, deinde philosophare.* A litteratura só floresce entre os povos amadurecidos para a civilisação; a situação presente da litteratura nos Estados-Unidos póde dar-nos d'isso uma magnifica prova.

Não ha por certo coisa alguma nas circumstancias que rodeiam os auctores americanos, que os convidem a um respeito proprio excepcional; pelo contrario, n'essas circumstancias ha muita coisa tendente a rebaixar-lhes o proprio respeito e a mor-

tifical-os. Na Europa, a qualidade de auctor é frequentemente recompensada com distincções conferidas, em theoria pelo menos, como tributo ao talento. Os governos estrangeiros interessam-se por qualquer modo no desenvolvimento da litteratura; os Estados-Unidos não fazem assim, nenhum trabalho tem para animar ou honrar a profissão litteraria, a esta trata-se e alludc-se constantemente como a qualquer coisa que não tem comparação com os negocios praticos e com o espirito popular. A carreira politica de Beaconsfield, que começou como um romancista em vóga, seria impossivel aqui. Longe de ser um auxilio para triumphar na vida publica, as obras litterarias são antes um estorvo, a não ser que o escriptor tenha anteriormente ganho direitos ao respeito, e tenha completado a igualdade no paiz dos iguaes por meios differentes da devoção á litteratura. Para ter o seu logar na communidade inteiramente approvado, um auctor deve usualmente fazer carreira por outros talentos — como homem de negocios, prégador, professor, conferente, editor, soldado, orador, jornalista, ou qualquer outra coisa.

Quanto á «fluidez de relações» entre as differentes classes, é verdade que as nossas classes não estão fixadas; mas os seus limites e barreiras são reaes e obstructivos, e o espirito que as anima é menos logico que o que regula as classes nos paizes não republicanos. Os europeus concordaram afinal em certas distincções a que obedecem; emquanto os americanos obedecem a certas relações em que *não* concordaram. No mutuo contacto das classes na Europa ha ainda muito que desejar; nunca porém fui capaz de descobrir, ou observando alli as condições sociaes, ou comparando-as na sua transposição para a litteratura, que as relações entre as classes fossem mais difficeis nos paizes estrangeiros que entre nós. N'este ponto ha na Europa muita democracia genuina, posto que não apregoada; porque a fixidez de classes define posições relativas e obvia a embaraços originados na igualdade meramente nominal, como nós a temos.

Concede-se realmente aos americanos a liberdade de iniciativa litteraria n'um grau superior. No grande movimento intellectual do nosso tempo, a emancipação do pensamento scientifi-

co e a sua applicação á critica da historia, da religião, da esthetica, a iniciativa vem da Inglaterra e da Allemanha, e não da America republicana. Mesmo na philosophia politica, os Estados-Unidos, se fossem fieis á missão com que se estabeleceram, deveriam conservar-se preeminentes. O mundo segue, em grande parte, os conselhos dos nossos primeiros estadistas; mas quem succedeu á sua inspiração? Diz-se que lemos Herbert Spencer ainda mais que na Inglaterra; mas podemos nós reclamar uma iniciativa que se aproxime da liberdade, do vigor e da profundeza d'aquelle philosopho, no estudo da sociologia, das instituições, da moral e das leis?

Na monarchia ou no despotismo, um auctor póde estar em opposição; mas geralmente será opposição ao soberano ou á oligarchia, de cujo julgamento póde sempre appellar para o povo. Nos Estados-Unidos, se alguma vez está em opposição, é com o povo; e teme-o. O resultado é que, apesar da vida popular ser fertilissima em casos dramaticos, em intrigas e negocios politicos, em fartas correntes das paixões humanas, em esplendores da virtude e no terror do vicio e do crime; brilhantemente comica e cheia de episodios tragicos — material maduro para o romance, para o drama, para o ensaio — difficilmente um auctor se atreve a tentar incorporar com vigor e independencia estas phases tremendas da existencia passageira, receiando a inscrutavel maioria. Apesar de observador conscienciosо e admiravel, o professor Bryce não descobre nos Estados-Unidos nenhuma tendencia clara para a lei da multidão; para muitos americanos, todavia, a frequencia da applicação da lei de Lynch, procurando regular a moral das communidades pela violencia, parece indicar que elle se engana. A mesma especie de juizo summario applica-se á litteratura, ainda que d'um modo indirecto, silencioso, menos claro; Bryce não concorda com Tocqueville que percebeu esta verdade e declarou que não ha paiz no mundo em que exista menos liberdade intellectual que nos Estados-Unidos. Por mais benefícas que de diversas fórmas as revistas sejam para o publico, esses periodicos procuram sempre evitar que seja ferido qualquer prejuizo possivel dos seus leitores.

Accrescente-se a isto a contínua e quasi irresistivel tendencia para uma certa uniformidade exterior entre os americanos, que tem sido notada por muitos observadores attentos, tanto naturaes como estrangeiros, e começará a comprehender-se porque a nossa litteratura é tão pobre de robusto individualismo e carece tanto dos salutares conflictos dos espiritos na liberdade dos debates.

Precisamos ainda d'um espirito de verdadeiro respeito e sympathia pela litteratura, do devido conhecimento da sua importancia na vida e da resolução de sustental-a e dar-lhe liberdade.

As doenças da instrucção, por Antoine Albalat

(*Nouvelle Revue*)

Com o titulo de *Le mal d'écrire* a *Nouvelle Revue* publicou um artigo que merece ser lido e meditado. O auctor, que se assigna Antoine Albalat, affrontando, com uma coragem que ainda não é vulgar, um dos prejuizos modernos mais profundamente enraizados no espirito popular, aponta um dos grandes males do nosso tempo, esta supposta necessidade de muito saber e de muita instrucção, cujas perigosas consequencias sociaes começamos a sentir. Acabamos de ouvir as queixas d'um escriptor americano, que julga que a litteratura não tem na sua terra todas as honras e todo o respeito merecido; convém agora vêr onde leva o excessivo culto e respeito da litteratura. É possivel que d'um e d'outro lado haja exaggero; mas o que o leitor não poderá deixar de concluir, é que se qualquer das situações por muito extrema não é para cubiçar, sempre valerá mais um pedaço de pão que grandes sabenças.

Entre as doenças decadentes que poderiam tentar com proveito a minuciosa analyse d'um espirito philosophico como o de Paulo Bourget, ha uma que todos os dias alarga a sua devastação e que está em risco de abafar as intelligencias e os corações, sem distincção de idade e de sexo. Refiro-mo á doença de escrever.

Em época alguma esta epidemia castigou tão violentamente o publico francez. Excepcional outr'ora e apanagio dos homens de espirito, mesmo no seculo XVII, em que se publicaram tantas memorias e em que o pedantismo litterario esteve tanto

em vóga, a mania de escrever tornou-se hoje universal, porque é d'algum modo o resultado da nossa civilisação. O seculo XVII foi o triumpho do gosto e da autocracia real; o seculo XVIII foi o seculo da emancipação politica e religiosa. A democracia e a instrucção excessiva caracterisaram o seculo XIX. Póde discutir-se se será uma força ou uma fraqueza, mas creio que é esta a sua originalidade. A sciencia alargou-se por tal fórma, os progressos materiaes e os meios de instruir-se activaram tão rapidamente a sêde de conhecer, que os espiritos mais ordinarios acharam-se capazes sem grandes esforços, não de saber bem certas coisas, mas de saber muitas coisas. O movimento democratico d'estes ultimos vinte annos accentuou esta forte tendencia tornando a instrucção obrigatoria para o povo. Não só as estatisticas recentes provaram quanto Spencer tinha razão julgando que a instrucção não augmenta a moralidade publica, mas o estado actual da nossa litteratura e as tendencias geraes das novas classes illustradas estão em caminho de demonstrar que esta famosa instrucção obrigatoria está bem proxima d'um engano. Desde o dia em que o estado impôz a cada um o dever de ser um homem instruido, pensou-se em tirar proveito d'esta instrucção; procurou-se augmental-a para melhor nos servir; ambicionamol-a para exploral-a; applicou-se a necessidades sociaes o que era apenas uma necessidade do espirito e, em logar de a gozarmos, quizemos viver d'ella. Desde então o publico dividiu-se em dois campos. Uns pediram ao estado uma posição remuneradora como recompensa da nova obrigação que elle lhe impunha. Se o augmento do saber elevava as pretensões sociaes, não era justo que o estado désse um logar aos que elle tirava da sua classe e consagrasse por esta sancção o esforço que exigia d'elles? As intelligencias positivas concluiram com razão que este esforço não tinha fim, se a sua utilidade não fosse material. É assim que todas as carreiras se atulharam de pretendentes, que a lucta pela vida se tornou uma caça dos empregos. Uma posição, que era em outro tempo o resultado d'uma longa perseverança, é hoje um favor especial. A administração franceza, correios, telegraphos, secretarias, escó-

las ou funccionalismo politico, augmentou em proporções enormes desde que a instrucção se propagou. Mas são as mulheres as mais dignas de lastima. Para substituir o casamento, cada vez mais raro, as mulheres precipitaram-se nas carreiras que a instrucção parecia abrir-lhes. A illusão durou pouco. O estado promettia o repouso, a moralidade, a segurança pela instrucção, e em cada cidade encontram-se sem esperança centenares de mulheres, á merce da lucta, a vida incerta, tentadas pela galanteria, o recurso exclusivo d'uma época que caminha para a prostituição universal, como ousou dizel-o Dumas, filho.

Taes são as consequencias desastrosas da instrucção igualitaria para a parte do publico que póde chamar-se improductiva, em opposição á classe letrada e escriptora, unico objecto do estudo que nos occupa. Aquelles que tinham mais gosto pela assimilação dos conhecimentos intellectuaes levaram mais longe a sua educação, e foram pedir o pão á litteratura livre, este officio que não exige concursos nem diplomas. Tomaram por uma vocação o que para elles não era senão a unica carreira possivel, e, não tendo fortuna bastante para conservar-se *dilettanti*, improvisaram-se escriptores, como se estabelece um merceeiro. Começaram a escrever para ganhar dinheiro; publicaram-se volumes como se vende lunetas, não para fazer bons livros, mas porque eram bem pagos em folhetins.

A doença de escrever seria na verdade materia de gracejo se não constituisse um symptoma desastroso para o futuro artistico do nosso paiz. Em nenhuma época foi mais raro descobrir uma obra de merecimento, e nunca se viu tanta gente cuidar de ser auctor, quando ha tão poucos que sabem escrever. Tudo isso seria ainda perdoavel e aceitavel, se o publico tivesse meio de escolher o que deve lêr. Ora, á falta de tempo e de intelligencia, essa escolha tornou-se impossivel. Incapaz de resistir a esta producção incessante, o publico pediu á critica que o guiasse; mas o trasbordar das obras impressas transformou a critica. Ninguem quiz julgar os livros que vem á luz, porque vinte e quatro horas por dia seriam insufficientes para uma tal empreza. A critica foi substituida pela bibliographia e as analy-

ses dogmaticas pelos annuncios a tanto por linha. O publico acabou por desprezar a bibliographia e, não tendo quem o guiasse, cansado de escolher, cada vez compra e lê menos.

Eis o facto que é grave e que todos apontam: já ninguem lê, os livros faltam nas livrarias. Julgou-se encontrar a explicação d'esta indifferença na barateza das edições populares e nos gabinetes de leitura. A verdadeira causa, a unica, é a doença de escrever. O excesso trouxe a indifferença. E talvez, afinal, valha mais deixarem de lêr que continuarem a lêr o que se lia.

Por aqui póde julgar o leitor a opportunidade e a importancia do artigo a que nos vimos referindo e que, sendo longo, umas largas vinte paginas, e nada diffuso, é impossivel condensar em breve espaço. Para concluir, apontaremos ainda alguns periodos sobre um outro prejuizo, que tem feito ás letras um mal tão grande ou maior que a superabundancia de escriptores, mal commum á França e a Portugal, mas para nós muito mais ridiculo, porque creou pretensões em completa opposição com o caracter portuguez. Tambem nós, os jornalistas particularmente, quizemos ser parisienses, e, sem ao menos conseguirmos sel-o, pozemos a lingua e a litteratura nacionaes no mais deploravel estado.

Entre as causas que mais favoreceram a doença de escrever, ha uma que desejaria apontar energicamente, porque é a chaga temivel por excellencia, o flagello favorito, em certo modo o nosso vicio nacional. Refiro-me ao parisianismo, ao *boulevardismo*. É conhecida esta infallivel legenda que nos repetem por todas as fórmas: «É a Paris que precisamos ir. Paris é a fornalha em que se elabora o pensamento da França, o centro d'onde emana toda a fama e gloria». A litteratura não é uma peregrinação e Paris não é Meca. Se as necessidades dos mercados centralisam em Paris o movimento scientifico e artistico, não é verdade que a capital seja *à priori* o ponto de partida da sciencia e da litteratura. Só alguns raros caixeiros-viajantes se atrevem a representar a provincia como incapaz de assimilação e de innovação. É necessaria a ingenuidade de Balzac para pretender que um escriptor, que vive na provincia, passados trinta annos está perdido para a arte. Não só Paris é desnecessario ao escriptor, mas póde affirmar-se que dez vezes em doze só se é verdadeiramente *dilettanti* ou artista productor

com a condição de não habitar Paris. Como teria o parisiense tempo de trabalhar? As exigencias mundanas absorveram e materialisaram a sua actividade. O parisiense leu sempre pouco, mas nunca menos que agora, e exclusivamente livros futeis. É em Paris que se ostentam em toda a sua gloria o espirito superficial, a avidez frivola, o snobismo artistico, o gosto facticio, as lantejoulas da vaidade e sem nome. A não ser que nos isolemos como os homens de sciencia ou que vivamos em Paris como provincianos, é fóra d'alli que se encontram os *dilettanti*, os leitores conscienciosos, os que estudam por gosto e se interessam por convicção, aquelles para quem a litteratura não é um passatempo, mas uma satisfação que constitue o fundo da vida.

Quem quizer escrever alguma coisa que tenha valor não deve viver em Paris. Uma obra duravel cria-se á força de meditação e de isolamento. Podem gabar os beneficios de relações sociaes muito estreitas e frequentes; é pela concentração e não pela dispersão que o talento se revela. Não ha originalidade senão fóra da capital; a centralisação parisiense paralysa o caracter pessoal e torna os talentos uniformes. A escóla contemporanea de observação realista foi fundada por Flaubert, um provinciano que recusou sempre habitar Paris. Pedro Loti, quasi sempre embarcado, foi procurar a sua inspiração mais longe ainda que na provincia, nos paizes primitivos e selvagens. Labiche era *maire* da sua communa; George Sand não deixava Nohant; Daudet enclausurou-se na rua de Bellechasse; Zola em Médan, Goncourt em Anteuil; Maupassant navega ou viaja; Mistral está em Maillane, Soulary em Lyon, Octavio Feuillet vivia em Versalhes. Paulo Bourget nunca escreve um romance em Paris.

É preciso, pois, deixar de considerar Paris como o meio iniciador do nosso movimento litterario. Longe de fornecer idéas á provincia, Paris vive das idéas que a provincia lhe traz.

J. L.

*

POESIAS DE H. HEINE

(TRADUZIDAS DO ALLEMÃO)

NA FLORESTA

(Das *Lamentações*)

Eu trouxe na cabeça uma grinalda,
Quando fui novo, em tempos que la vão...
Linda grinalda aquella! possuia
Irresistivel, magica attracção.

Se a grinalda cahia em graça a todos,
Não desfructava o dono igual prazer:
Fugi, longe fugi da inveja esqualida,
Ás verdes solidões fui-me esconder.

Ás verdes solidões — vive-se lá
Tão livremente, em tão boa harmonia
Com os genios silvanos, com as féras
E os mansos animaes que a selva cria!

Raros se me esquivavam, que eu não era
Coisa de fazer medo ou prejuizo;
Via a corça que eu não usava de arma,
E a fada... que me não sobrava o siso.

Só tolos contam as mercês das fadas;
Mas posso-lhes dizer sem reticencia
Como outros dignitarios da floresta
Me receberam com benevolencia.

Meigas, gentis, as sylphides voavam
Em torno a mim, com jovial diabrura;
O olhar, subtil um tanto, promettia
Dulcissima, porém mortal ventura.

E sempre a chalrear! Jogavam Maias,
Fallavam-me da côrte — casos, vidas...
Façam idéa: a *escandalosa chronica*
Da rainha Titania! Que atrevidas!

Se eu me sentasse perto do ribeiro,
Emergiam, trazendo fluctuantes
Os anneis de ouro e prateados véos,
As ondinas, aquaticas bacchantes.

Em violinos e cytharas tocavam;
Nas posturas, toadas e cadencia,
— Era a celebre *Dansa das Ondinas* —
Ria, cantava, saltava a demencia.

Quando ás lindas pequenas regirava
Menos ruidosa e infrene a ventoinha,
Ficavam reclinadas a meus pés,
Tendo no meu regaço as cabecinhas,

A trinar, a trautear cantos de Italia,
Como *As Cidras do Amor;* mas predilecto
Era um hymno composto em meu louvor,
E do meu nobre, varonil aspecto.

Ás vezes, rindo muito, intercalavam
Perguntas melindrosas, em tom futil,
Assim: «Porque faria Deus o homem?
«Sabes dizer-nos para o que elle é util?

«É de hollanda gommada ou cordovão
«A alma immortal lá dentro de vocês?
«Cada um tem a sua? Sendo assim,
«Porque ha na raça tanta estupidez?»

Calarei as respostas. Certo é
Que á minha alma immortal não dava offensa
O que palrasse uma pequena ondina:
Para tudo as ondinas tem licença.

Graciosas, zombeteiras ellas são,
Como os sylphos. Attentos, serviçaes
São os gnomos da terra para os homens;
Havia uns de que eu gostava mais:

Têm longos mantos anchos, e vermelhos,
Ar digno, mas ancioso e desconfiado;
No zelo com que encobrem os pésinhos
Fingia não ter nunca reparado.

Entre nós: os pés são como de pato
E cuidam elles que ninguem lh'os vê;
Miserias taes respeito sempre muito;
Ferem mais fundo que o geral o crê.

Valha-nos Deus! como esses bons anões
Todos temos defeito que occultar,
E crêmos que dos nossos pés de pato
Pessoa alguma chega a suspeitar.

Quasi nada privci com salamandras,
E pouco investiguei do seu viver;
Via-os passar, fórmas phosphorescentes,
De noite, sempre esquivos, a correr...

Da altura de creanças, uns canniços,
Rostos doentes, lividos, chupados,
Calções e colletinhos escarlates,
Bordados de ouro e mais do que apertados.

Não arderem no fogo convirei
Que é sorte mui bem feita. Mas é crivel
Que genuino espirito de fogo
Seja um sujeito tão incombustivel?

Cada um d'elles traz corôa de ouro,
Cravada de rubis, mas pequenina;
Cada um julga ser rei absoluto
Por muito especial graça divina.

Os genios mais sagazes, os alrunas,
São velhinhos que têm de altura um dedo,
Alvas as longas barbas, pernas curtas —
De que tronco descendem é segredo!

Ao luar, ás cambalhotas, lembram muito
Maçanetas de *dente de leão*,
Maligna especie!... Eu sou-lhes obrigado,
Outros, pois, lhes indaguem da extracção.

Ensinaram-me a lêr astros, agouros,
A cavalgar nos ventos pelos céos,
A compellir, com esconjuros runicos
Os mortos a sahir dos mausoléos;

A encantar aves, a conjurar o fogo,
E a cumprir o ritual indefectivel,
Para colher, em noite de S. João
A hervinha com a qual se anda invisivel.

Fizeram-me assobiar o chamariz,
Que engoda o pico e fal-o, hypnotisado,
Emprestar a mandragora, bom indice
Para qualquer thesouro soterrado.

E as encantações que se murmuram
Ao exhumar... todas as espertezas
Me explicaram. Em vão! nunca aprendi
A arte sublime de cavar riquezas.

Carecia de pouco na floresta
E podia pagal-o. Sem contar
Gastava os rendimentos de uns castellos
Que eu proprio edificava... pelo ar.

Tempo ditoso! o ar era uma orchestra,
E perenne a folia tumultuaria,
De ondinas, sylphos, gnomos em meu peito,
Ebrio de poesia legendaria.

Tempo ditoso! As verdes ramarias
Arqueavam-se em portas triumphaes,
E eu passava por baixo, coroado,
Como no Lacio os fortes generaes.

Não tornas a voltar, saudoso tempo,
Como não volve atraz a agua da fonte...
Mudou tudo! a grinalda que eu trazia
Essa mesma tiraram-m'a da fronte.

Roubaram-me a grinalda! ainda ignoro
Como, onde e por quem me foi roubada;
Só desde que a levaram, bem o sinto,
Ficou minh'alma como inanimada.

Dilatam-me olhos de sinistro pasmo
As larvas do universo. O céo soturno,
É mudo cemiterio azul dos deuses;
Entro o bosque, abatido e taciturno.

Os sylphos onde estão? ouço businas,
Ouço ulular os cães do caçador;
Acoutado nas moutas, o veado,
Lambe as feridas a chorar de dôr.

E os alrunas? agacham-se, tranzidos,
Nas fendas dos rochedos. Que vos fiz,
Meus amiguinhos? vinde, aqui vos torno,
Sem corôa, sem sonhos, infeliz!

E a fada loura de compridas tranças,
Primeira bella a quem devi favores?
E o carvalho onde tinha o seu palacio?
Esfolhou-vos o vento, ó meus amores!

Desconsolado e cavo como a Estyge,
O lento arroio frouxo pranto verte;
Além vejo uma ondina acabrunhada,
Branca de morte e, como estatua, inerte.

Vibrante de piedade então me abeiro;
Ella ergue-se, pousa o olhar em mim,
E rompe logo em fuga apavorada,
Como se visse algum espectro ruim.

O CONDE OLAVO

(Dos *Romances*)

I

Junto á egreja estão dois homens,
Ambos vestem de encarnado!
O algoz é um, outro o rei:
—«Afia o teu bom machado;
«Pelos canticos, parece
«O casamento acabado».

Orgão, sinos! Com os noivos
Sae a boda e se apparelha;
Um cadaver branco, triste,
Bello, a princeza semelha;
Vai mui guapo o conde Olavo,
Sorri-lhe a bôca vermelha.

—«Muito bom dia, meu sogro»,
Disse ao rei severo, e ria...
«Com a vida hoje te pago;
«Mas dá-me o resto do dia,
«Para que haja em meu noivado
«Pompa, festas e folia.

«Mais um dia, um dia só
«Deixa, deixa-me gozar;
«Queria á luz dos archotes
«A ultima taça vasar;
«Com minha linda mulher
«A ultima dansa dansar».

E ao carrasco disse o rei:
—«Hei por bem que ao condemnado,
«Nosso genro, aqui presente,
«Seja o praso prorogado
«Até o meio da noite.
«Afia o teu bom machado».

II

Á mesa o conde Olavo
Bebeu o ultimo trago;
Sobre elle se debruça
A princeza convulsa
O algoz espera á porta.

Vibrantes, varonis,
Os violinos cantam;
Dolentes, feminis,
As flautas se quebrantam
O algoz espera á porta.

Sofrego, o conde enlaça
A noiva; á luz dos fachos
O par gira e volteia
Na dansa derradeira
O algoz espera á porta.

Cresce, aturde o clamor!
E o noivo, n'um cicio:
—«É tanto o meu amor,
E o tumulo é tão frio...»
O algoz espera á porta.

III

Conde Olàvo, é meia noite;
Chega o momento final;
Gozaste filha de rei
Sem a benção nupcial.

Os frades já te encommendam;
E, junto ao cepo enlutado,
O homem do fato vermelho
Está de cutello afiado.

Já desceu ao pateo o conde;
Mil espadas a luzir,
Mil fachos tambem! Fallou
Co'a bôca vermelha a rir:

«Bemdito seja o sol, bemdita a lua
«E os demais astros que no azul vagueiam;
«Bemditos os velozes passarinhos,
«Que pelos ares limpidos gorgeiam.

«Bemdito seja o mar, bemdita a varzea,
«Que enfeitam a papoula e o malmequer,
«Bemditas as violetas! são tão dôces,
«São como os olhos de minha mulher.

«Por teus olhos, teus olhos de violeta
«Perco a vida e o prazer que a vida tinha...
«Bemdito seja o sabugueiro em flôr
«A cuja sombra um dia foste minha».

Izabel Leite.

POLITICA INTERNA

Não nos enganavamos, quando em dezembro ultimo diziamos que a politica nacional continuava na tradição dos ultimos quarenta annos, e que não era necessario ser grande propheta para prevêr uma proxima crise ministerial.

Poucos dias depois de o termos escripto, annunciavam os jornaes diversos boatos de crise, e, como é costume, annunciavam simultaneamente os novos ministerios que as ambições politicas architectavam, conforme differentes interesses mais ou menos legitimos. Entre essas muitas combinações, houve duas que foram demoradamente discutidas, e que ás vezes pareciam ter probabilidades de victoria: um ministerio Dias Ferreira e um ministerio Lopo Vaz.

O ministerio Dias Ferreira daria logar ao snr. Fuschini, ao snr. bispo de Bethsaida e ao snr. Oliveira Martins, sendo apoiado por uma parte importante do partido republicano. Comprehende-se facilmente o que seria esse ministerio: constituido por homens de incontestavel talento e que gozam na opinião publica de certa influencia, por estarem ainda isentos do rematado descredito que pesa sobre a grande maioria dos nossos homens publicos, não tendo um partido que lhe désse solido apoio contra todas as eventualidades e que o defendesse dos muitos erros

e paixões que andam inherentes a todo o exercicio do poder, esse ministerio, para mantêr-se, careceria primeiramente do favor do Paço, e depois e principalmente d'uma administração intelligente e honesta, que inspirasse confiança no animo popular. Sem isso teria uma vida ephemera; porque, destinado a dar realisação, ao menos uma vez, ás vagas aspirações que andam no animo de todos os portuguezes que vêem a politica sem outro interesse que não seja o bem da nação, sendo uma tacita transacção entre o rei e o povo, ou havia de cumprir o contrato ou havia de ser banido por lhe ter faltado. Mas para ser fiel á sua missão, quantos interesses prejudicados, quantos ordenados reduzidos, quanta vaidade calcada! Por isso, os velhos agrupamentos politicos, amedrontados com a possibilidade d'um grande cataclismo, corriam pressurosos de lança em riste ao ataque contra o novo ministerio, que aliás estava, e ainda está, no poetico reino das visões. O panico é de tal ordem, se o barometro politico annuncia um temporal Dias Ferreira, que até dizem que, quando o snr. João Chrysostomo formou o segundo dos seus baralhados gabinetes e el-rei pensou no snr. Dias Ferreira para igual mistér, logo o snr. Antonio de Serpa e o snr. José Luciano, unidos como amigos velhos, promptos a salvar o paiz de tamanha calamidade compromettiam-se a formarem juntos um governo, que seria o mais prodigioso do nosso tempo, pois por tão estranha juncção deveria elevar ao quadrado os erros passados de progressistas e de regeneradores. Não sabemos se esse boato foi verdadeiro, mas, ainda que seja falso, é a imagem exacta da situação. Assim vai boiando o ministerio Dias Ferreira, sem poder lançar ferro em meio de tantas correntes contrarias.

Outro tanto não dizemos d'um ministerio Lopo Vaz estreme, sem mistura, todo ovelhas doceis tiradas do seu numeroso rebanho. Houve um dia, ahi pelo meiado de dezembro, em que a victoria esteve proxima; mas depois reflectiu-se, deu-se balanço á loja, e parece que se resolveu esperar para mais tarde quando o rebanho tiver crescido e pudér avassallar o mar e o mundo. Não importa, pouco significam esses desastres e hesita-

ções; nem por isso o snr. Lopo Vaz deixa de ser a mais evidente figura da politica portugueza no momento presente.

A mais evidente e a mais curiosa: porque é de vêr e admirar esta abelha industriosa a distillar o seu mel, pausada e serenamente, quando os outros vão atarefados, arquejantes, com a cabeça perdida. Tem muito de superior a cega e inabalavel tenacidade com que este homem confia na corrupção do paiz e em identicos meios de governal-o. Boas leis, boa administração, a famosa moralidade e economia pedida em altos gritos ha mais de vinte annos — são para o seu espirito historias idealistas, para uso das imaginações inquietas e dos que vivem no mundo da lua: a revolução, o descontentamento popular, a possibilidade de comprometter as instituições engrossando o partido republicano com os innumeros descontentes da politica monarchica — sonhos vãos, o paiz soffre d'uma inercia invencivel, não ha dôres que o acordem, quer apenas pão, um pequeno pedaço de pão, não o exige, pede-o pelo amor de Deus. Votos, muitos votos para as eleições, *influentes* espalhados por essas terras, d'isso é que os nossos homens publicos precisam para governarem á vontade, commodamente sentados nos seus gabinetes, sem receio d'um subito mandado de despejo. E elle ahi anda, com as suas fallas mansas e os seus gestos macios, a distribuir favores e a capitalisar esse precioso metal politico — os votos; nem miserias, nem ameaças lhe infundem temor, segue impavido, meditando nos santos livros do fontismo.

Confessemos que não são vãs as suas diligencias. Seja qual fôr a situação do thesouro publico e as condições d'uma situação politica que se intitula extra-partidaria, ha sempre margem para despachar o afilhado do influente da provincia, ha sempre bom ensejo de transferir um escrivão de fazenda cuja desgraça fôra promettida e jurada por um *cacique* da aldeia. Uns ficam na gratidão, outros atemorisam-se, outros vão levados pela esperança de novos favores, e entretanto o ministro cuida tão productivos bens, e capitalisando, capitalisando sempre. Alguns outros não pensam assim, elle bem o sabe; mas o futuro é que ha de dizer-lhes quem tinha juizo, porque emfim esta influencia

pessoal é uma força que, como todas as forças, convém ir augmentando para o que dér e viér.

Pensa assim o snr. Lopo Vaz, ou, pelo menos, mostra pelos seus actos que assim pensa, e não ha duvida que a fortuna sorri ás suas diligencias. Os *Te-Deum,* cantados em acção de graças pelo seu restabelecimento depois da grave doença que ultimamente soffreu, são a prova de quanto é estimado e querido o seu favor; na mesma egreja e na mesma oração, com o mesmo devoto recolhimento, n'uma confusão mystica a borbulhar por baixo da casaca e da gravata branca, davam-se louvores a Deus pelo restabelecimento do ministro e louvores ao ministro pelos beneficios passados, presentes e futuros. Quem tivesse lido nos jornaes a relação dos *Te-Deum* cantados pelas melhoras do snr. Lopo Vaz, e attentasse bem na qualidade das pessoas que tomaram a iniciativa d'essas festas, veria que muito poucas eram promovidas pelos que se julgavam sujeitos a ellas por obrigações de funccionarios, como os governadores civis e alguns outros; a maior parte foi obra unicamente d'essa especie de amigos chamados amigos politicos. Incontestavelmente o snr. Lopo Vaz mostrou n'essa occasião ser o maior influente d'estes reinos; só o snr. José Luciano seria homem para lhe disputar tão subida honra, mas ainda assim duvidamos muito que, no momento actual, podesse fazel-o com vantagem, e de futuro... de futuro as plantas novas crescem sempre com mais vigor que as arvores velhas.

Como documento para a historia dos homens e das nações, como exemplo da arte de reger os povos, o que o snr. Lopo Vaz está fazendo, o seu desprezo completo dos sentimentos superiores, o seu scepticismo e a sua confiança nos instinctos baixos, unicos que toma em conta nos seus calculos, como experiencia politica é curiosissimo. Se o futuro lhe dér razão, possibilidade que não podemos deixar de admittir, que triste destino o nosso! É para morrer de descrença e de vergonha.

Mas nem as artes do snr. Lopo Vaz, nem as tentativas de vida nova dirigidas pelo snr. Dias Ferreira, conseguem deslindar a meada politica cada vez mais embaraçada. Nenhum dos

nossos homens publicos se apresenta com prestigio ou qualquer outra especie de força que o eleve sufficientemente para impôl-o e elegel-o chefe da situação; influencia, prestigio, todas as forças ordinarias que fazem e desfazem os ministerios, ou melhor, que em outro tempo fizeram e desfizeram ministerios, encontram-se hoje dispersas, fragmentadas, sem poderem produzir corrente volumosa. D'ahi vem que os ministerios organisam-se com difficuldade. Já os dois ultimos não chegaram a sahir no *Diario* sem préviamente terem dado logar a uma prolongadissima comedia; o primeiro, principalmente, teve mais d'um mez de gestação e, depois de ter posto o snr. Martens Ferrão em peregrinação pela Europa para nos vir responder com um solemne *non possumus*, na sagrada linguagem a que vinha habituado, afinal acabou por ser tirado a ferros pelo snr. João Chrysostomo, com uma decisão que o paiz lhe agradeceu, porque estava cansado de esperar. É difficil descobrir um ministerio, que não encontre logo innumeras difficuldades nas vaidades e nos interesses politicos que póde prejudicar. Talvez por isso a vida do ministerio actual possa ir mais longe, que as suas forças proprias deveriam permittir. Só nos resta saber se tal conservação é um bem ou um mal para a nação.

A abertura das camaras em principios de dezembro obrigou os ministros a dizerem alguma coisa dos seus planos até então ignorados; e depois d'isso o discurso da corôa veio completar as primeiras declarações, se é que tanto os ministros como o rei declararam alguma coisa.

Naturalmente, a precaria situação do thesouro e os constantes receios de bancarrota dão ás palavras do ministro da fazenda excepcional valor, e fizeram que, desde as suas primeiras promessas de discutir no parlamento a questão de fazenda, fossem anciosamente esperadas as suas declarações. Não tardaram; e já em 16 de dezembro, respondendo ao snr. José Luciano na camara dos pares, o snr. Marianno de Carvalho dizia-nos entre outras coisas:

Que o estado do paiz é grave, mas que o estado da Europa tambem é pessimo; que a condição essencial da existencia do

paiz é equilibrar o orçamento; que é necessario que Portugal não seja uma nação de amanuenses; que emquanto tiver a confiança da corôa e do parlamento não deixará o seu logar, porque quer ser esmagado debaixo dos seus projectos, se se mallograrem; quanto á situação do thesouro, por numeros nada póde dizer n'aquelle momento, mas póde afiançar que o thesouro tem pago e continúa a pagar o que deve; e finalmente, quanto á circulação fiduciaria, que nada póde responder precisamente, mas que o governo espera n'um praso breve vêr restabelecida a circulação metallica.

A primeira parte d'esse discurso foi uma série de affirmações banaes, a segunda uma astucia vulgar; e ambas e todo o discurso, a unica coisa que nos revelaram foi que o ministro estava firmemente disposto a occultar a verdadeira situação do thesouro e com as mãos vazias de remedios. Todos sabemos que o estado da Europa é mau, e que um dos maiores beneficios para os males do paiz seria trazer para a lavoura, para o commercio e para a industria alguns milhares de braços que andam pelas secretarias de estado inutilmente ociosos, a sugarem o nosso magrissimo erario; o que nos importava conhecer, e o que o ministro não disse, são os meios por que podemos escapar á ruina economica da Europa ou que poderão attenuar os seus males, o que nos importava conhecer, e o que o ministro não disse, são os meios por que ha de operar-se essa transposição de amanuenses para operarios, como se ha de dar á industria forças sufficientes para sustentar os recemvidos, como se ha de dar a estes os habitos e costumes que a sua nova situação demanda. Sobre a maneira de resolver esse problema, em que se prendem a economia e a moral, nada nos disse o governo.

Parece, porém, que em meio do discurso o ministro teve um rebate da consciencia e uma viva tentação de ser franco e de desenganar o paiz; foi quando confessou que relativamente á situação do thesouro por numeros nada podia dizer. Verdade seja que accrescentou que tudo estava pago, menos o que se devia. Como elle havia de rir-se intimamente quando assim escarnecia do paiz em frente dos seus representantes, elle que de

resto é intelligentissimo! Pediam-lhe contas e elle respondia que d'isso nada sabia, mas que estavamos bem de fortuna publica; exactamente como um padre que mostrando as reliquias d'um santo nos dizia: — Não se sabe d'onde vieram, mas são igualmente authenticas. — Assim o ministro não sabia em que numeros basear os seus calculos, mas tinha igualmente por certa a boa situação do thesouro.

Ao snr. Marianno de Carvalho não escapava que as circumstancias afflictivas do paiz não permittem levar tudo a rir, conforme seria sua vontade. Por isso, depois de ter brincado algum tempo, acabou por lançar esta formidavel bomba de que deviam rebentar fontes de miraculosa confiança no governo: — Em pouco tempo espero vêr restabelecida a circulação metallica! — Conhecendo a rudeza do paiz, conhecendo a aversão que o povo das aldeias sente pelo papel moeda, facto que só por si revela quanto são estreitas as noções vulgares de economia politica, o ministro esperava conquistar o applauso publico com essa simples affirmação. E não perdeu o seu tempo: se muitos sabem que pouco importa o instrumento da troca, o essencial é o estado, por assim dizer, interno do organismo economico, as suas forças, o que se produz, o que se consome, o que se dá e o que se recebe do estrangeiro; se muitos sabem que, quando mesmo n'um praso breve o banco de Portugal convertesse em prata todas as suas notas, nem por isso melhoraria o cambio e nem por isso o thesouro publico e a economia nacional ficariam a dever menos ao estrangeiro, outros julgam que, se ha dinheiro — e por dinheiro entendem metal — estamos ricos. Esta é a maneira vulgar de apreciar as coisas, e para o grande numero, que se regula por esse criterio, a astucia do ministro não foi inadequada.

O discurso da corôa, na abertura do parlamento, confirmou as declarações do snr. Marianno de Carvalho. Em termos muito vagos e genericos falla-nos da organisação do municipio de Lisboa, «mantendo um justo equilibrio entre a acção local e a do poder central», das reformas do ministerio dos estrangeiros e das obras publicas, da reorganisação judicial e da escóla do

exercito, das notificações da lei do recrutamento, e vem repetir-nos que é «indispensavel assentar o equilibrio orçamental em bases solidas, e urgente regularisar a circulação monetaria».

De fórma que, referindo-nos aos dois documentos officiaes que mais podiam esclarecer-nos, o discurso da corôa e o do snr. ministro da fazenda, nada vemos que nos prometta melhores dias de riqueza. Tudo é vago, incerto; nem um só plano de administração em que se mostre o meio de chegar ao equilibrio orçamental tão apregoado, ninguem nos diz como havemos de sustentar-nos com as receitas actuaes sem reduzirmos o juro da divida publica e ao mesmo tempo esmagarmos o paiz com impostos. A verdade, a triste verdade, é que a situação é augustiosa: a divida fluctuante não é talvez inferior a 11:000 contos de reis, os cambios, cada dia peiores, augmentaram os encargos da divida externa, as receitas diminuem, e sobretudo isto as questões politicas azedam-se, porque a fome se vai alastrando e teme-se o praguejar de bôcas famintas. É certo, é certissimo, que serão muitos os desgraçados sem pão; a reducção nas despezas publicas começa a ser temerosa, porque no thesouro não ha real e o governo, de boa ou má vontade, vê-se obrigado a despedir das obras publicas muita gente que fica na rua, de braços cahidos, sem ter para que recorrer senão para essa loteria que se chama a emigração para o Brazil.

*

* *

Mentiriamos, porém, se dissessemos que a situação é desesperada; muito longe d'isso, são vivissimas as esperanças no fomento do trabalho nacional. No fundo do caracter portuguez ha estas duas grandes virtudes que nos amparam nas horas de provações — uma larga capacidade de soffrer e uma imaginação sempre prompta em pôr-nos diante dos olhos um futuro de prosperidade e de ventura.

Agora mesmo damos prova de quanto somos capazes de supportar, n'esta apathia com que vemos aproximar-se a fome

e com que temos deixado despojar-nos pelos *gros bonnets* da politica, sem revoltas, sem fogo nem sangue, mais tristes que colericos. Ha muito sabemos que os syndicatos capitalistas, em constante pilhagem saqueavam o thesouro publico, repartindo a presa com a gente da politica, e todavia não vemos os crimes e as revoltas que em toda a parte costumam corresponder a taes façanhas. Os moralistas dizem que todo o paiz está indifferente, porque está corrompido; mas, na verdade, não se concebe que a corrupção alcance as aldeias inteiramente alheias aos favores publicos. Quando se tentou fazer um inquerito agricola, em algumas povoações os lavradores queimaram os boletins de estatistica receiando novos impostos. Ora porque não acontece o mesmo com muitas repartições de fazenda, unica machina por meio da qual innumeras povoações conhecem a solicitude do estado? Nada mais natural que essa gente, cansada de pagar impostos sem saber para que, fosse assassinar o recebedor e incendiar-lhe a casa. É isso que não tem acontecido, e é isso que só póde explicar a natural humildade e doçura do povo portuguez. Talvez que longos annos de miseria e despotismo sejam a unica explicação de tal caracter; porventura o povo, habituado á fome, ao frio e á escravidão, perdeu para sempre o vigor e a cubiça, que entre outra gente levanta a discordia sangrenta.

Pobres, humildes, trazemos sempre dentro do peito uma esperança a acalentar-nos. Agora temos a esperança d'um rapido desenvolvimento da industria nacional. Sobre isso póde dizer-nos muito a exposição actualmente aberta no Palacio de Crystal do Porto.

Houve tempo em que era costume e de bom gosto desdenhar de todos os productos da industria nacional. Hoje já assim não é; a cada passo, entre os visitantes da exposição, se ouviam palavras de louvor e se notava o desvanecimento com que reconheciam quanto temos caminhado. E são justos esses sentimentos; a exposição, embora não seja a imagem bem completa do que produzimos, é todavia de molde a mostrar-nos quanto pagamos inutilmente ao estrangeiro, para obedecermos unicamente a preconceitos de elegancia ou a enraizados prejuizos

sobre a solidez, a belleza, duração e valor das coisas nacionaes. Podemos bem alimentar-nos e vestir-nos com o que nos dá a nossa terra, sem receiarmos confronto com os outros povos, que se consideraram os padrões da civilisação. Por esse lado podemos estar tranquillos.

Já não são as suspeitas de carecer de capacidade para produzir muito e bom, que podem embaraçar o desenvolvimento das nossas industrias; é sabido que não nos falta habilidade e que tarde ou cedo, melhor ou peior, vimos a fazer quanto os outros homens fazem. Mas as circumstancias economicas internas, a triste situação do thesouro publico, os embaraços da alta de cambios, podem pôr graves obstaculos ao desenvolvimento industrial, que agora apenas começa.

Precisamos primeiro ter em vista que o que a exposição nos offerece não é o resultado de causas actuaes; não se improvisam fabricas dentro de poucos mezes, levam sempre alguns annos a crear antes que produzam bem. As condições actuaes do commercio que difficultaram a importação de mercadorias estrangeiras podiam dar logar a que augmentasse o consumo de productos nacionaes, mas ainda não tiveram tempo para levantar fabricas; de futuro poderão levantal-as, agora são apenas um grande bem para as industrias creadas. Estas são o que nos legou a abundancia de numerario nos annos que precederam immediatamente a crise, a ousadia d'alguns homens emprehendedores, que não se amedrontaram com as más condições do mercado, e talvez ainda a campanha dos publicistas que incitavam á protecção do trabalho nacional.

As industrias, que agora se crearam, terão como primeiro obstaculo a falta de capitaes, cuja reconhecida escassez, devida ás diversas causas que ninguem ignora, é aggravada pela geral desconfiança e retrahimento. Depois os cambios trazem-lhes novos encargos, augmentando o preço de materias primas indispensaveis, como o carvão e o ferro.

Nenhum d'estes obstaculos é, porém, para assustar. Capitaes que bastassem para as necessidades mais urgentes sempre apparecerão, desde que se apresentem condições que remunerem

todos os riscos; ha ainda muito pé de meia a pôr em circulação. O augmento de preço nas materias primas traduz-se n'um imposto por tal fórma repartido e fragmentado, que quasi não se sente, e é pago sem alteração sensivel no consumo; cem reis a mais em cada metro de panno de lã, não é coisa que avolume a ponto de afastar os compradores. O grande obstaculo para o desenvolvimento industrial é a situação do thesouro publico; as receitas vão baixar com a diminuição das importações, e, como no erario não havia sobras, antes um constante e formidavel *deficit*, o estado terá de procurar em outra parte o que na alfandega lhe faltar. Onde? Todos os recursos tributarios estão esgotados; quem lucra com a situação são as fabricas, e é para ahi provavelmente que os governos hão de voltar os olhos. De fórma que estas malfadadas industrias, que nunca pudéram crescer, opprimidas sempre por um thesouro faminto que absorvia quantos capitaes havia disponiveis no paiz e quantos o credito lhe permittia tirar do estrangeiro, devastadas pela concorrencia n'um regimen economico que mostrou ser funesto, essas mesmas industrias estão ainda no risco de serem novamente estranguladas pelo imposto.

Entretanto discute-se, e vai com certeza ser approvada, uma pauta das alfandegas altamente proteccionista. É uma das maiores medidas economicas do tempo presente, com o caracter singular de que não é devida á iniciativa d'um homem ou d'um partido, mas a um movimento manifesto das idéas em vóga. Essa nova pauta é um facto de primeira grandeza: pelas consequencias economicas que envolve e pelas tendencias politicas que revela. Nunca o regimen representativo valeu menos como factor politico, e nunca a opinião publica, os seus interesses e as suas paixões pesaram mais na administração. Vai n'isso uma contradicção, que um dia examinaremos demoradamente.

5 de janeiro de 1892.

Jayme de Magalhães Lima.

REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

Novos dados sobre Bernardim Ribeiro

A casa editora Lugan & Genelioux acaba de publicar em um formoso volume uma edição da celebre novella pastoral de Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, dirigida e prefaciada por D. José Pessanha, antigo alumno do Curso Superior de Letras e actualmente empregado na Bibliotheca nacional de Lisboa. Não encarecemos o serviço prestado por aquelles benemeritos editores, porque a sua importancia é manifesta para todos os que amam a Litteratura portugueza. Fallando d'este livro é o nosso intuito investigar se o joven critico nos deu um trabalho digno do admiravel quinhentista, cuja obra ha tantos annos reclamava um texto bem revisto e bem interpretado, que pozesse em evidencia a profunda belleza que vagamente se entrevia sob os elementos apocryphos em que andava envolvida. Para conseguir este fim, o snr. D. José Pessanha collacionou todas as edições conhecidas da *Menina e Moça*, taes como a de 1557, 1559, 1645, 1785 e 1852, servindo-se pela primeira vez do manuscripto fragmentado da novella que se guarda na Academia de Historia de Madrid. Infelizmente não lhe foi possivel descobrir um exemplar da *Historia de Menina e Moça*, publicado em Ferrara em 1554, e do qual dá noticia Brunet. Porventura seria esse o texto definitivo, se elle podesse encontrar-se; no emtanto andou bem avisado o critico adoptando o texto da

edição de Evora de 1557, retocando-o com as variantes do manuscripto da Academia de Historia de Madrid e da edição de 1559 com o qual esta tem immediatas relações. Ha, porém, no texto adoptado n'esta edição da *Menina e Moça* uma innovação plausivel, que consiste na separação da parte descriptiva dos dialogos, com que andava sempre confundida, e que embaraçava a comprehensão d'aquella ingenua narrativa. Mas entre todas as edições existentes esta se distinguirá por ser dirigida no intuito de um problema litterario, que pela primeira vez propuzemos no nosso livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas.* As differenças profundas, que existem entre a primeira parte e a segunda, emquanto á simplicidade do estylo e clareza da acção, fazem-se sentir ao leitor ainda o mais desprevenido; e essas differenças accusam a intervenção de um apocrypho, que explorou a sympathia da novella com episodios desconnexos e peripecias complicadas, despidas de todo o sentimento. D. José Pessanha chegou tambem á conclusão do caracter apocrypho da segunda parte da *Menina e Moça,* que elle reforçou com argumentos tirados do desenvolvimento das situações incongruentes, que ás vezes estão em contradicção com as peripecias da primeira parte e até com o nome dos personagens. Para fazer sentir toda a belleza da concepção de Bernardim Ribeiro, limitou-se á reproducção exclusiva d'essa primeira parte, reconhecendo comtudo que a segunda parte embora apocrypha deve entrar como documento em uma edição integral, que não vise como esta a um deliberado intuito artistico. Entre os argumentos sobre o caracter apocrypho da segunda parte, avulta o facto de ter sido isso mais ou menos conhecido pelos contemporaneos da novella; assim nas edições de 1557-9, se lê: «*Segunda parte d'esta Historia das Saudades* de Bernardim Ribeiro: *a qual é declaração da primeira parte d'este livro*». Evidentemente revela a intenção de um desenvolvimento ulterior, porque o destino final dos seus desgraçados amores não podia ser descripto pelo poeta, victima da sua paixão. Sob este aspecto, a fórma fragmentaria da primeira parte corresponde á situação abrupta em que foram decepadas todas as esperanças do namo-

rado Bernardim, e á separação eterna ausentando-se dos logares em que contemplára a formosa Aonia. O primeiro capitulo da *Menina e Moça*, segundo o juizo de Bouterwek, apresenta uma especie de prologo á narrativa novellesca; andou bem o critico em pôr em evidencia essa fórma, destacando-o da acção pelo emprego dos caracteres grifos ou italicos. Assim, os considerandos ahi contidos esclarecem mais a situação moral do escriptor.

A edição da *Menina e Moça* é precedida de um prologo, onde se resumem as differentes theorias de interpretação da novella, que se fundam quasi todas na leitura dos anagrammas com que são designados os personagens. A primeira hypothese foi formulada por Faria e Sousa, na *Fuente de Aganipe,* no preambulo ou Discurso de los Sonetos; é d'ella que deriva essa lenda dos amores de Bernardim Ribeiro pela infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manoel, hoje completamente rejeitada por incompativel com os dados chronologicos. A collecção das varias rimas de Faria e Sousa publicadas em pequenos volumes com o titulo de *Fuente de Aganipe,* é extremamente rara, e por isso a transcripção completa dos trechos relativos a Bernardim Ribeiro torna accessivel á critica esse elemento do processo. A segunda hypothese é a que apresentámos no nosso livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas: Bimnarder* é o anagramma de Bernardim, *Aonia* o de D. Joanna de Vilhena, prima do rei D. Manoel, que a casou com o primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal; ella, levada aos tres annos para a côrte de Castella, na lucta de D. João II com a nobreza portugueza, só regressou á patria acompanhando D. Izabel (*Belisa*), primeira mulher de D. Manoel, a qual como a Belisa da novella tambem morre de parto. O novo editor da *Menina e Moça* acha muita plausibilidade n'esta interpretação, não se decidindo ainda por ella, á falta de uma prova mais categorica; comtudo dos dois documentos historicos que acompanham este livro se tiram novos dados para a biographia de Bernardim Ribeiro, e que vêm reforçar a hypothese em questão. A terceira interpretação pertence a Francisco Adolpho Varnhagem, que considera os amores de Bimnarder por Aonia como localisados na princeza

castelhana, que veio a ser conhecida na historia pelo nome de Joanna a Douda; é preciso architectar hypotheses sobre hypotheses para dar coherencia a uma interpretação tão phantasmagorica, e inadmissivel, desde que se observe que a situação das peripecias da *Menina e Moça* está localisada em Evora. O illustre antiquario eborense Gabriel Pereira, considera a acção principal da novella de Bernardim Ribeiro como passada nas cercanias de Evora, porque coincidem as descripções topographicas da *Menina e Moça* com a realidade: assim o ribeiro, descripto no capitulo II seria o *Divor;* os castellos visinhos, do capitulo XXIX, o da *Amoreira* e o da *Torre;* o santuario de grande romagem, que serviu de pretexto para Aonia fallar com Bimnarder, seria o de *Nossa Senhora da Graça* do Divor ou a *Visitação,* nos arredores de Monte-mór-o-Novo. Tudo isto fortifica a nossa interpretação, porque é facil estabelecer sobre a realidade dos logares a relação historica para os personagens. Contra a nossa hypothese inscreveram-se Camillo Castello Branco e D. Carolina Michaëlis, fundados na velhice de Bernardim, que davamos como nascido em 1475, pela deducção dos vinte e um annos de idade a que allude quando veio para a côrte por occasião das fomes e estiagens do Alemtejo; e portanto existia uma grande differença de idade entre elle e D. Joanna de Vilhena, e mesmo nas relações de amizade com Sá de Miranda. Á nossa data apresentavam em substituição a de 1500, deduzida da época das fomes de 1521; infelizmente esta substituição era absurda, porque já em 1516 apparece Bernardim Ribeiro figurando entre os poetas do *Cancioneiro geral,* publicado n'esse anno por Garcia de Rezende, e com certeza elle não podia brilhar com quatorze ou quinze annos entre os poetas dos afamados serões de D. Manoel, a que allude Sá de Miranda com desvanecimento. Dois documentos historicos, como já observámos, acompanham a presente edição; não tirou o joven editor a luz implicita n'elles, e comtudo elles vêm esclarecer a presença de Bernardim Ribeiro no paço de D. Manoel e a amizade entre elle e Sá de Miranda.

O primeiro documento é a matricula de Bernardim Ribeiro

na Universidade de Lisboa, de 1507 a 1512. Contém-se este facto no Livro I da Universidade de Lisboa, fl. 28, 53, 79, 92, 107 v., 108 v. e 111 v. Tomando, pois, esta data de 1507, como base, e sabendo pela Ecloga II, que o poeta entrou em Lisboa com *vinte e um annos* de idade, com a barba pungida, vê-se que a data do seu nascimento se fixa de um modo definitivo em 1485. Assim concilia-se logo a relação de idade com D. Joanna de Vilhena, nascida em 1486, e com Sá de Miranda, nascido em 1495. Pela data da ultima matricula vê-se que á sua formatura em 1512 tinha elle vinte e seis annos; Faria e Sousa fornece-nos um facto para a identificação do poeta com o doutor. Na *Fuente de Aganipe* chama-lhe: « hidalgo de nascimiento *é jurisconsulto de proficion* ». E esta mesma indicação se reforça pelo segundo documento historico, a carta regia de 23 de setembro de 1524, na qual D. João III confiando « da bondade, saber e discrição do *doutor Bernaldim Ribeiro*, que pela pratica e ensino que tem » o servirá bem como escrivão da sua camara. O documento é datado de Evora. É natural que a referencia á pratica e *ensino que tem*, signifique regencia de cadeira na Universidade de Lisboa por substituição *ad vota audientium*, como então se costumava, e nas condições em que Sá de Miranda tambem leccionou quasi pelo mesmo tempo. A aristocracia portugueza recebia n'esta época uma educação muito completa, frequentando as Universidades e humanistas de Italia, e as escólas de Paris. Não nos admira encontrar João Ribeiro, primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, abandonando a vida activa do commercio e das viagens, para ir estudar em Paris, onde sustentou em 1517 os ultimos lampejos de aristotelismo hespanhol na cadeira de seu mestre João Celaya. Era este o caracter predominante da educação da fidalguia, e um argumento positivo de que a matricula da Universidade de 1507 a 1512, e o documento de 1524 se referem a Bernardim Ribeiro, o poeta da *Menina e Moça*. Mesmo o conhecimento do genero pastoral, antes do regresso de Sá de Miranda da Italia, é um indicio do homem de letras, ao corrente do gosto artistico e poetico da Renascença. Em vista d'estas datas, explica-se como Bernardim

Ribeiro collaborou no *Cancioneiro geral* de 1516, porque contava então trinta annos, o que se confirma pelos seus versos — « que *já o tempo e os annos* — outros cuidados me dão ». Sá de Miranda tambem figura no Cancioneiro geral, formando com Bernardim Ribeiro um pequeno circulo de poetas em volta da instruida D. Leonor de Mascarenhas, que apparece denominada — a Vittoria Colonna portugueza. Bernardim Ribeiro designa Sá de Miranda nas suas Eclogas pelo anagramma de *Sandomir*, e este chama-lhe — « Amigo y *buen compañero* ». Estavam na confidencia dos mutuos amores. O casamento de D. Joanna de Vilhena com o Conde de Vimioso, por indicação do rei D. Manoel, foi a decepção irreparavel de Bernardim Ribeiro; é natural mesmo que a carta regia de 23 de setembro de 1524 tivesse em vista fixal-o na côrte, d'onde elle tencionava ausentar-se. A sahida de Sá de Miranda da côrte em 1534, attribuida em uma nota manuscripta á sua primeira Ecloga em uma edição de 1614, *a sentimento dos Ataides*, é explicada por D. Carolina Michaëlis, pela defeza que Sá de Miranda tomou do seu amigo Bernardim Ribeiro a quem aquelles favoritos de D. João III imputavam a terrivel satyra da *Maria Pinheira*. Ha sempre em toda a tradição um fundo de verdade, que importa descobrir: assim os amores de Bernardim Ribeiro pela filha de D. Manoel, reduzem-se á verdade de se ter elle apaixonado por uma prima do monarcha; e tambem o odio e perseguições inexplicaveis da familia dos Castanheiras contra Camões, como se contava nas lendas biographicas, são uma realidade se os transferirmos para Bernardim Ribeiro. A Satyra da *Maria Pinheira* foi tambem attribuida a Damião de Goes, que em 1533 viera a Portugal; isto nos leva a precisar que o escandalo d'essas quadras anonymas que feriam os Castanheiras dando-lhes por avó uma judia, se deu n'esse anno de 1533. Póde-se tambem inferir que a sahida de Bernardim Ribeiro de Portugal seria provocada pela omnipotencia d'estes validos de D. João III. Fóra de Portugal é que se imprimiu pela primeira vez a *Historia de Menina e Moça*, em Ferrara, na Italia; era tambem a viagem da Italia, na primeira metade do seculo XVI, um dos gostos pre-

dilectos da aristocracia portugueza. Sá de Miranda, que regressára a Portugal em 1527, com certeza descreveria a Bernardim Ribeiro a vida artistica e scientifica d'aquelle paiz cheio de tradições da antiguidade e da mais absoluta liberdade mental. A morte de Bernardim Ribeiro póde fixar-se aproximadamente em 1550; porque em um documento judicial de 1552, já citado por Camillo Castello Branco, e tambem muito referido nos nobiliarios manuscriptos, fallando-se de João Ribeiro lê-se: « primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal, conhecido pelos seus versos intitulados *Menina e Moça* ». Na edição d'esta novella de 1645, por Manoel da Silva Mascarenhas, que se dá por neto de um primo-co-irmão de Bernardim Ribeiro, diz que a *Menina e Moça* « não se imprimiu em vida do auctor ». Portanto, esse livro de reconditas confidencias amorosas e allusivo a galanterias da côrte não podendo ser *conhecido* em manuscripto, leva a inferir que esse conhecimento affirmado no instrumento judicial de 1552 resultára da morte do poeta pouco antes, e de alguma edição, hoje ignorada, anterior á edição de Ferrara de 1554. Pelo titulo da edição de Ferrara vê-se que ha allusão a um texto anterior, sobre o qual se fizeram emendas e se accrescentaram poesias: « *Hystoria de Menina y Moça* por Bernaldim Rybeiro, *agora de novo estampada* e *com summa deligencia emendada,* e assi *alguas eglogas suas* ». É para notar que o instrumento judicial de 1552 traz o titulo de *Menina e Moça* exclusivamente adoptado nas edições feitas fóra de Portugal, como as de 1554 e 1559. Portanto é admissivel que se tivesse feito uma edição anterior a 1552, então muito conhecida, e que tornou corrente o titulo de *Menina e Moça,* que nas edições portuguezas de 1557, 1645 e 1785 foi sempre substituido pelo titulo de *Saudades,* segundo a intenção do auctor á vista dos manuscriptos. Por esta discussão, precisa-se a data do fallecimento de Bernardim Ribeiro, que fixada em 1550 nos dá a idade plausivel de sessenta e quatro annos. Sá de Miranda sobreviveu-lhe mais oito annos, ferido por intimas angustias de familia, em 1558, sem talvez ter lido o livro das *Saudades,* cujos personagens conhecera, e que lhe avivariam

aquella época luminosa e sympathica dos Serões do paço. Ainda que a nova edição da *Menina e Moça,* pelo snr. D. José Pessanha, não trouxesse para a historia litteraria outra contribuição além dos dois documentos de 1507 a 1512 e 1524, era já um meritorio serviço, porque vinha prestar novos elementos para a reconstrucção da vida de Bernardim Ribeiro. Mas esta edição revela-nos qualidades de um critico dirigido por um seguro methodo, e póde-se dizer que o texto da *Menina e Moça* apparece pela primeira vez estudado com a veneração com que os philologos da Renascença restauraram os textos dos escriptores da antiguidade classica. Além do merito do livro, felicito-me pela obra do meu antigo alumno na cadeira de Litteratura do Curso Superior de Letras; porque no meu ensino nunca visei a incutir factos na memoria dos discipulos, mas simplesmente a despertar-lhes a curiosidade mental, a provocar-lhes a paixão pelos problemas expostos. Assim tem a semente germinado em muitos espiritos, e elles, suggeridos pelas proprias predilecções, revelam-se com originalidade e talento, muito além das mais favoraveis previsões. Todos os que se interessam pelas obras primas da Litteratura portugueza têm de consultar esta edição critica e de incorporal-a nos seus escrinios.

Theophilo Braga.

BIBLIOGRAPHIA

Camões e o Sentimento Nacional, por THEOPHILO BRAGA. — Lugan & Genelioux, editores; Porto, 1891.

Mais uma contribuição, interessante e valiosissima, para os estudos camoneanos. O illustre professor, que foi um dos mais enthusiasticos e ardentes apostolos da celebração do tri-centenario do nosso épico, collige agora em volume os numerosos trabalhos dispersos, escriptos e publicados por occasião d'esse movimento de apotheose e consagração.

Systematico, por natureza e por educação, o nosso eminente escriptor mantem ainda hoje as mesmas idéas de ha doze annos sobre o influxo da epopeia camoneana no sentimento nacional. Ora com tristeza confessamos que esse influxo se nos afigura, a nós, haver sido collectivamente nullo, em tres largos seculos de historia. Os *Lusiadas* foram, sem duvida, a expressão do que de mais elevado houve nos sentimentos nacionaes do Portugal de Aviz. Não será até improprio comparal-os á florescencia esthetica d'esse bello cyclo da nossa vida social. A flôr, porém, não tem o poder de retribuir a vida á arvore que a cria. Ha mesmo plantas que morrem ao florir. E o nosso caso foi esse. Em todo o seculo XVII e em todo o seculo XVIII, os *Lusiadas* não são de fórma alguma um livro popular. São o livro querido dos eruditos, dos artistas e dos patriotas, d'essa aristocracia psychologica que, felizmente, ainda nas épocas de maior indifferença materialista e de mais crassa baixeza de espirito, não interrompe a sua abençoada linhagem. Entra o nosso seculo — e as coisas não mudam. Se ao épico continúa a não faltar a admiração restricta d'essa elite intellectual, não lhe falta tambem um homem de genio como José Agostinho para, envenenado de vaidade, o morder hydrophobamente. Dois clarões fulgem, em seguida, n'esta treva do esquecimento collectivo: a estatua que se lhe ergue em Lisboa, e, mais tarde, a celebração do seu tri-centenario. Duas festas a que a multidão acudiu, como acode a todas as festas. O caracter, porém, de nacionalidade, de sentimento collectivo, de comprehensão moral d'esta nova lithurgia humana — falta por completo. Como sempre, sentem-no e entendem-no unicamente os eruditos, os artistas, os patriotas... As multidões apenas *véem*... É um espectaculo novo e estranho, uma procissão sem santos. Sem santos? — Quem sabe?... Nem tão poucas vezes ouvimos por esse tempo, na bôca do povo, o nome de *S. Caimões*... Rebentados, porém, no ar os ultimos foguetes, emmudecidas as bandas, recolhida a procissão — o *santo* volta ao culto esoterico dos iniciados. Cada um torna a pensar nos seus interesses, n'uma sociedade roída do mais vil egoismo. E a prova de que o centenario não passou d'um espectaculo pittoresco, sem o menor influxo moral no paiz, está no tristissimo facto de que os doze ultimos annos têm sido talvez aquelles em que o caracter nacional mais se deprimiu e aviltou.

Esta discordancia quanto á identificação do sentimento nacional com a individualidade de Camões, não quer, comtudo, dizer que, por outro lado, não concordemos com a suprema verdade de que esse poeta sublime consubstancia, synthetisa maravilhosamente a alma portugueza da Renascença. Não quer dizer, tão pouco, que o livro do eminente escriptor não tenha, sob o ponto de vista do interesse erudito, critico, historico e litterario, a mais subida e incontestavel valia. Bem ao contrario, são paginas d'uma capital importancia para a restauração biographica da personalidade de Camões e para a comprehensão da sua obra.

Em duas partes se divide o livro. A primeira, repartida em quatro capitulos, visa especialmente o assumpto a que acabamos de nos referir. No primeiro d'esses capitulos refez o auctor a vida do poeta de uma fórma que tende a corrigir (como no proprio prologo se declara) o volume da *Historia de Camões,* pertencente á serie da *Historia da Litteratura Portugueza.* O segundo capitulo tem por assumpto o estudo critico e social dos *Lusiadas.* O terceiro considera a immortal obra lyrica do poeta. O quarto, emfim, occupa-se do theatro camoneano. A segunda parte, sob o titulo de *Additamentos,* encerra os varios escriptos dispersos a que a celebração do centenario deu origem, taes como uma importante nota sobre a sepultura de Camões, uma noticia biographica do visconde de Juromenha, noticias sobre a celebração do centenario no Brazil, conferencias, circulares da commissão executiva da imprensa redigidas pelo auctor, etc. etc.

Á parte o alto valor erudito e critico de muitos d'estes trabalhos, têm todos elles um vivo interesse documental, e são um testemunho do infatigavel labor d'esse bello e nobre espirito a quem a litteratura portugueza tão relevantes serviços fica devendo.

Endeixas e Madrigaes, por Alfredo da Cunha. — Typ. Castro & Irmão; Lisboa, 1891.

Através de todas as fluctuações do gosto, de todos os momentaneos e ephemeros *engouements* pela originalidade de themas novos e de uma plastica inedita do verso — ha fórmas e typos de poesia que nunca se obliteram, nunca murcham, nunca perdem essa mocidade eterna que o sincero e ingenuo culto do Bello dá ás creações n'elle inspiradas. Quantas escólas e escólasinhas, quantas formulas e formulasinhas d'arte têm ahi formigado, trazidas pelo influxo das litteraturas estrangeiras, depois que João de Deus produziu, por exemplo, as incomparaveis estrophes da *Vida?* Pois de tudo isso pouco ou nada sobrenada, e no emtanto esses versos, que têm mais de trinta annos, adquiriram a consagração classica das coisas immortalmente bellas. É que a verdadeira arte não vive de formulas, mas de emoções; não alcança o caracter de perpetuidade no bello por via de um capricho transitorio do gosto, mas sim pelas qualidades fundamentaes d'essa Esthetica que gerou, com igual grandeza, uma estrophe de Eschylo ou de Dante, uma ecloga de Virgilio ou um soneto de Camões. A rhetorica vasia passa, morre, em todas as litteraturas. A simplicidade, sinceramente emotiva e despretenciosamente bella — persiste e resiste aos ataques do tempo, conservando, como um marmore hellenico, toda a sua graça e toda a sua vida primitiva.

As *Endeixas e Madrigaes,* do snr. Alfredo da Cunha, não são o livro de um rhetorico, nem d'um possesso da originalidade debatendo-se n'uma epilepsia de imaginação torturada: são a obra calma, serena, singela nos processos, sincera no sentimento, delicada no gosto, d'um verdadeiro, d'um legitimo poeta. Sem aspirações superiores á envergadura da propria imaginação, os seus ver-

sos têm um cunho de *honestidade litteraria*, que desde logo os torna sympathicos e lhes conquistam um interesse benevolente da parte de quem os lê. Ha n'elles uma graça modesta e ingenua, que lhes dá um singular encanto. Como emoção, têm frescura e pureza; como arte têm uma apreciavel correcção. Á limpidez da phrase, á naturalidade sem esforço das imagens, á facilidade da rima, á boa construcção technica do verso, corresponde intimamente uma fina esthesia lyrica, que transmitte á fórma a tepida palpitação da vida. Sendo trabalhadas com consciencioso labor, não são, porém, marmoreas e frias essas estrophes. O poeta e o artista completam-se harmonicamente n'esta fina organisação litteraria.

N'uma *nota* final, o auctor confessa que o seu livro se formou espontaneamente, sem preoccupações de escóla e sem um plano preconcebido. Os seus versos foram como que uma emanação psychico-artistica da sua juventude. A sua impressionabilidade procurava nas fórmas poeticas essa expansão necessaria aos talentos expressivos. Cada sensação tendia a crystallizar, a fixar-se pela palavra e pela harmonia. D'ahi o livro, feito aos poucos, composto de materiaes dispersos — mas achando a sua unidade na força caracteristica do temperamento que o gerou. Ora esta mesma espontaneidade — é dos mais bellos predicados da obra. O merito da poesia é essencialmente qualitativo. E, se ha qualidade verdadeiramente fundamental, em materia de poesia, é esta que acabamos de apontar. Sem ella, essa nobre arte desce, mesmo, da sua superioridade emocional á inferioridade d'um puro artificio litterario.

Não acontece isto com os versos do snr. Alfredo da Cunha. E a demonstral-o está, sobretudo, a segunda parte do seu livro, que comprehende os *Madrigaes*. É n'ella que o poeta affirma claramente a sua veia lyrica e accentúa, sem hesitações, o seu caracter poetico. As *Endeixas* são mais frouxas e incolores. Encerram até composições que o titulo não comporta, nem epigrápha com propriedade. E não são, justamente, das mais felizes nem das mais bellas. Pelo contrario nos *Madrigaes*, raras são as poesias que não mereçam á critica uma especial menção. Citaremos entre outras as seguintes: *To my soul's idol, Salvè Rainha! Prisma d'amor, Preghiera, Sabbatina, Em confissão, Soletrando, Gosto amargo, Feliz culpa! Reliquias, Reflexos, Manhã e noite, Bemdita sois vós...* Juntando a estas o offerecimento, o *Prologo* e o soneto v da serie *Tedium vitae*, inserto nas *Endeixas*, teremos extremado as composições que melhor nos impressionaram e que mais indisputavelmente testimunham as reaes qualidades poeticas do auctor.

Em muitas d'ellas o poeta attinge, por vezes, um tão alto grau de emoção lyrica, uma tal crystallinidade de expressão e uma factura tão correcta e solida, que lamentavel será que este ensaio abra e feche, a um tempo, a sua carreira litteraria. Não nos dá esperanças de que assim não seja a modesta e conscienciosa nota que remata o livro. Oxalá, porém, nos enganemos!

A fabrica das Caldas da Rainha, de Ramalho Ortigão. — Porto, 1891.

De ha muito que se vem fazendo uma vehemente propaganda a favor do resurgimento da fabrica de faianças das Caldas da Rainha. Pequenos desastres de administração, inevitaveis em industrias que se iniciam e sempre tributo dos emprehendimentos largos, principalmente em paizes de actividade parada, sem escólas, sem modelos e sem esthetica, obrigaram duramente o encerramento d'esta notavel instituição. Homens de letras, naturalistas e engenheiros têm procurado concorrer para a reabertura e prosecução dos trabalhos encetados d'um modo tão singularmente imprevisto, original e brilhante; a novidade e o en-

canto de variadas e innumeras peças decorativas, as excellentes vantagens da materia prima, na qualidade, na quantidade e na jazida, as notaveis acquisições na technica ceramista, eis, nas rapidas linhas geraes, os factores concorrentes para uma empreza de exito amplo, seguro e prospero. Ramalho Ortigão vem juntar-se, com a sua prosa lucida, vibrante e persuasiva, aos que gritam á besta indigena que o estado actual da fabrica «é o vestigio do mais barbaro e mais cruel golpe que póde ferir uma industria». O opusculo é um artigo-extracto da *Gazeta de Noticias* em que Ramalho pinta eloquentemente a situação actual do estabelecimento, a sua obra e o que ella ainda viria a ser. Abre pela descripção do magnifico predio destinado á exposição e deposito das louças artisticas, «as mesmas que em Paris, ha dois annos, fizeram a reputação artistica de Portugal e o inesperado encanto do mundo». E, seguidamente, o ensejo de passar em revista essa vasta e linda documentação ethnographica da vida popular portugueza. «Uma grande parte dos principaes typos do nosso incomparavel vasilhame portuguez, convertida em artigos de luxo pela delicada applicação de um accessorio ornamental: o alcatruz das nossas noras mouriscas; o moringue, que importamos da India e da America; o jarro chinez, imitado da taça Tsio e da taça *dos grandes letrados,* que os nossos viajantes transferiram da China pela primeira vez á Europa; varias bilhas populares, em que se conservam, com admiravel pureza, as fórmas gregas e romanas da *cratera,* do *bombylio,* da *ambula* e do *cantharo* consagrado a Baccho; muitas das fórmas que herdamos dos arabes, como a *almotolia,* o *alguidar,* a *batega,* a *alcanzia,* a *aljofaina;* os vasos figurativos, imitação dos que fomos os primeiros a vêr no Perú e no Mexico; os varios recipientes de origem propriamente popular, como os gumis, os picheis, as pucaras, as quartinhas, as ancoretas, os cantis e os tarros. Innumeros motivos decorativos, uns tradicionaes, outros inteiramente novos, tirados da fauna e da flora d'esta zona da Estremadura: flôres e folhas de cardo, de pimentos, de girasoes, de hera, de vinha, de oliveira, de papoula, de carvalho, de feijoeiro; algas, pimentos, conchas, musgos, azas de grillos, cabeças de camarão, caranguejos, tartarugas, ruivos, mexilhões, enguias, rãs, lagostins; grupos de fructas, de peixes, de parrecos e de pintasilgos; revoadas de pombos e de andorinhas, ondulações de lagartos, lampejos dourados de escaravelhos e de abelhas; stylisações ou simples attitudes de carneiros, de bacoros, de burros, de touros, de gatos borralheiros e de gatos bravos; variadissimas applicações ornamentaes de ferramentas ou de utensilios domesticos, gigos vindimos, cabazes, alforges, ceirões, borrachas, esteiras, abanos, tamancos, odres, rêdes, boias, cordames e linhas de pesca».

Depois, uma demorada analyse aos excellentes padrões de azulejos e á louça de uso commum, esta ultima de fabricação apenas iniciada, mas em cujo desenvolvimento progressivo está a garantia, bem patente e bem sólida, do largo futuro da empreza. Sobre a paralysação do machinismo fabril, sobre a quasi inutilidade da escóla industrial annexa, o famoso laboratorio do futuro, deixa Ramalho cahir as mais desolantes palavras de dôr. É que devéras consterna, magôa amarguradamente a situação d'uma fabrica que, «com um pessoal exclusivamente portuguez, com materias primas portuguezas, conseguiu no breve periodo de quatro annos crear um novo estylo decorativo genuinamente nacional, educar operarios de primeira força, triumphar pela bellcza dos seus productos em concorrencia com productos estrangeiros n'uma exposição universal, e sobre tudo isso tocar pela arte o coração do paiz inteiro, dar ao povo uma commoção nova de admiração, de orgulho, de fé na força do seu engenho e da sua productividade, acordando para o trabalho, n'uma alvorada de triumpho, faculdades creativas, de imaginação, de sentimento e de technica, que desde muito tempo se tinham por mortas no cerebro d'uma raça apparentemente esterilisada para toda a concepção artistica».

O opusculo de Ramalho é, como se vê por estes curtos extractos, um vehemente protesto contra a passividade d'aquelles a quem cumpria contribuir para o levantamento d'uma industria tão brilhantemente começada como descaroavelmente perdida. Virá a tempo? Acordará? Talvez sim, talvez não!

*

Mas em paiz de tradição esquecida, honra escalavrada, vida prestes extincta, é licito esperar ainda, Bordallo, oh! querido, oh! adoravel, oh! immerecido artista?

Sciencia politica, por ALBERTO SALLES. — Teixeira & Irmão, editores; S. Paulo, 1891.

Pela simples inspecção do titulo se deprehende desde logo a natureza d'este livro. O auctor, preparado com uma solida orientação scientifica e os conhecimentos indispensaveis em materia tão complexa e tão intimamente ligada aos factos de observação e leis já assentes nos amplos dominios das sciencias naturaes e sociaes, alcançou realisar um trabalho simultaneamente valioso, lucido e opportuno.

Abre o livro pelo estudo da situação da politica no quadro da sociologia, e segue-se-lhe o da evolução, methodo e objecto da politica, e theorias da organisação social, politica e da nacionalidade. O capitulo intitulado *Factores da evolução politica* é curto, mas preciso e sufficientemente educativo para um trabalho d'esta ordem. Seguem-se-lhe os relativos ao estado, ao executivo, ao ministerio, á diplomacia, ao legislativo, ao judiciario e aos governos locaes. Por ultimo e em conclusão, o auctor declara de novo, com uma lealdade e isenção verdadeiramente sympathicas, que o proposito e a amplitude da sua obra o levariam a mais desenvolvido estudo de phenomenos e leis sociaes, cuja indicação e interpretação foram omittidas ou apenas levemente tocadas. Mas nem por isso o seu trabalho deixa de ser d'um subido prestimo e não menos efficaz opportunidade no momento angustioso, embora diverso em causas e origens, por que passam actualmente os dois paizes em cuja lingua é escripto. É necessario registrar ainda que a fórma é extremamente lucida, clara e elegante. Tanto basta para que chamemos a attenção de todos para a leitura e meditação do excellente trabalho do publicista brazileiro, confiados em que estas palavras apenas annunciativas, bastarão para inteirar quem lê, que a *Sciencia politica* é um livro duplamente estimavel pela sua actualidade e natureza do intuito.

Compendio de grammatica portugueza, por AUGUSTO FREIRE DA SILVA. — Teixeira & Irmão, editores; S. Paulo, 1891.

Este compendio conta já seis edições e é escripto por um professor de lingua portugueza n'um curso preparatorio annexo á faculdade de direito de S. Paulo. N'um rapido exame que lhe fizemos pareceu-nos que o auctor possue uma elevada orientação no assumpto e, parallelamente, uma erudição pouco commum entre grande numero de escriptores que se têm occupado da materia, cujo accesso é tão delicado quanto, apparentemente, se julga facil. O plano geral da obra agrada-nos e igualmente a distribuição e capitulação das partes que abrange. Fórma, precisa e correcta.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 34, Rue de Provence; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL

10 volumes brochados. . . 13$500

NOVA GÔA 1857-1877

Á venda na livraria CHARDRON

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia e Linguas orientaes.* — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

BANCO NACIONAL DO BRAZIL

Incorporado com o Banco Internacional do Brazil

FUNDADO NO RIO-DE-JANEIRO A 1° DE OUTUBRO DE 1889

Capital subscripto : Rs. 90,000 : 000$000
ou £ 10,000,000 sterling, ou 250 milhões de francos
50 por cento dos quaes por entrar.

DIRECTORIA :

Conde de FIGUEREIDO, *Presidente* — Visconde do GUAHY, *Vice-Presidente*

Barão de Salgado Zenha.
Manoel Moreira da Fonteca.
Pedro Gracie.
William H. Holman.
Senador Francisco de Carvalho Soares
Brandão.
Luiz Rodrigues de Oliveira.
Manoel Gonçalves.
Duarte.
Edward Herdman.

SUCCURSAES :

Pernambuco e Pará

CORRESPONDENTES :

EM TODOS OS PORTOS DO BRAZIL

SUCCURSAL EM LONDRES :

London and County banking Company Limited

Compra cambiaes sobre o estrangeiro. Fornece letras de credito aos viajantes e para operações commerciaes. Recebe consignações de cafés e outros productos para serem expedidos, sobre os quaes fornece adiantamentos nas condições convencionadas. Faz adiantamentos sobre cafés e mais mercadorias, de accordo com os estatutos do Banco e effectúa toda a sorte de operações bancarias. Encarrega-se de guardar titulos e cobrar coupons, de sua venda e compra, bem como das remessas de dinheiro pelo correio ou pelo telegrapho.

CORRESPONDENTES NA EUROPA E AMERICA

Pariz, Bruxellas, Amsterdam e Genebra. — Banque de Paris et des Pays-Bas.
Antuerpia. — Banque d'Anvers.
Hamburgo, Berlim, Francfurto. — Deutsche Bank.
Genova, Roma, Napoles, etc. — Banca generale, e succursales.
Madrid e outras cidades de Hespanha e Ilhas Canarias. — Banco hypotecario de España, e succursales.
Lisbôa, Porto, etc. — Banco de Portugal e succursaes.
Nova-York. — MM. G. Amsinck & C°.

LIVRARIA CHARDRON—LUGAN & GENELIOUX, Editores

OBRAS PARA PREMIOS

A. le Pileur

O corpo humano, traducção revista pelo professor da escóla-medico cirurgica do Porto, Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Brochado..... 1$000
Cart..... 1$500

Esta obra, illustrada com 44 gravuras elucidativas do texto, é precedida d'uma *gravura colorida* representando a circulação do sangue (pulmões, coração, arterias e veias) e impressa em magnifico papel.

Anthero de Quental

Thesouro poetico da infancia. Broch. 400
Cart..... 500

Camillo Castello Branco

Os ratos da inquisição de Antonio Serrão de Crasto, judeu portuguez. Broch.. 600
Cart..... 900

Conego Christovão Schmid

Bibliotheca da Juventude Christã, approvada pelo em.mo cardeal bispo do Porto.
Genoveva.
Eustachio, episodio dos primeiros tempos do christianismo.
Ignez, ou a pequena tocadora de alaúde.
Em um volume cartonado..... 500

Estes tres romancinhos religiosos, originaes do celebre conego allemão Schmid, offerecem uma leitura deliciosa, ao mesmo tempo que inculcam as mais saudaveis doutrinas moraes e religiosas.

Contos arabes

As mil e uma noites. Nova edição illustrada com 131 gravuras e revista cuidadosamente sobre os melhores textos. 4 vol. brochados..... 2$400
Cart..... 3$000

Francisco Palha

Musa velha. Broch..... 600
Cart..... 800

Gaume

O grande dia aproxima-se! ou cartas sobre a primeira communhão, trad. pelo padre F. C. Arruda. Cart..... 400

Joaquim d'Araujo

Primeiras leituras. Selecta infantil coordenada para uso das escólas primarias. Brochado..... 400
Cart..... 540

Luiz de Camões

Os Lusiadas, illustrados com os retratos de Camões e Vasco da Gama. Cart... 200

Luiz Figuier

As grandes invenções antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes. Obra para uso da mocidade, illustrada com 231 gravuras.
Broch..... 3$000
Cart..... 3$600

Luiz Jacolliot

A Africa mysteriosa, romance geographico. 1.ª parte: O ultimo negreiro. 2.ª parte: O homem dos desertos. 3.ª parte: A cidade das areias. 4.ª parte: Os pescadores de Nacar. 4 vol..... 1$200
Cart..... 1$500

Padre Mach

Ancora de salvação, ou copiosos e efficazes meios para cada um se salvar. 3.ª edição.
Cart..... 600

Os fieis encontrarão n'este livrinho um poderoso auxilio e fiel regulador das suas devoções e praticas piedosas.

Catecismo exemplificado, ou doutrina catholica explicada com muitos e notaveis factos historicos, parabolas e comparações. Brochado..... 800
Cart..... 1$000

É para as creanças um encanto que as prende e seduz. D'aqui a grande utilidade d'um catecismo em exemplos, onde por tal fórma se aprendam as verdades da religião.

Mathias da Luz Soares

Maximas, conselhos moraes, pensamentos, memorias, sentimentos nobres e proverbios. Obra utilissima para a instrucção da mocidade, dedicada e offerecida aos paes de familia. 2.ª edição. Broch..... 600
Cart..... 900

Thomaz Ribeiro

O D. Jayme das escólas. Broch..... 400
Cart..... 500

Cardeal Wiseman

Fabiola, ou a Egreja das catacumbas. Romance religioso. Nova edição illustrada.
Broch..... 1$000
Cart..... 1$300

Todos estes livros estão encadernados com elegantes cartonagens.

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

PUBLICAÇÕES DE 1891

Ahn

Curso de lingua franceza. Adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros pelo professor H. Brunswick. *Quarta edição,* correcta e augmentada. 1 vol..... 500
Encadernado..... 700

Padre A. Guillois

Explicação litteral e moral das *Epistolas e Evangelhos* dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, etc., etc. *Terceira edição.* 2 vol..... 1$500

Bernaldim Ribeiro

« Menina e moça... » (SAUDADES). Edição dirigida e prefaciada por D. José Pessanha. 1 vol..... 500

Camillo Castello Branco

Questão da Sebenta. Collecção completa. (Opusculos I a IX). 1 vol. 500

Eça de Queiroz

A reliquia. *Segunda edição.* 1 grosso vol..... 1$000
As minas de Salomão, romance de Rider Haggard. Traducção revista por Eça de Queiroz. 1 vol..... 600

Ignacio de Vilhena Barbosa

Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. *Nona edição.* 1 vol..... 400
Encadernado..... 560

Joaquim d'Araujo

Primeiras leituras. Selecta infantil, coordenada para uso das escólas primarias. 1 vol..... 400
Encadernado..... 540

Conde Leon Tolstoï

A sonata de Kreutzer. Estudo social. 1 vol..... 400

Oliveira Martins

Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal. 1 vol..... 600
Os filhos de D. João I. Edição de luxo, illustrada, papel de linho, typo elzevir. 1 grosso vol..... 2$000
Portugal em Africa. A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez. 1 vol..... 400

Pinheiro Chagas

Brazileiros illustres. *Segunda edição,* revista e accrescentada. 1 vol. 300
Encadernado..... 400

Raposo Botelho

Geographia geral actualisada e posta em harmonia com o novo programma para o ensino nos lyceus. *Setima edição,* correcta e adaptada á ultima organisação da instrucção secundaria. 1 grosso volume..... 1$000

Theophilo Braga

Camões e o sentimento nacional. 1 vol..... 600

Cardeal Wiseman

Fabiola, ou a Egreja das catacumbas. Romance religioso. *Nova edição illustrada.* 1 grosso vol. brochado..... 1$000
Encadernado..... 1$300

NOVAS PUBLICAÇÕES

METHODO DE AHN

CURSO DE LINGUA FRANCEZA

ADEQUADO AO USO DOS PORTUGUEZES E DOS BRAZILEIROS

PELO PROFESSOR

H. BRUNSWICK

Quarta edição correcta e augmentada

1 vol..... 500
Encadernado..... 700

BERNALDIM RIBEIRO

MENINA E MOÇA

(SAUDADES)

Edição dirigida e prefaciada

POR

D. JOSÉ PESSANHA

1 vol..... 500

CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUESTÃO DA SEBENTA

COLLECÇÃO COMPLETA

(OPUSCULOS I A IX)

1 vol..... 500

CONDE LEON TOLSTOI

A SONATA DE KREUTZER

ESTUDO SOCIAL

1 vol..... 400

OLIVEIRA MARTINS

CAMÕES

OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL

1 vol..... 600

OS FILHOS DE D. JOÃO I

Edição de luxo, illustrada, papel de linho, typo elzevir

1 grosso vol..... 2$000

PORTUGAL EM AFRICA

A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez

1 vol..... 400

THEOPHILO BRAGA

CAMÕES E O SENTIMENTO NACIONAL

1 vol..... 600

Porto — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70